

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Michelle de Abreu Aio

**O CASO AF447: O JORNALISTA COMO TRADUTOR DE
FATOS NAS CULTURAS BRASILEIRA E PORTUGUESA**

Florianópolis
2012

MICHELLE DE ABREU AIO

O CASO AF447: O JORNALISTA COMO TRADUTOR DE FATOS NAS CULTURAS BRASILEIRA E PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof. Dr^a Meta Elisabeth Zipser

Florianópolis
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

A297c Aio, Michelle de Abreu

O caso AF447 [dissertação] : o jornalista como tradutor de fatos nas culturas brasileira e portuguesa / Michelle de Abreu Aio ; orientadora, Meta Elisabeth Zipser.- Florianópolis, SC, 2011.

136 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Jornalismo. 3. Cultura. 4. Língua portuguesa - Brasil. 5. Língua portuguesa - Europa. I. Zipser, Meta Elisabeth. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

Michelle de Abreu Aio

O CASO AF447: O JORNALISTA COMO TRADUTOR DE FATOS NAS CULTURAS BRASILEIRA E PORTUGUESA

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 04 de novembro de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a Meta Elisabeth Zipser
(Orientadora)

Prof. Dr^a Sinara Branco
(UFCG)

Prof. Dr. Lincoln Fernandes
(PGET/UFSC)

Prof. Dr^a Maria José Roslindo Damiani Costa
(PGET/UFSC)

Prof. Dr. Ronaldo Lima
(PGET/UFSC)

*Para Carmina e Tereza,
meus relicários portugueses.*

AGRADECIMENTOS

Há muito que agradecer durante essa travessia. Se os caminhos percorridos foram muitos, mais ainda foram as pessoas que, num cruzamento ou numa ponte, forneceram outro alento para seguir adiante:

Meu pai, pelo incentivo constante e pela sempre sincera alegria a cada conquista minha. Você é meu melhor exemplo.

Minha mãe, pela graça de ter me dado genes portugueses e por ter se mostrado uma guerreira quando tivemos de enfrentar a distância. Essa pesquisa é nossa, mãe.

Minha avó, pelas incontáveis tardes em que dividiu comigo as histórias de seu passado no outro lado do Atlântico.

Meta, pelo imenso carinho com que me recebeu desde os idos de 2008, quando, ainda na graduação, bem distante desta ilha, nossos caminhos já se cruzaram virtualmente. Pela tua amizade e pelos preciosos conselhos eu serei sempre grata.

Leonor e Dolores, por terem tornado possível esta pesquisa ao terem enviado o material de Portugal.

Cicero, pela paciência em todos os momentos difíceis, pelo amor e pela dedicação mesmo quando outras prioridades eram postas à frente. Meu sincero apreço por tudo o que fez por mim.

Colegas do TRAC, pelos momentos de descontração e pelas valiosas reuniões de crescimento acadêmico e pessoal. O companheirismo de vocês é único.

Bianca, por ter entendido minhas reclusões e me acompanhado a muitos cafés por essa ilha afora. Você me ensinou muito.

Universidade Federal de Santa Catarina, pelo acolhimento tão suave desta interiorana avessa ao caos da cidade grande. Que nossa convivência permaneça assim, acolhedora, pelos anos vindouros.

Capes, pelo auxílio financeiro tão importante para a dedicação exclusiva a esta pesquisa.

*“Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa,
há línguas em português.”*

José Saramago

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito identificar as diferenças de enfoque dadas a um mesmo acontecimento por revistas brasileiras e portuguesas com o intuito de analisar a relevância do fator cultural no jornalismo e na tradução. Se contemplado enquanto tradução de fatos, muitos elementos presentes no fazer jornalístico se aplicam também à atividade tradutória. A proposta de análise será feita à luz das teorias de Christiane Nord (1991), na área da tradução, e Frank Esser (apud ZIPSER, 2002), no campo jornalístico. Considerando-se que a tradução se realiza a partir de um texto tido como original para então se transformar em outro texto, ambos veiculados a determinadas culturas, os textos jornalísticos podem ser vistos como tradução se tomarmos o fato em si como “texto-fonte” e a reportagem como uma tradução culturalmente emoldurada. Utilizaremos reportagens escritas para as culturas portuguesa e brasileira, ambas sobre a queda do Airbus 330, ocorrido em junho de 2009 e, com isso, objetivamos salientar a importância do fator cultural, indubitavelmente presente na língua, a ser considerado com mais diligência como amparo e instrumento para o jornalista/tradutor, bem como sua relevância frente a manifestações linguístico-culturais distintas.

Palavras-chave: Tradução. Jornalismo. Cultura. Português brasileiro. Português europeu.

ABSTRACT

This paper aims to identify the differences of focus given to the same event by Brazilian and Portuguese magazines in order to analyze the relevance of the cultural factor in journalism and in translation. Many elements present in the journalism also apply to the translational activity if considered as a translation of facts. The proposed analysis will be done in the light of the theories by, on the one hand, Christiane Nord (1991) in translation, and, on the other hand, Frank Esser (apud ZIPSER, 2002) in the journalistic field. Considering that the translation is done from an original text into another one, the journalistic texts can be seen as translations if we take the fact itself as a “source text”, and the journalistic text as a culturally framed translation. We will use journalistic texts written for Portuguese and Brazilian cultures, both on the fall of the Airbus 330, which occurred in June, 2009, and, therefore, we aim to underline the importance of the cultural factor, which is undoubtedly present in language, to be considered more diligently as a support and a tool to journalists/translators, as well as its relevance to distinct cultural-linguistic manifestations.

Keywords: Translation. Journalism. Culture. Brazilian Portuguese. European Portuguese.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 : Modelo Pluriestratificado Integrado	53
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 : Modelo de Christiane Nord.....	41
Quadro 2 : Fatores externos aos textos analisados.....	64
Quadro 3 : Fatores internos aos textos analisados	65
Quadro 4 : Estruturação	78
Quadro 5 : Léxico	83
Quadro 6 : Efeito do texto.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 – LÍNGUA E CULTURA	27
CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO E CULTURA: ALIADOS NATURAIS.....	35
2.1 A contribuição de Christiane Nord	35
CAPÍTULO 3 - JORNALISMO E TRADUÇÃO: CRUZAMENTOS POSSÍVEIS.....	45
3.1 A proposta de Frank Esser	50
3.1.1 O texto de revista – algumas considerações	57
CAPÍTULO 4 – OS DIFERENTES OLHARES SOBRE O A330..	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO A – Revista Veja.....	101
ANEXO B – Revista IstoÉ.....	115
ANEXO C – Revista Visão	125
ANEXO D – Revista Sábado	131

INTRODUÇÃO

Não há como negar o papel da mídia como instituição fundamental no exercício de (in)formação da sociedade. Afinal, é através dela que se tem conhecimento, muitas vezes em tempo real, do que acontece em diversas partes do mundo, por diferentes olhares e perspectivas. E é devido à existência de diversos meios midiáticos que podemos escolher qual deles nos oferece uma abordagem que nos parece mais verossímil, mais analítica, verdadeira, etc. dentro de uma cadeia em que se inserem, além das necessidades de informação do consumidor da reportagem, também as crenças, ideologias, visões de mundo, contexto histórico e político do público leitor em conformidade com as crenças, ideologias, visões de mundo e contexto histórico e político carregados no bojo da reportagem.

Os textos jornalísticos possuem, além do caráter (in)formador, uma gama de elementos que abarcam desde o contexto cultural em que a reportagem é publicada, a postura do veículo que os publica, até o viés do próprio jornalista. Cada veículo, inserido nos moldes culturais da sociedade na qual se inscreve e pela qual é formado, possui necessariamente sua própria ideologia, seus próprios valores e direcionamentos que contribuirão de modo significativo para o conjunto da reportagem final. Esses princípios determinam o estilo do veículo (seja ele jornal, revista, telejornal, etc.), o caráter das notícias que traz, o tipo de abordagem dos fatos, e até mesmo o tamanho das reportagens e suas estruturas. Delineadas por estes aspectos, as reportagens situam-se em uma posição de intermédio: de um lado as demandas e as características do público leitor que opta por este ou aquele enfoque que mais lhe interessa, moldando, assim, o fazer jornalístico; de outro, o contexto cultural da sociedade, as exigências do veículo que publicará a reportagem, e o próprio jornalista. O texto jornalístico pode ser considerado, portanto, o produto final resultante de um acontecimento noticiado sob um enfoque determinado pelo contexto sócio-histórico-econômico-cultural em que se inserem vários elementos: o jornalista, o veículo que publica a notícia (junto com seus próprios interesses e ideologias) e as expectativas do receptor do texto – afinal, o texto jornalístico é um produto vendável, e sua adequação aos interesses do leitor torna-se, portanto, imprescindível.

Frank Esser, teórico pesquisador de jornalismo e política de comunicação, em seu livro intitulado “Die Kraft hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich”

(1998), organiza as instâncias do fazer jornalístico mostrando o modo como elas influenciam-se umas às outras. Em sua proposta, dentre os vários processos percorridos desde a ocorrência do fato e sua apuração até a reportagem final têm-se, sobretudo, os traços culturais trazidos no bojo dos aspectos político-ideológicos do país, das instituições formadoras e legitimadoras do jornalismo, das estruturas e características do veículo, e, por fim, dos valores e posicionamentos do jornalista na qualidade de indivíduo redator do texto. Enquanto o recorte inicial que influenciará quaisquer outros filtros começa com a seleção entre os fatos que serão apurados, alguns elementos exógenos do fazer jornalístico fatalmente acabarão por filtrar os elementos internos mais próximos da atuação do redator da reportagem. Ao mesmo tempo, o teor de qualquer reportagem será definido tanto pelo olhar (individual) do jornalista (que se encontra em nível mais subjetivo e interno dentre as instâncias formadoras da atividade jornalística) quanto pelas políticas editoriais e ideologias do veículo, pelas políticas de censura do país, etc. (avançando para os níveis mais externos das camadas de elementos culturais presentes na atividade). Fica assim estabelecida uma relação de influência mútua e flexível entre os elementos externos e internos participantes na confecção do texto jornalístico. Tais elementos devem ser considerados resultados do conjunto de fatores que refletem os aspectos culturais de uma sociedade. Portanto, os textos jornalísticos possuem imbricadas as características culturais provenientes de sua produção, além de terem como consumidor final outro elemento inserido nesta mesma realidade cultural: o leitor, pois a reportagem só efetiva sua função (de informar, testemunhar, etc.) no momento de sua recepção.

Em poucas palavras, o jornalismo, na visão de Esser, traz em si uma gama de diversos fatores de influência provenientes dessa dimensão social do processo, e com isso seu resultado final é um texto culturalmente engendrado. Visto assim, o fazer jornalístico pode ser enquadrado nos moldes funcionalistas da tradução propostos por Christiane Nord em seu livro intitulado “Text analysis in translation: theory, methodology and didactic application of a model for translation-oriented text analysis” (1991). Embora a teoria proposta por Nord esteja vinculada à tradução, podemos estabelecer alguns paralelos entre sua teoria e aquela de Frank Esser no que diz respeito às diversas instâncias que perpassam o fazer jornalístico e a confecção da tradução, ao efeito de ambos os textos resultantes, que tem o público leitor como receptor final, ao texto ou fato do qual se originam traduções e reportagens, e à

mente criativa de jornalistas e tradutores que intermedeiam texto/fato e leitor.

Segundo a proposta de Nord (1991), a tarefa do tradutor sofre influência dos fatores externos do texto-fonte – autor, meio de publicação, propósito, motivo, entre outros – e de seus fatores internos – pressuposições, estruturação, efeitos do texto, e assim por diante – não perdendo de vista a função atribuída ao texto final (função esta determinada de acordo com as intenções daquele que encomendou a tradução). Do mesmo modo procede a elaboração do texto jornalístico, cuja função é emoldurada em torno do perfil do receptor. O texto só cumpre sua função no momento em que é lido – seja ele reportagem ou tradução. E para que seja lido e compreendido ele deve se adequar à função que exercerá no contexto cultural de seu receptor, para que possa significar. Por isso, como os textos jornalísticos, as traduções também passam por diversos filtros que servem de baliza para a adequação cultural de sua função diante do leitor final do texto.

Desse modo, podemos estabelecer uma proporção em que o fato noticioso está para o repórter assim como o texto original está para o tradutor – já que ambos possuem um texto ou fato-fonte (no jornalismo, o fato, e na tradução o texto tido como original) e uma relação direta com o resultado das respectivas atividades (tanto o jornalismo quanto a tradução têm textos como produto final), que carregam em seus bojos as influências culturais de seus criadores (jornalistas e tradutores) e do contexto histórico-jurídico-econômico-cultural da sociedade, etc. A união destas duas frentes de teorias feita por Zipser (cf. 2002) traz o reconhecimento dos traços culturais alinhavados em ambas as produções textuais – o texto traduzido e a reportagem jornalística – e que as tornam únicas nas culturas às quais são vinculadas.

A partir da junção da proposta teórica de Frank Esser (ESSER apud ZIPSER, 2002) e Christiane Nord (1991), passamos, então, a considerar o texto jornalístico como sendo uma (dentre as possíveis) tradução do fato feita pelo jornalista que se propõe a noticiá-lo. Assim, infere-se que sobre um único fato noticioso podemos obter inúmeras reportagens diferentes, cada qual com seu enfoque específico, diferente, do mesmo modo que a partir de um único texto-fonte é provável que tenhamos diversas traduções quando atribuimos a tarefa a tradutores distintos. Ao ampliarmos o significado de tradução a outras práticas do cotidiano comprovamos a interdisciplinaridade inextricável da tradução. Quando consideramos a atividade jornalística como tradução de fatos, percebemos que os mesmos conceitos referentes a conhecimento de língua/cultura se aplicam tanto à atividade tradutória quanto à

jornalística. Afinal, o traduzir e o fazer jornalístico são ofícios que envolvem, além do conhecimento do conjunto de sistemas linguísticos, também o aparato de elementos culturalmente construídos usados como instrumentos de interpretação da realidade. Esses elementos envolvem o entorno histórico, político e econômico, a ideologia, os costumes e conceitos utilizados no julgamento da realidade e presentes na língua usada pela comunidade. Isso mostra, enfim, a importância do fator cultural tanto no trabalho do tradutor quanto do jornalista, visto que ambos atuam como mediadores entre os textos/fatos para que haja interação efetiva entre eles e o leitor dentro de sua realidade cultural. Neste caso, o fator língua também figura entre os identificadores de uma cultura, visto que acompanha as mudanças históricas, econômicas, sociais, políticas, etc. ocorridas em uma sociedade.

Pautado nesses conceitos, este trabalho pretende identificar o enfoque dado por revistas brasileiras e portuguesas a partir de uma mesma notícia, com base nos elementos culturais percebidos nos textos. Para tanto utilizamos os seguintes critérios de escolha do objeto de estudo: i) um fato que tivesse repercussão internacional, alcançando a mídia brasileira e portuguesa; ii) reportagens sobre esse fato, publicadas em revistas brasileiras e portuguesas de igual circulação (nacional), que tivessem extensão e conteúdo significativos para que pudéssemos extrair o máximo de elementos comprobatórios de nossa proposta; iii) reportagens com período de publicação igual ou semelhante para que não houvesse interferência temporal na apuração dos fatos. Escolhemos textos brasileiros e portugueses a fim de observar, apesar da suposta semelhança linguística, como foram construídos os olhares lançados a um mesmo acontecimento a partir de uma perspectiva cultural. As reportagens foram, então, postas em prova nos modelos propostos pelos teóricos escolhidos. Tais critérios nos forneceram mais subsídios com os quais fomentar a noção de que o jornalismo configura-se como uma tradução de fatos, sendo, assim, uma representação cultural, visto que foram escolhidas reportagens sobre um mesmo acontecimento e com características parecidas, endossando, assim, nossa análise. Nosso objetivo, portanto, é comprovar que, apesar da dita proximidade linguística entre as reportagens publicadas no Brasil e em Portugal, os elementos culturais identificados acabam por ser balizadores dos enfoques apresentados.

O fato escolhido foi o desaparecimento do voo AF447 da companhia aérea Air France, ocorrido na noite do dia 31 de maio de 2009. A aeronave Airbus, modelo 330, partiu do Rio de Janeiro e tinha como ponto de chegada Paris, mas, no meio do Oceano Atlântico,

desapareceu dos radares sem deixar pistas sobre o que poderia ter acontecido às 228 pessoas que nela viajavam. O fato mobilizou o Brasil, já que entre as vítimas havia 58 brasileiros, e foi abordado por diversos veículos midiáticos pelo mundo, inclusive em Portugal, embora não houvesse vítimas portuguesas na tragédia. Na mesma semana do acidente, no Brasil, as revistas *Veja* e *IstoÉ* dedicaram suas reportagens de capa ao mistério do voo AF447. No mesmo período, em Portugal, a revista *Visão* também estampava a notícia na capa, e algumas páginas da revista *Sábado* também foram dedicadas ao fato. Estas foram, portanto, as revistas escolhidas para análise das diferenças de enfoque apresentadas em suas reportagens.

Este trabalho mostra, além do embasamento teórico e da análise das reportagens, algumas considerações no que toca à língua enquanto manifestação cultural. Não abarcamos aqui as capas das revistas e a análise semiótica que poderiam suscitar, embora haja a pretensão de se realizar tal análise em pesquisas futuras.

No capítulo 1 iniciamos com a reflexão sobre língua e cultura, tendo em vista que possuem uma relação inextricável e são, *ab origine*, ferramentas da atividade tradutória e jornalística. Sendo também por meio da expressão linguística que nossa experiência cultural é manifestada, a análise (a ser feita em capítulo posterior) ficará no nível dos elementos identificados no texto (e classificados nos moldes teóricos) para que se veja como se deram as construções de enfoques em cada revista. Nosso objetivo, entretanto, não comporta a análise linguística aprofundada das reportagens, mas, sim, do resultado das interações entre os fatores internos e externos de cada texto e que culminam na representação cultural do acontecimento em questão.

No capítulo 2 abordamos as aproximações entre tradução e cultura para, em seguida, fazermos a exposição da teoria funcionalista de Christiane Nord.

O capítulo 3 é dedicado ao jornalismo e suas conexões com a tradução. Apresentamos a proposta teórica de Frank Esser que, juntamente com a teoria de Nord, sustenta a análise posterior dos textos jornalísticos. Sendo as reportagens de revista nosso objeto de análise, fazemos uma exposição breve sobre suas características específicas.

Por fim, no capítulo 4 trazemos as análises das reportagens brasileiras e portuguesas à luz das teorias de Esser e Nord.

Para não privarmos o leitor da consulta aos textos originais, ao final do trabalho, nos anexos A, B, C e D estão, na íntegra, todas as reportagens utilizadas. Nas citações de trechos das reportagens ao longo do trabalho, as páginas correspondem às das respectivas revistas.

Este trabalho visa, por fim, sublinhar a importância da tradução enquanto representação cultural, ao mesmo tempo em que amplia o significado de tradução ao transportar este conceito para a atividade jornalística. Considerando-se a despretensiva maneira com a qual o fazer jornalístico e a tradução são vistos em se tratando de representação cultural, objetivamos ampliar a importância desta questão inserida em ambos os campos de conhecimento. Julgamos que discutir a importância dos aspectos culturais envolvidos no fazer jornalístico, aqui também considerado tradução, dentro de diferentes comunidades lusófonas, é essencial para o enriquecimento da área tradutória, já que jornalistas e tradutores atuam – e sempre atuarão – como intermediadores entre línguas/culturas.

CAPÍTULO 1 – LÍNGUA E CULTURA

Em toda comunidade, é a língua um dos meios pelo qual a cultura é expressada. É na língua que se manifestam os traços sobre como essa comunidade entende o mundo e interage com ele. Uma língua expressa a “[...] consciência de uma coletividade [...]”, o meio pelo qual uma comunidade concebe “[...] o mundo que a cerca e sobre ele age [...]” (CUNHA; CINTRA, 2007, p.1). Atada à cultura como canal para suas manifestações, é a língua a principal matéria-prima da comunicação, do intercâmbio cultural entre indivíduos em uma sociedade.

Afirma Camara Jr. (1997, p.87-88) que “[...] as línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social”. Infere-se que é a partir da experiência cultural, portanto, que se origina uma língua. Assim sendo, haverá traços culturais presentes em qualquer manifestação linguística, já que ela ajuda a configurar a identidade cultural de uma comunidade (cf. HALL, 1997). Neste capítulo, investigaremos de que modo a cultura se manifesta na língua e, conseqüentemente, nas atividades jornalística e tradutória que têm a língua como ferramenta fundamental.

O caráter social da língua a torna reveladora da concepção de mundo de uma comunidade, uma vez que ela atua manifestando as experiências sociais, econômicas, históricas, etc. dessa coletividade. A língua é, por isso, instrumento social e age como um retrato cultural da comunidade que a fala. Ela expressa os valores de um povo, suas crenças, suas experiências ao longo da história e seu modo de conceber a realidade que o cerca. Não pode ser criada como ferramenta mecânica e estanque, e não se modifica senão por um contrato, consciente ou não, estabelecido pelos membros dessa comunidade.

Falar em língua, portanto, é falar sobre a expressão da cultura de um povo. A cultura influi diretamente na língua: em suas estruturas gramaticais e lexicais e, sobretudo, nos sentidos imbricados nas palavras. Ao sairmos de uma cultura para outra encontramos, inevitavelmente, mudanças linguísticas, pois a língua compõe-se de um compartilhamento de valores, de significados, como atesta Hall (1997, p.1, grifo nosso):

Simplificando, cultura designa ‘significados compartilhados’. Ora, a língua é o meio privilegiado no qual ‘significamos’ as coisas, no

qual o significado é produzido e permutado. Os significados só podem ser compartilhados por meio de nosso acesso comum à língua. Portanto, a língua é o centro para significado e cultura, e sempre foi considerada o repositório principal de valores e significados culturais¹².

Se o compartilhamento de significados não acontece, temos obstáculos no entendimento entre os interlocutores em uma situação comunicativa. É esse “acesso comum à língua”, de que fala Hall, que possibilita uma comunicação fluente entre os interlocutores. Quando lidamos com línguas diferentes, como na tradução, intermediamos duas realidades culturais distintas. Do mesmo modo, um fato noticioso gera diferentes reportagens quando escritas por veículos de diversas línguas e, por conseguinte, publicadas com vistas a públicos de culturas diferentes.

A cultura e a língua são organismos que acompanham a evolução social. A língua é um produto cultural, por isso “[...] não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 1). Trabalhar com a língua, então, torna-se um exercício de constante aprendizado cultural, pois não nos é permitido estacionar o conhecimento linguístico e desconsiderar as implicações culturais contínuas e em constante mutação. Embora pareça alcançável, o conhecimento pleno de uma cultura torna-se dificultoso se levarmos em conta que

[...] a língua, evidentemente, é produto de toda a sociedade, de todas as classes sociais, de todos os homens, no decurso de várias gerações. Ela é o resultado da práxis, a qual, como vimos, compreende a realidade e o homem, o conhecimento da realidade e sua constante modificação. (BACCEGA, 2003, p.42).

¹ Doravante, todas as citações em língua estrangeira serão traduzidas no corpo do texto e terão os respectivos originais apresentados em nota de rodapé.

² To put it simply, culture is about ‘shared meanings’. Now, language is the privileged medium in which we ‘make sense’ of things, in which meaning is produced and exchanged. Meanings can only be shared through our common access to language. So language is central to meaning and culture and has always been regarded as the key repository of cultural values and meanings.

Por isso, quando tradutor e jornalista escrevem seus textos para um público sobre o qual tem total consciência cultural, as chances de haver imprecisões ou inadequações de significado são minimizadas – pois trata-se de uma situação em que, como mencionado anteriormente, os significados são compartilhados. Mas com a língua em processo constante de evolução, é necessário que atividades como a tradutória e a jornalística acompanhem esse movimento, sendo natural que seus resultados tornem-se obsoletos com o passar do tempo. Por isso vemos novas traduções de textos antigos, principalmente os considerados clássicos de cada cultura, lançadas de tempos em tempos para que haja, dentre outras razões, readequação da linguagem para o novo contexto cultural em questão. Do mesmo modo, reportagens escritas há 100 anos acerca de um fato poderiam ser hoje reescritas contendo outras informações – agregadas ao nosso conhecimento cultural ao longo dos anos, e determinadas também pelo nível de interesse pelo assunto na atualidade.

O julgamento que fazemos sobre o que ocorre à nossa volta passa por um crivo de base fundamentalmente arbitrária e condicionada culturalmente. Laraia (2009), parafraseando Ruth Benedict, diz que “[...] a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas, e, portanto, têm visões desencontradas das coisas.” (p.67). A essas “lentes” daremos, neste trabalho, o nome de “filtros culturais”, já que se mostra pertinente a ideia de que, dentre as informações que recebemos (sejam elas referentes a um acontecimento a ser noticiado, ou vindas de um texto considerado fonte para a tradução), algumas são retidas e outras descartadas, dependendo daquilo que julgamos possuir maior ou menor relevância dentro do contexto cultural de recepção do texto.

Tais filtros estão presentes em toda recepção de informação. Na situação comunicativa em que ocorre a leitura do texto escrito – da tradução e da reportagem – inserem-se vários elementos formadores daquilo que poderíamos considerar uma cadeia de filtragem. Deste modo, tanto a tradução quanto o texto jornalístico passam a ser

[...] instrumentos de comunicação inseridos numa situação comunicativa e constituem, assim, parte integrante de um ‘jogo comunicativo’. Além dos elementos lingüísticos e/ou não lingüísticos, portadores de informação, fazem parte desse jogo comunicativo os próprios interlocutores

[‘comunicadores’], que trazem consigo a experiência e as expectativas de outros textos, sempre marcadas culturalmente, além de seu conhecimento de mundo, hábitos de comportamento, sistema de valores, intenções comunicativas etc. (NORD apud ZIPSER, 2002, p.44).

Nessa intercomunicação, podemos contar com os filtros culturais de dois elementos: por um lado, do próprio texto, cujas informações contidas e omitidas são reveladoras de uma intenção, e, por outro, dos (diversos) leitores que produzem, com base naquilo que apreendem do texto, suas próprias significações, filtradas de acordo com o que cada um traz em si sobre suas experiências culturais, ideológicas, bibliográficas, etc.. Na escrita jornalística, a reportagem traz em seu bojo os recursos utilizados pelo redator para torná-la, de algum modo, interessante para o leitor, e, ao fazer isso, vale-se das experiências culturais compartilhadas com o público receptor da mensagem. Ainda assim, o texto não deixa de ser uma das possíveis filtragens que poderiam resultar a partir de um fato. Na tradução, temos, de um lado os filtros culturais que o autor imprimiu no texto-fonte, e, de outro, os filtros pelos quais passarão o texto traduzido. Por tudo isso, concordamos com Bacega (2003, p.79, grifo nosso) quando a autora afirma que o discurso é

[...] uma ‘encruzilhada’, um ponto de encontro: aí se imbricam os diversos fenômenos de linguagem, os diferentes procedimentos lingüísticos; **é o ponto de encontro das influências histórico-sociais daquela sociedade, manifestadas não só pela utilização da palavra enquanto matéria-prima básica de que se serve, como também pela conformação artística dessas influências, que a própria palavra lhe permite.**

Concluimos, assim, que tais influências de ordem cultural não estão presentes somente na palavra *per se*, mas na estética de seu uso, em sua manipulação. Encontramos nas palavras de Bacega respaldo para o conceito que viemos apresentando até então: o de que a língua – principal instrumento na atividade tradutória e jornalística – atua como manifestação da cultura em que está inserida. Entretanto, não basta ao jornalista ou ao tradutor ter domínio total de suas línguas de trabalho,

pois só isso não garante a adequação cultural necessária para os textos que escrevem. Para que isso aconteça, ambos devem considerar, impreterivelmente, o contexto histórico-sócio-econômico-jurídico (ou seja, o panorama cultural) do leitor para quem se voltam seus textos.

Neste trabalho, os espaços culturais que servirão de referência para a análise das traduções do fato noticioso são o brasileiro e o português. Ora, não é difícil perceber que, para além das fronteiras físicas (e políticas) que separam os territórios de Portugal e do Brasil, existe a distância que nos separa culturalmente, sentida, sobretudo, através da língua. Contrariando o senso comum de que existe uma homogeneidade linguística entre os dois países (desconsiderando-se, aqui, os demais países herdeiros da língua portuguesa), partimos do pressuposto de que há, em cada país, uma cultura definida, específica onde existe um espaço de manifestação cultural consistente, tratado aqui a nível nacional, englobando: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais [...]” (LARAIA, 2009, p.68) dos indivíduos identificados como pertencentes à cultura brasileira ou portuguesa.

Em diferentes culturas encontramos, conseqüentemente, diferentes línguas, próprias para as necessidades de comunicação de cada comunidade. Aliás, a diferença entre uma cultura e outra é imediatamente observável por meio da língua, como atesta Laraia (Ibid, p. 68) ao afirmar que

[...] indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica.

Para atestar que brasileiros e portugueses usam línguas diferentes é preciso analisarmos, além das diferenças facilmente observáveis hoje na fonética e, em especial, nas estruturas semânticas e sintáticas, a trajetória da língua portuguesa e seu desmembramento no contato com as línguas dos povos colonizados. Não nos convém aqui apresentar historicamente esse longo processo, mas, de modo breve e pontual, tecer considerações sobre o momento em que o português europeu e brasileiro passam a se situar em diferentes “memórias” discursivas, como propõe Orlandi (1999). Sobre isso, a autora afirma:

A memória do português de Portugal inicialmente funcionando como a memória Outra que dá a distância das situações enunciativas deixa de funcionar na situação discursiva brasileira. E temos **então um processo, que considero fundamental, pelo qual a língua que se fala aqui já não se refere mais à memória da língua de lá mas a que começa a se gestar aqui mesmo na prática lingüística brasileira. É a nossa memória aqui que passa a funcionar na construção discursiva dos referentes.**” (ORLANDI, p.88, grifo nosso).

A língua, quando trazida e imposta em território brasileiro, carregava consigo um passado inerente de enunciação, ou seja, significados e estruturas sintáticas cristalizadas ao longo do tempo e adequados ao ambiente português, especificamente. Portanto, a língua portuguesa que chegou ao Brasil trazia uma memória própria do povo português, sendo produto da evolução cultural daquela comunidade. Com o passar do tempo, o contato com outra realidade cultural e o surgimento de outras necessidades comunicativas, essa memória portuguesa naturalmente foi dando espaço para que se construísse e consolidasse uma memória própria brasileira, manifestada na prática linguística dos falantes dessa nova língua e fruto do panorama geográfico, histórico e social próprios do Brasil.

Por usarmos a língua para expressar a realidade que nos cerca, e por vivermos em culturas diferentes, brasileiros e portugueses interpretam o mundo de modo distinto. Isso porque não compartilhamos as mesmas realidades jurídicas, econômicas, sociais, institucionais, nem a mesma experiência histórica. Ao trabalharmos com reportagens publicadas em dois países de língua portuguesa – Brasil e Portugal – podemos perceber que a dimensão cultural importa não somente no lugar da produção do texto, mas também em sua recepção. E isto é especialmente relevante quando se tem uma língua falada em diferentes fronteiras geográficas, como é o caso da língua portuguesa. Um fato a ser noticiado em Portugal gera reportagens específicas para o leitor português, e distintas das reportagens sobre o mesmo fato destinadas ao público brasileiro. No contexto tradutório, é a língua-alvo e, junto com ela, o local de recepção do texto que determinam os elementos culturais a serem ponderados na tradução. Determinar, portanto, a variedade linguística do texto traz implicações fundamentais no tratamento das

informações a serem trazidas no texto. Assim confirma Nord (1991, p.61):

Se uma dessas línguas é a língua-fonte, o lugar da produção do texto deve fornecer um sinal prévio sobre a variedade usada no texto-fonte, e se uma destas línguas é a língua-alvo, o lugar da recepção do texto determina a variedade que o tradutor deve usar em sua tradução.³

Ao delinear a variedade linguística a ser usada no texto-alvo, seja tradução ou reportagem, abarcam-se todas as inferências culturais presentes na língua de chegada. O jornalista quando escreve uma reportagem para uma revista a ser publicada no Brasil, além de voltar o texto para este público, utiliza a variante do português brasileiro e, com ela, seus traços culturais inerentes. O mesmo ocorre com o tradutor que traduz o texto estrangeiro para determinado público de determinada língua de chegada e, com ela, também suas marcas culturais.

Quando se trata de um tradutor que traduz para uma língua estrangeira e que, por isso, constrói o texto voltado para um leitor com quem não compartilha o contexto cultural, a funcionalidade do texto fica comprometida já que o compartilhamento dessa memória cultural só pode ser efetivado pelo estudo histórico, político, social, ideológico, religioso da comunidade do leitor-alvo através dos tempos. É com base nesse conhecimento que uma tradução pode se aproximar do leitor em termos culturais, já que consideramos a tradução como uma atividade prospectiva na qual o leitor final é quem fecha o ciclo de produção do ato tradutório – assunto do qual trataremos no próximo capítulo. Do mesmo modo, além da língua, o tradutor deve ter amplo conhecimento da cultura estrangeira para certificar-se de que compreendeu determinados elementos culturais (muitas vezes sutis dentro do texto) a serem reconstituídos e remodelados no momento da tradução para a cultura de chegada.

Por sua vez, o jornalista – tido aqui como um tradutor de fatos – tem como função primordial noticiar o acontecimento para o leitor,

³ “If one of those languages is the source language, the place of text production may provide a pré-signal for the variety used in the ST, and if one of these languages is the target language, the place of the text reception determines the variety the translator has to use in his translation.”

estando ambos inseridos em um contexto histórico, social e cultural determinante para os moldes com os quais é feito o produto resultante desse ciclo – a reportagem. Esta, sendo tecida com o uso da língua, não poderia deixar de carregar em seu bojo os traços que a definem enquanto refletora cultural. Desse modo, uma reportagem não pode abster-se de trazer em si os elementos culturais da comunidade em que se insere, estejam eles impressos no léxico ou na organização sintática da língua.

Considerando, por fim, a língua com um elemento atrelado à cultura, do mesmo modo que o jornalismo e a tradução têm a língua como instrumento substancial, a cultura passa a fazer parte da atividade tradutória e jornalística como ferramenta indispensável. Seria necessário dar ao conhecimento cultural o mesmo peso que se dá ao conhecimento linguístico na formação do indivíduo tradutor e jornalista. Estando o tradutor inserido na comunidade falante da língua para a qual traduz, sua tradução inevitavelmente carregará os traços culturais dessa comunidade, aproximando-se do leitor final. Traduzir, portanto, não envolve apenas o exercício de recomposição de um texto. Ao tradutor cabe levar em consideração a cultura da comunidade receptora, seu modo de ver o mundo que a cerca, suas ideologias, seu passado, sua memória cultural. Os mesmos princípios são aplicáveis à atividade jornalística. A reportagem fatalmente conterà elementos pertinentes à cultura em que se inserem seus leitores. O jornalista, assim como o tradutor, geralmente pertence à mesma comunidade cultural em que estão os leitores – da reportagem e da tradução. É inevitável, portanto, que se considere a (in)formação cultural como de fundamental relevância no cumprimento de ambas as atividades.

CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO E CULTURA: ALIADOS NATURAIS

Ao contemplarmos a tradução como uma intermediação entre dois códigos linguísticos, estabelecemos a língua como a matéria-prima do ato tradutório. Como vimos no capítulo anterior, toda língua é um repositório de experiências culturais, e não há como dissociá-las da situação comunicativa. Deste modo, à transposição da mensagem na tradução agregamos o elemento cultural determinante tanto para a compreensão do texto-fonte quanto para a composição do texto-alvo.

Nesta pesquisa, a tradução é vista sob a perspectiva funcionalista da teoria de Christiane Nord – pesquisadora alemã com vasta experiência no campo profissional e acadêmico de tradução. A proposta de Nord visa identificar o motivo do ato de comunicação – neste caso, o ato tradutório – para que haja adequação cultural na transposição de um determinado texto. Para tanto, segundo a teoria que apresenta, é fundamental identificar alguns elementos presentes no texto-fonte que sejam indicativos do contexto cultural em que ele foi produzido, para só então, depois de estabelecida a função que o texto-alvo terá, adequá-lo para o público receptor específico daquele texto.

2.1 A contribuição de Christiane Nord

A concepção de Christiane Nord sobre tradução é, sobretudo, funcionalista, abordagem segundo a qual a função da tradução passa a sobrepor outros direcionamentos do texto traduzido. Pautada em uma teoria com base na análise textual, Nord, em seu livro intitulado “Text Analysis in Translation” (1991) nos traz uma abordagem prospectiva da tradução, na qual se voltam os olhos para o receptor da mensagem fazendo com que o texto-fonte seja adaptado para a cultura de chegada de modo que cumpra a função a ele atribuída. A função do texto-alvo é determinada, segundo Nord, para além do simples exame do texto-fonte. A autora afirma que “A função do texto-alvo não chega automaticamente de uma análise do texto-fonte, mas é definida pragmaticamente pelo propósito da comunicação intercultural.”⁴ (NORD, 1991, p.9). Descarta-se, assim, o conceito de tradução realizada

⁴ “The function of the target text is not arrived at automatically from an analysis of the source text, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication.”

de forma inadvertida, sem parâmetros, cujo resultado configura-se em um texto composto justamente como a simples transposição de palavras. Ao contrário, é o propósito, ou o motivo da tradução que determinará a função do texto-alvo e, conseqüentemente, as instâncias do texto-fonte que permanecerão no texto traduzido ou não. Adiante veremos mais detalhadamente como isso se opera.

Visto deste modo, o texto traduzido trará elementos marcados culturalmente devido tanto à função a ele atribuída quanto à língua com a qual ele é construído. Sabendo que a cultura manifesta-se também no uso da língua, e sendo esta última a principal ferramenta da atividade tradutória, torna-se difícil a dissociação do fator cultural como elemento constituinte da tradução. Por isso as competências culturais do tradutor – que devem incluir o conhecimento tanto da língua e da cultura estrangeira quanto da materna – são essenciais para que ele possa recuperar os conceitos culturais trazidos pelo texto da cultura-fonte e emoldurá-los na cultura-alvo (GONÇALVES; MACHADO, 2006). Sobre isso, Nord (1991, p.11) afirma:

O domínio da cultura-fonte pelo tradutor deve permitir-lhe reconstruir as possíveis reações em um receptor do texto-fonte [...], enquanto o domínio da cultura de chegada lhe permite antecipar as possíveis reações de um receptor do texto traduzido, e então verificar a adequação funcional da tradução que produz.⁵

O conhecimento da cultura-fonte e da cultura-alvo habilita o tradutor a transitar entre texto-fonte e alvo com mais familiaridade e segurança, permitindo-lhe alcançar resultados mais satisfatórios no que toca à adequação cultural, já que assim poderá reconhecer os traços mais sutis característicos de uma cultura ou de outra e que se mostram implícitos na língua. E esta, nesse caso, traz muitos elementos que auxiliam na identificação do contexto cultural de produção do texto. Ao usarmos a linguagem, segundo Bornstein (2001, p. 20), seja ela de qualquer tipo, “[...] há todo um repertório de elementos, associações, conotações, insinuações, intenções e desejos que os acompanham [as palavras, ou signos, ou gestos], há um horizonte de referência que dá

² “His command of the source culture (SC) must enable him to reconstruct the possible reactions of na ST recipient [...], whereas his command of the target culture (TC) allows him to anticipate the possible reactions of a TT recipient and thereby verify the functional adequacy of the translation he produces.”

‘sentido’ e impregna a mensagem.”⁶ Além de meio pelo qual a mensagem é transmitida, a língua utilizada no texto-fonte carrega em si elementos culturais fundamentais a serem considerados na retextualização da mensagem.

Entretanto, como em toda atividade comunicativa (incluindo aqui o jornalismo), a tradução consoma-se no ato da recepção do texto. Uma tradução que não é lida, ou consumida pelo leitor, não fechou o ciclo da situação comunicativa, que, no caso da tradução, começa pelo iniciador, que é aquele que encomenda a tradução de um texto já escrito, passa pelo tradutor, e tem como objetivo final alcançar o leitor. Portanto:

Como produto da intenção do autor, o texto permanece provisório até que seja recebido pelo receptor. É a recepção que completa a situação comunicativa e define a função do texto: o texto enquanto ato comunicativo é ‘concluído’ pelo receptor.⁷ (NORD, 1991, p.16).

Estando no início deste ciclo comunicativo a função a ser atribuída ao produto final da atividade tradutória, sua determinação passa a ser o ponto chave para a retextualização do texto-fonte. Tendo em conta que um único texto pode gerar diferentes traduções em decorrência de diversos fatores – tais como propósito da tradução, cultura de chegada, época da recepção do texto, tipo de receptor, etc. – podemos inferir que um texto-fonte pode resultar em diferentes textos-alvo dependendo das **funções** que a ele podemos atribuir. Do mesmo modo, no campo jornalístico, podemos considerar que um único fato noticioso pode resultar em reportagens distintas de acordo com o contexto em que será veiculado. Mesmo dentro de uma determinada cultura, como a brasileira, um único fato pode gerar diferentes reportagens nas diversas revistas que circulam no país, já que elas diferem em suas políticas editoriais, nas fatias de mercado que desejam atingir, etc. No caso do jornalismo, dentre outros elementos a serem discutidos posteriormente, é o tipo de receptor do texto o principal

⁶ “[...] hay todo un repertorio de elementos, asociaciones, connotaciones, insinuaciones, intenciones y deseos, que los acompañan, hay un horizonte de referencia que da ‘sentido’ y que impregna el mensaje”.

⁷ “As a product of the author’s intention, the text remains provisional until it is received by its recipient. It is the reception that completes the communicative situation and defines the function of the text: the text as a communicative act is ‘completed’ by the recipient.”

elemento que influencia qual enfoque deverá ser priorizado na reportagem – visto que a função inerente de um texto jornalístico é informar. O mesmo argumento pode ser usado para justificar as diferentes traduções obtidas de um único texto-fonte.

Nesta vertente, seria tarefa bastante impropria o cotejo de traduções e seus textos originais visando apenas a crítica de tradução sem critérios ou referenciais, assim como o estabelecimento de princípios para uma tradução magistral. Afinal, sendo a qualidade da tradução algo arbitrário e dependente de fatores inúmeros e volúveis, como a própria função da tradução em seu contexto de recepção, por exemplo, tais variáveis são inconstantes o suficiente para que uma tradução considerada excelente hoje seja inadequada em um momento futuro. A recepção está sujeita a condições ímpares:

Na visão deste conceito de recepção de texto parece descabido considerar a possibilidade de se combinar uma tradução com um texto-fonte específico, ou mesmo oferecer quaisquer critérios para uma tradução excelente. Se a recepção é absolutamente dependente de condições individuais, não existem possibilidades de se encontrar padrões de avaliação que levarão em conta cada processo de recepção.⁸ (NORD, 1991, p.17).

Embora sob a perspectiva funcionalista haja uma maior valorização do contexto de recepção da tradução, ela não é vista como uma atividade realizada de forma inadvertida na qual se perde qualquer relação com seu texto de origem. Pelo contrário: Nord considera a tradução como a produção de um texto funcional que mantém uma relação com o texto-fonte de acordo com a função que se pretende dar ao texto-alvo: “A tradução é a produção de um texto-alvo funcional que mantém uma relação com um dado texto-fonte, especificado de acordo com a função pretendida ou solicitada do texto-alvo.”⁹ (NORD, 1991,

⁸ “In view of this concept of text reception it may seem pointless to consider the possibility of matching one translation with one particular source text, or even offering any criteria for an optimum translation. If reception is absolutely dependent on individual conditions, there will be no chance whatsoever of finding evaluation standards which will take into account every single reception process.”

⁹ “Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation skopos).”

p.28). Ou seja, embora a função estabelecida para o texto-alvo seja diferente da primeira função do texto-fonte, aquele sempre mantém uma relação com este já que “[...] não pode existir ‘tradução’ sem um texto-fonte.”¹⁰ (NORD, 1991, p.28). A “tradução”, enquanto processo, pode designar igualmente o desenvolvimento da criação de um texto (cf. VERMEER, 1986), desde que a tarefa de tradução (ou seja, as etapas exigidas para a elaboração do texto) estejam claras, definidas para aquele que vai escrever. Quando há um texto-fonte que precisa ser transcrito em uma cultura de chegada, sua tradução não será feita de livre, sem qualquer relação com o texto-fonte, mas passará por uma adequação de acordo com os interesses de quem encomenda a tradução – ou seja, a função que se deseja atribuir àquele texto-fonte em determinada cultura-alvo, ou contexto de recepção.

Tendo em conta a instabilidade das possíveis funções a serem atribuídas a uma tradução, na visão de Nord, o ato tradutório não é um processo linear, progressivo, que parte de um ponto inicial em direção a um ponto final, limitado; ao contrário, mostra-se um processo circular “[...] no qual é possível, e até recomendável, voltar aos primeiros estágios da análise.”¹¹ (NORD, 1991, p.30) e, com eles, rever os resultados a que chegaram a tradução. Nesse modelo circular, que Nord chama de *looping model* (NORD, 1991, p.32 e segue), a autora propõe o que denomina de modelo de três passos (e prefere chamá-los de “fases”): o primeiro consiste na análise do *skopos*¹² da tradução, ou seja, os elementos relevantes para que se alcance o propósito do texto-alvo em uma dada situação (caso ele não tenha sido explicitado pelo iniciador da tradução); o segundo passo é a análise do texto-fonte, na qual se adquire uma ideia geral sobre a compatibilidade do texto-fonte com as instruções de tradução¹³, seguida de uma análise detalhada e abrangente de todas as instâncias do texto, “[...] focando a atenção naqueles elementos que, de acordo com o *skopos* do texto-alvo, possuem particular importância para a produção do texto-alvo¹⁴.” (NORD, 1991, p.33). O último passo consiste na estruturação final do texto-alvo, na

¹⁰ “[...] there can be no process of “translation” without a source text.”

¹¹ “[...] in which it is possible and even advisable to return to earlier stages of the analysis.”

¹² Nord explica o conceito de *skopos* como sendo a definição, explícita ou não, da situação-alvo prospectiva. (NORD, 1991, p.8)

¹³ Chamadas por Nord de *translation instructions*, consistem nas instruções de tradução (NORD, 1991, p.8)

¹⁴ “[...] focusing his attention on those text elements that according to the TT *skopos* are of particular importance for the production of the target text.”

qual o tradutor faz as escolhas dos elementos apropriados para a função pretendida na tradução.

Para Nord, existem alguns fatores que, uma vez identificados, permitem uma melhor visualização e atribuição da função do texto-alvo – principalmente quando ela não é explicitamente atribuída pelo iniciador da tradução. Estes fatores são chamados por Nord de intra e extra-textuais. Os primeiros são aqueles analisados no questionamento sobre o assunto tratado pelo texto, as informações nele apresentadas, as pressuposições, a estruturação do texto-fonte, os elementos linguísticos e não linguísticos que acompanham o texto, suas características lexicais e estruturas sintáticas, assim como as características suprasegmentais, como entonação e prosódia. Os últimos são acessados no questionamento sobre o autor ou emissor do texto, sua intenção, o destinatário ou receptor para o qual o texto é direcionado, o meio ou o canal pelo qual o texto é comunicado, o lugar e o tempo da produção do texto e de sua recepção, e o motivo da comunicação (NORD, 1991, p.36).

Para uma melhor visualização dos elementos supramencionados, apresentamos a seguir o modelo de Nord em português extraído do trabalho de Zipser (2002, p.54), em que se apresentam os fatores intra e extra-textuais em forma de quadro. Bastante didático, o modelo de Nord pretende servir de norteador na determinação da função do texto-fonte e do texto-alvo, além de auxiliar nas escolhas tradutórias e na solução de dúvidas que por vezes surgem no decorrer do processo.

Quadro 1 : Modelo de Christiane Nord

MODELO DE CHRISTIANE NORD			
TEXTO FONTE			
TEXTO META			
	TEXTO FONTE	QUESTÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO META
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos suprasegmentais			
Efeito do texto			

Fonte: Zipser, 2002.

Nesta pesquisa, tanto os fatores externos quanto internos do texto terão fundamental importância na análise da tradução sob uma perspectiva cultural.

Como o receptor é considerado o elemento mais importante em uma abordagem prospectiva de análise de texto voltada para a tradução, as informações sobre ele são de fundamental importância – e essas informações podem ser extraídas do próprio texto, que, no universo tradutório, carrega informações a serem inferidas sobre o receptor pretendido no texto-fonte e, na reportagem, o tipo de público que se pretende alcançar. Com isso é possível presumir algumas características deste receptor: “[...] idade, gênero, formação, experiência social, origem geográfica, *status* social, papel em relação ao emissor, etc.”¹⁵ (NORD, 1991, p.53). Por outro lado, as características do emissor podem ser inferidas pelo ambiente do texto, incluindo seu título, e outros como meio, lugar, tempo e motivo de sua publicação.

O reconhecimento de todos, ou alguns destes elementos no texto-fonte fornecem ao tradutor subsídios sobre os quais pode basear – e até justificar – suas escolhas tradutórias. Somando-se o *skopos* da tradução a ser feita às informações culturais presentes nos fatores intra e extratextuais, para o tradutor a tarefa de adequação cultural passa a pesar tanto quanto o esmero linguístico na retextualização da mensagem. Por analogia, do mesmo modo que é possível estabelecer os elementos do texto-alvo em uma tradução prospectiva, ou seja, voltada para o leitor do texto, podemos identificar os mesmos elementos no texto jornalístico e com isso distinguir as características culturais presentes na reportagem. A identificação, em uma reportagem, dos fatores sugeridos por Nord pode fornecer subsídios para que se conheça o público a que se destina tal texto, e do efeito que se pretende causar com cada reportagem.

Como temos discutido até aqui, dado seu caráter prospectivo, a tradução pode ser observada em outros campos de atividade, como o jornalismo – o que comprova sua interdisciplinaridade inextricável. Se, à maneira do processo tradutório, denominarmos o fato noticioso de fato-fonte e, a partir dele, qualquer reportagem sendo um de seus possíveis enfoques – todos dependentes de fatores como o contexto de recepção, o panorama cultural, dentre outros – então o texto jornalístico passa a ser a tradução de um fato. E essa analogia aqui feita torna-se plausível, entre outros motivos, por termos um mesmo produto – o texto – como resultado final tanto da atividade tradutória quanto da

¹⁵ “[...] age, sex, education, social background, geographic origin, social status, role with respect to the sender, etc.”

jornalística. Conseqüentemente, temos dois resultados pautados infalivelmente na cultura-alvo em que se inserem.

Tendo aqui discutido a importância do fator cultural presente em atividades cuja matéria-prima é a língua, presume-se que seus profissionais possuam, além do conhecimento do(s) idioma(s) com o(s) qual(is) constroem textos, também do panorama cultural da produção destes. Sobre este aspecto, Gonçalves e Machado (2006, p.59) afirmam:

Visto que o conhecimento cultural exerce grande influência no ato tradutório, seria ideal que tradutores em treinamento tivessem um profundo conhecimento sobre aspectos culturais tanto do seu país quanto do(s) país(es) da(s) língua(s) estrangeira(s) de trabalho, pois a percepção consciente dos aspectos culturais, inevitavelmente envolvidos na construção de um texto, serão decisivos no seu processo de retextualização na língua-alvo.

Os mesmos conhecimentos devem ser exigidos dos profissionais do jornalismo, responsáveis pela confecção de reportagens sempre voltadas a determinado mercado, com suas características culturais específicas. A própria conscientização de que a reportagem configura-se como a tradução de um fato noticioso – admitindo-se, assim, a possibilidade de haver várias outras reportagens sobre um mesmo fato redigidas de modos diversos de acordo com seus contextos culturais de recepção – já se mostraria um grande salto na discussão de questões como imparcialidade, veracidade, ética, etc. Iremos explorar, no capítulo seguinte, os aspectos específicos do fazer jornalístico, seus fatores culturais e suas coincidências com a prospectividade do ato tradutório.

CAPÍTULO 3 - JORNALISMO E TRADUÇÃO: CRUZAMENTOS POSSÍVEIS

Embora no universo jornalístico sejam frequentes os questionamentos sobre imparcialidade, veracidade, ética e tantos outros conceitos que formam a instituição do jornalismo (cf. ROSEN in TRAQUINA, 2003), neste capítulo iremos observar quais as instâncias do fazer jornalístico influenciam o produto final – a reportagem – e como elas interagem entre si na comunicação entre texto e leitor dentro de um contexto cultural.

Partindo do pressuposto de que a função primordial do jornalismo é informar, podemos então considerar o leitor como o ponto de chegada na cadeia de recepção no processo do fazer jornalístico. Para o leitor, o jornalismo – que chega até ele na forma de reportagens prontas – é fonte primária, e essencial, de informações, onde estão depositadas as referências verdadeiras sobre aquilo que acontece. De acordo com Costa (2009, p.256), o jornalismo “[...] é um ofício que compõe o entendimento do mundo, parte determinante da engrenagem que faz o mundo parecer o que parece ser.”. As notícias, ou o modo como as vemos, são, na verdade, o resultado de um recorte feito por este ou aquele veículo midiático, e dificilmente chegarão a ser uma abordagem integral, isenta de parcialidade. Aliás, o que existe é um pacto de confiança com a sociedade que garante ao jornalismo credibilidade perante o público. Como reitera Bucci (2002, p.92):

Na prática, o jornalismo sabe, a objetividade é redondamente impossível. Também na prática, contudo, todos continuam acreditando nela – e ela está no fundamento do pacto de confiança que a imprensa mantém com a sociedade.

Ao jornalista confiamos o papel de nos informar, e essa confiança chega ao ponto de considerarmos que o que acontece é apenas aquilo que passou pela mídia. Nas palavras de Gomes (2000, p.79), “Diante do poder de penetração das redes midiáticas, diz-se que se não passou pela mídia não aconteceu.” Por ser a mídia o principal canal de mediação entre os fatos e a sociedade, a ela consignamos a detenção e a credibilidade das informações que nos chegam.

Essa relação entre o fazer jornalístico e o público ao qual se destina é inerente, já que podemos considerar que, tendo o leitor como

consumidor final do produto de seu exercício, o jornalismo se desloca para acompanhar as exigências informativas feitas pelo público. Afinal, o que o leitor busca é a satisfação de sua ânsia pela informação. Hirao (2009, p.12) comenta que o leitor “[...] paga para receber um jornal completo e que corresponda aos seus anseios.” E é buscando corresponder às necessidades de informações por parte de seus leitores que o jornalismo se adapta – seja modificando o visual, a linguagem, ou mesmo o enfoque – para satisfazer o público leitor. Como afirma Bucci (2002, p.102):

O decisivo aqui é que o jornalismo sempre acompanha o deslocamento do centro de gravidade da mentalidade do público ao qual ele se destina. Se não acompanhar, rompe as ligações do diálogo. O jornalismo não apenas se dirige ao público, mas, como discurso, origina-se também desse público. Não é algo que se dirija ao público de fora para dentro, mas é uma expressão do público dirigida ao próprio público.

Assim sendo, o jornalismo configura-se como uma instituição voltada para o público e ao mesmo tempo formada por ele. Ao pertencer a este público, e possuindo o poder de informar, o jornalista não deixa de ser tão engajado quanto qualquer cidadão – com opiniões, crenças, ideologias próprias. É preciso, portanto, que assuma o papel de comunicador social, em que não cabem suas críticas ou interpretações pessoais. É o que também afirma Bucci (2002, p.102):

O jornalismo acontece como comunicação social e pública. O jornalista não pode, portanto, estar neutro – ele é tão comprometido quanto qualquer cidadão. Por isso é que precisa vigiar-se de um modo especial.

Essa vigia é necessária para que não se mostre uma parcialidade explícita, embora uma leitura mais crítica seja capaz de perceber as nuances interpretativas imbuídas nas reportagens.

Quando aludimos à figura do jornalista estamos nos referindo a um ser humano que desempenha o papel de mediador entre o ofício de informar sobre acontecimentos e o público carente de informação. Ora, sendo o jornalista um cidadão inserido em uma comunidade dentro de um contexto cultural determinado, pressupõe-se que os elementos deste

contexto estarão, de uma forma ou de outra, presentes no texto. É o que Bucci (2002, p.107, grifo nosso) chama de “perfil de consciência”, que, segundo o autor,

[...] **é composto dos valores, da formação religiosa, das convicções e, de modo mais profundo, dos medos, da noção de pecado, dos desejos, etc., ou seja, dos fatores conscientes e inconscientes** – pode ser definido como o discurso de fundo que cada profissional traz consigo. Os modos de olhar, as percepções mais sutis, as reações ao inesperado, tudo isso emerge desse discurso de fundo.

Esse discurso jornalístico permeado por valores, convicções, noções de medo, pecado, etc. possui, na verdade, os elementos culturais pertencentes a este ofício que, assim como a tradução, tem como matéria-prima a língua, um dos expoentes da cultura. E enquanto indivíduos, todos possuímos nossos próprios valores de cultura, mesmo que estes estejam inseridos em uma cadeia maior que abriga e forma outros valores nela baseados. De acordo com Costa (2009), é de acordo com esses valores culturais que cada um de nós interpreta o mundo que nos cerca. No texto jornalístico, portanto, existem marcas culturais deixadas pelo próprio jornalista, marcas estas que se formam a partir de – e se inserem em – uma cultura mais abrangente, na qual também se encontra o público leitor da reportagem. Existe, portanto, o compartilhamento que jornalista e leitor fazem deste contexto cultural mais abrangente, que abarca fatores históricos, econômicos, jurídicos, culturais e ideológicos da sociedade. Isto pode ser percebido nas informações trazidas pela reportagem e também nas omissões nela existentes, revelando, assim, a pressuposição de que o leitor consegue inferir as informações implícitas.

Por isso, ao admitirmos que a reportagem carrega em seu bojo as influências culturais inerentes ao exercício da atividade jornalística, questionamos a ideia de imparcialidade que os veículos midiáticos muitas vezes insistem em apregoar. Como a isenção é algo virtualmente impossível dentro do próprio discurso, seja ele jornalístico ou não, reconhecemos que o texto jornalístico é definido por uma série de escolhas. Afinal, representar um fato de modo imparcial usando a linguagem implicaria estar do lado de fora do mundo por ela

representado, algo virtualmente impossível. Como afirma Bucci (2002, p.51),

O relato, qualquer que seja ele, é um discurso e, como tal, é inevitavelmente ideológico: mesmo quando sincera e declaradamente não opinativo, o relato jornalístico é encadeado segundo valores que obrigatoriamente definem aquilo que se descreve. A objetividade perfeita nunca é mais que uma tentativa bem intencionada.

Enfim, o jornalismo se presta ao serviço público de informar por meio de representações que ele mesmo faz dos fatos a que se propõe noticiar. Além disso, não deixa de ser uma instituição comercial com todas as implicações que envolvem um produto vendável. Esse aspecto deve também ser considerado no sistema de elaboração da reportagem, que vai desde a escolha do fato a ser noticiado até os recursos a serem utilizados no texto. Aliás, o recorte da realidade já começa com a escolha de qual fato terá ou não espaço no noticiário, na revista ou no jornal, ou seja, qual acontecimento virará notícia. Segundo Gomes (2000, p.30), “[...] no fundamento do recorte há uma estrutura lacunar: algo está de fora, algo foi excluído, pois trata-se de um viés e sempre de uma descontextualização.” Os possíveis critérios de noticiabilidade podem contemplar a importância do impacto deste na sociedade e passar até mesmo por questões como lucratividade (cf. SILVA, 2005). Afinal, o processo de edição da realidade já começa na atribuição de fundos para esta ou aquela reportagem (SCALZO, 2006, p.60). Por ser um produto vendável, o jornalismo está sujeito a todos os fatores envolvidos em sua comercialização.

E por mais que realize um serviço público, jornalismo nunca deixará de ser parte de um negócio inserido de forma inequívoca na indústria da cultura, e por isso quem o exerce, o abriga ou o explora estará de olho na audiência, seja de massa, seja segmentada, para não falar nas receitas e na rentabilidade. (COSTA, 2009, p.166).

Embora a dimensão comercial do jornalismo não seja o enfoque deste trabalho, abordaremos posteriormente alguns critérios de noticiabilidade aplicáveis ao nosso objeto de análise. Uma reportagem é escrita com base na escolha de um fato, e essa escolha é determinada

por diversos motivos, entre eles captar a atenção do leitor (GOMES, 2000, p.80), eixo principal do exercício jornalístico. A partir daí, o texto trará consigo os elementos culturalmente emoldurados, determinados pelo contexto histórico, social, econômico, etc. em que se inserem o veículo e o próprio jornalista, e também pela política deste veículo, pelas edições por que passam o texto antes de ser publicado, entre outros. Esses crivos pelos quais a reportagem passa são mencionados no Manual de Redação e Estilo do jornal O Globo (GARCIA, 1996, p.111-112, grifo nosso):

Todo jornalista, do repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável – pois não há outra maneira de trabalhar – e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública. A primeira necessidade ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder. É intolerável que o processamento da informação seja deliberadamente posto a serviço de fins políticos, ideológicos e pessoais.

Como o texto coloca, essa seleção e os diferentes pesos dados à informação, somados à influência exercida pelo público consumidor do veículo – seja televisivo ou impresso – é que acabam por moldar o enfoque dado à notícia. Dentro da escolha do fato a ser noticiado existem diferentes vieses a serem atribuídos na confecção da reportagem, presentes também na escolha das fotografias, dos entrevistados, e mesmo na escolha lexical. Logo, o enfoque não é feito de modo aleatório, mas culturalmente enquadrado para atingir o público a quem a reportagem se destina. Forma-se, portanto, um movimento circular até chegar à reportagem final: todos os elementos por trás da confecção de uma notícia carregam em si o que podemos chamar de filtros culturais externos e internos, que influenciam e são influenciados uns pelos outros no exercício jornalístico. O filtro cultural, no conceito de House (BAKER; SALDANHA, 2009, p.225), é “[...] um conjunto de dimensões interculturais pelo qual os membros das duas culturas diferem-se em predisposições sócio-culturais e preferências

comunicativas.”¹⁶ É de tais filtros que trataremos no capítulo a seguir, com base na proposta teórica de Frank Esser.

3.1 A proposta de Frank Esser

A proposta do teórico alemão Frank Esser muito tem a colaborar com nossa pesquisa por conter elementos que nos permitem fazer uma analogia com o funcionalismo de Christiane Nord. Essa interface inovadora foi proposta por Zipser (2002), e a partir dela pretendemos trazer uma nova ramificação para os estudos da tradução como representação cultural.

Como mencionamos anteriormente, é possível compararmos alguns princípios da atividade tradutória com a atividade jornalística no que toca à importância do papel cultural nelas presentes. Além de constituírem-se como duas atividades cujos resultados são culturalmente engendrados, ambas possuem o leitor como ponto final no que configura-se uma situação comunicativa. Sendo o jornalismo uma atividade que tem como ponto de chegada o público específico ao qual se destina, e estando o jornalista inserido nesse mesmo espaço cultural, devemos levar em conta que o contexto histórico, cultural, econômico, jurídico, ideológico, etc. em que se encontra este público acabará por determinar o teor do texto jornalístico. O teórico Frank Esser, em sua pesquisa de doutorado, posteriormente publicada em livro intitulado “Die Kraft hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich”¹⁷ (1998), nos traz um novo olhar sobre os fatores que influenciam o fazer jornalístico. Segundo o próprio autor, “[...] a questão dos fatores de influência no jornalismo ainda é pouco pesquisada.”¹⁸ (ESSER apud ZIPSER, 2002, p.21). Assim, a proposta de Esser vem preencher essa lacuna e nos fornecer uma nova perspectiva sobre o jornalismo e o modo como vemos essa instituição.

Por ser uma atividade que influencia a sociedade e é, ao mesmo tempo, formada por ela, há que se considerar que os valores culturais desta sociedade estarão imbricados no resultado do fazer jornalístico: a reportagem televisiva, impressa, radiofônica, online. É nesse aspecto

¹⁶ “[...] a set of cross-cultural dimensions along which members of two cultures differ in socio-cultural predispositions and communicative preferences.”

¹⁷ “A força por detrás das manchetes: o jornalismo alemão e inglês em comparação” (Tradução livre).

¹⁸ “[...] die Frage der Einflußfaktoren im Journalismus immer noch wenig untersucht.”

que se pauta a pesquisa de Esser (apud ZIPSER, 2002, p.21, grifo nosso), segundo quem:

O ponto de partida dessa direção de pesquisa (e também deste trabalho) é o reconhecimento de que **o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais**, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações econômicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes¹⁹.

Como reitera Esser, são os elementos externos, definidos como condições sociais, fundamentos históricos e jurídicos e limitações econômicas, e os elementos internos, que abrangem os padrões éticos e profissionais dos agentes do fazer jornalístico, que definem o jornalismo exercido em cada país. Assim, o fazer jornalístico acontece de modo particular de acordo com a cultura em que se insere, e para o qual é feito. O jornalismo exercido no Brasil não poderá constituir-se do mesmo modo que a atividade jornalística em Portugal, visto que o contexto cultural para o qual as notícias são emolduradas e publicadas é diferente em cada país.

Os fatores de influência mencionados por Esser vão desde a esfera social até a esfera subjetiva, passando pela esfera institucional e pela estrutura da mídia. A forma como organiza estes fatores é explicada pelo próprio autor no seguinte trecho:

Houve várias tentativas de identificar e classificar esses fatores de influência. Uma maneira simples de classificação desses fatores de influência é a 'metáfora da cebola'. Comparamos o jornalismo - retomando a ideia de Maxwell McCombs - com uma cebola, sendo que cada camada da cebola representa um fator de influência do fazer jornalístico²⁰. (ESSER apud ZIPSER, 2000, p.21).

¹⁹ Ausgangspunkt dieser Forschungsrichtung (und auch dieser Arbeit) ist die Erkenntnis, dass der Journalismus eines jeden Landes durch die allgemeinen gesellschaftlichen Rahmenbedingungen, historische und rechtlich Grundlagen, ökonomische Zwänge sowie die professionellen und ethischen Standards seiner Akteure geprägt wird.

²⁰ Es hat verschiedene Versuche gegeben, diese Einflussfaktoren zu identifizieren und klassifizieren. Eine einfache Weise zur Klassifikation dieser Einflussfaktoren ist die 'Zwiebel-Metapher'. Wir vergleichen den Journalismus – auf die Idee auf Maxwell McCombs zurückgehend – mit einer Zwiebel, wobei die einzelnen Schalen, die das journalistische Handeln beeinflussen, für die einzelnen Faktoren stehen.

Deste modo, Esser apresenta os elementos que julga influenciar o jornalismo em um gráfico constituído por quatro camadas no formato de uma cebola, chamado de modelo pluriestratificado integrado, no qual a camada externa abriga as camadas internas em um processo de inclusão e influência.

Figura 1 : Modelo Pluriestratificado Integrado



Fonte: Zipser, 2002.

Na camada externa Esser apresenta a esfera social, definida por ele como moldura histórico-cultural. É nessa camada que se encontram os valores culturais da sociedade referentes à imprensa e ao próprio jornalismo, os valores e as condições determinantes da esfera político-social. É a esta camada que vamos nos ater, pois é na esfera social que acontece a ação cultural. Dentro da camada anterior encontra-se a camada destinada à esfera da estrutura da mídia, onde entram as condições econômicas e jurídicas da mídia, os valores éticos, os sindicatos, as associações e o sistema de formação do jornalista. Na esfera institucional, de nível organizacional, estão as estruturas do veículo, da redação e da editoração, os procedimentos de trabalho e as tecnologias de redação.

A camada interna é atribuída aos níveis individuais, na esfera subjetiva. São os fatores de formação individual, como os valores subjetivos e a postura política. Envolve também a profissionalização do jornalista e sua posição demográfica. Como podemos observar, as camadas apresentam-se em uma relação de interação e influência mútua entre si. Os fatores ganham força na medida em que atuam em conjunto, e não como elementos isolados. Isto é reiterado pelas palavras de Esser (apud ZIPSER, 2002, p.26):

Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve sua influência somente em conjunto com as demais forças. As quatro esferas moldam o fazer jornalístico²¹.

Ao mesmo tempo em que os elementos subjetivos não se manifestam sem que sejam filtrados pelas camadas posteriores, os elementos externos determinam a atuação do indivíduo, em nível subjetivo. Isto significa que o texto jornalístico é confeccionado com todos esses elementos alinhavados. De modo semelhante, e em analogia à proposta teórica de Nord mencionada no capítulo anterior, a atividade tradutória também traz em si elementos externos e internos que se influenciam mutuamente e que formam o texto traduzido. As duas atividades acontecem em movimentos circulares, trazendo em si

²¹ Die verschiedenen Ebenen stehen in einem engen Interaktionsverhältnis, sie beeinflussen sich gegenseitig, kein Einzelfaktor wirkt isoliert, sondern entwickelt seinen Einfluß erst im Verbund mit anderen Kräften. Die vier Sphären prägen das journalistische Handeln.

influência de seus elementos constitutivos e chegando ao leitor final, mas não terminando nele.

Resultados de diversas filtragens, tanto o texto jornalístico quanto a tradução podem ser considerados prospectivos, já que visam atingir seus respectivos leitores. Como afirma Zipser (2002, p.45-46): “Assim como na tradução, somente o destinatário – o leitor – fecha o círculo de produção e recepção do texto jornalístico.”. Podemos considerar que o leitor, ao lado de todos os fatores que influenciam o fazer jornalístico, é peça importante na determinação das escolhas sobre o que vai ou não ser tratado em uma reportagem. Essas seleções é que determinam o enfoque dado pela reportagem sobre um fato. Nas palavras de Gomes (2000, p.83): “A seleção feita deixa de lado não só acontecimentos, aos quais não se deu atenção [...], mas também os enfoques possíveis.” Embora muitas vezes o enfoque priorizado por veículos da mídia não fiquem explícitos, o cotejo entre reportagens de diferentes meios pode nos indicar mais claramente o viés tomado por este ou aquele texto.

Para melhor visualizarmos os elementos que formam o fazer jornalístico, e que se mostram nas reportagens, Esser sugere que deve ser feita uma comparação internacional para que esses elementos sejam vistos e avaliados:

Somente a comparação internacional pode esclarecer quais fatores de influência marcam e constituem o fazer jornalístico, que relação esses fatores guardam entre si e como podem ser avaliados²². (ESSER apud ZIPSER, 2002, p.18).

Fazendo assim, obtêm-se os parâmetros necessários para que se determine, por meio de comparação, as características dos fatores de influência do jornalismo.

Entretanto, quando fazemos uma comparação em nível internacional é inevitável que sejamos tendenciosos e, inevitavelmente, olhemos o estrangeiro a partir de nossas próprias perspectivas. Por mais que em tal comparação busque-se a imparcialidade, nosso filtro cultural estará presente em qualquer afirmação, em qualquer julgamento. De acordo com Esser (apud ZIPSER, 2002, p.19),

²² Erst im internationalen Vergleich wird deutlich, welche Einflussfaktoren für das journalistische Handeln prägend und konstitutiv sind, in welchem Verhältnis diese Faktoren zueinander stehen und wie sie zu gewichten sind.

Um estudo comparado em nível internacional traz perigos. Em país estrangeiro, o pesquisador de campo observa seu objeto de estudo através da lente do estrangeiro e avalia o percebido a partir dos parâmetros de sua terra natal. Isso pode levar a mal-entendidos, críticas precipitadas e glorificações²³.

Como já dito, tendo em vista que a imparcialidade é nada menos do que boa intenção por parte de quem informa, traduz, ou compara, procuramos, neste trabalho, mostrar nossas observações retiradas de comparações, sem pretender julgar os conteúdos das reportagens em nível de qualidade ou critério de apuração dos fatos. Não intencionamos indicar qual reportagem mais se aproxima da verdade dos fatos, mas, sobretudo, mostrar qual o enfoque dado sobre a notícia.

Podemos observar diversas semelhanças nas cadeias formadoras das atividades jornalística e tradutória. Tendo como base, no campo da tradução, a proposta funcionalista de Christiane Nord, e a teoria de Frank Esser sobre os fatores de influência do fazer jornalístico, podemos constatar que existem elementos análogos que, como pretendemos mostrar, aproximam as duas atividades, tidas usualmente como distintas. Por excelência, a tradução traz como eixo principal o texto-fonte, sem o qual não teria razão de ser. Enquanto isso, o jornalismo acontece por haver, necessariamente, um fato sobre o qual noticiar. De um lado, temos fatores externos que interagem e se integram na formação tanto da atividade jornalística quanto tradutória; de outro, fatores internos que, filtrados pelos elementos externos, marcam individualmente os resultados das duas atividades. Por fim, temos o leitor, que completa o ciclo comunicativo, e que por essa razão influencia o direcionamento do texto final, fechando o ciclo formado na intercomunicação entre texto/fato e leitor.

Assim, podemos concluir que existem paralelos entre o fazer jornalístico e a tradução. Para existir, a tradução precisa partir de um texto-fonte, e o jornalismo necessita de um fato; portanto, podemos dizer que é semelhante a relação entre tradutores e jornalistas em relação às suas respectivas ferramentas de trabalho. Acrescentando o leitor nessa linha, o texto-fonte depende da tradução para que chegue a determinado público alheio à sua língua e cultura de partida, do mesmo

²³ Eine international vergleichende Studie birgt Gefahren. Als Feldforscher im fremden Land betrachtet man seinen Untersuchungsgegenstand durch die Brille des Ausländers und bewertet das Wahrgenommene nach den Maßstäben seines Heimatlandes. Das kann zu Mißverständnissen, vorschneller Kritik oder Glorifizierung führen.

modo que o acontecimento precisa ser noticiado para que alcance o leitor. Sendo assim, concordamos com a afirmação de Zipser (2002, p.45), segundo a qual “[...] podemos definir o trabalho da escritura do texto jornalístico como sendo uma ‘tradução’ prospectiva do fato noticioso, por excelência.” Deste modo, o fazer jornalístico passa a ser tradução de fatos culturalmente representados na cultura de chegada, e não apenas transmissor direto e imparcial entre fato e leitor.

3.1.1 O texto de revista – algumas considerações

Em meio a tantos veículos midiáticos existentes no mercado, escolhemos a revista como objeto de análise desta pesquisa por ela conter maior número de elementos pertinentes para nosso estudo. Esses elementos incluem periodicidade, circulação, extensão das reportagens escolhidas e semelhança de conteúdo. O jornalismo de revista, além disso, e como veremos durante a análise dos textos, possui algumas características que nos permitem visualizar com mais clareza o viés adotado na redação dos textos.

Vários fatores contribuem para que a reportagem de uma revista semanal seja sensivelmente diferente do jornalismo diário. Não sendo uma publicação diária, o tempo disponível para tratar uma notícia permite à revista publicar reportagens mais aprofundadas e analíticas. Diferente do jornalismo diário, com sua rapidez na apuração dos fatos para que a notícia chegue brevemente ao público, o jornalismo da revista dispõe de um pouco mais de tempo para uma análise mais minuciosa, interpretativa. Nas palavras de Vilas Boas (1996, p.9, grifo nosso):

A revista semanal preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão. Além de visualmente mais sofisticada, outro fator a diferencia sobremaneira do jornal: o texto. Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário. A reportagem interpretativa é o forte.

Tais vazios informativos que o jornalista considera presentes nas coberturas de outros veículos acontecem justamente pela rapidez

com que são apurados os fatos e produzidas as reportagens a serem publicadas. A revista, por conta de sua periodicidade, quando é lançada no mercado geralmente trata de assuntos já noticiados em outros meios e pode, portanto, trazer reportagens menos acríicas. Ocorre, então, que o jornalismo de revista é, em sua essência, interpretativo. Como afirma Vilas Boas (1996, p.15),

[...] o texto de revista se propõe mais abertamente a interpretar o fato. Depois de ‘assentada a poeira’, vem a reflexão, a visão detalhada do contexto, a narrativa instigante e atraente, que faça o leitor mergulhar na ‘história’.

Ao lermos uma reportagem de revista é possível, muitas vezes, manter-nos inteirados sobre um assunto de forma mais completa, mais abrangente, já que ela soma o texto interpretativo às investigações mais apuradas, fornecendo um cenário panorâmico de imersão para o leitor. Ainda segundo Vilas Boas (1996, p.9), o jornalismo de revista adiciona aos noticiários diários “[...] pesquisa, documentação e riqueza textual.”

Além de informar, a revista também entretém, vende serviços e produtos, aconselha, educa. De acordo com Scalzo (2006, p.11): “Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento.”. Podemos encontrar revistas dos mais variados assuntos, em diversos formatos e destinadas a públicos distintos. Embora neste trabalho sejam utilizadas apenas revistas “[...] de informação-geral.” (VILAS BOAS, 1996, p.71) – nomeadamente a *Veja*, a *IstoÉ*, a *Visão* e a *Sábado* – há que se considerar a existência do grande número de revistas com as mais variadas propostas para seus respectivos mercados.

Sendo as revistas veículos que se destinam a públicos específicos, é necessário que haja adequação de seu conteúdo, desde o formato da revista até o tipo de capa e linguagem, para satisfazer a proposta oferecida àquele mercado. Aliás, a linguagem, de modo geral, utilizada nas reportagens de revista é quem carrega os traços mais marcantes pelos quais se reconhece o tipo de leitor que a revista deseja alcançar. De acordo com Vilas Boas (1996, p.39, grifo do autor):

Não raro, esta linguagem é definida pelo tipo de leitor que se quer atingir. A linguagem das

revistas semanais de informação geral, muitas vezes, é definida pelo modo de ‘angular’ a matéria, de redigir o texto e pelo **ponto de vista** predeterminado.

Podemos, portanto, considerar que a angulação da matéria, a redação do texto e o ponto de vista predeterminado, citados por Vilas Boas, constroem o enfoque intencionado pela reportagem. São estes elementos que, somados ao uso de infográficos, fotografias, gráficos, entrevistas, e até o posicionamento da reportagem sobre tal fato, levam ao caminho que indica o viés alcançado pelo texto. Embora este esteja muitas vezes implícito, o enfoque age de forma a influenciar o leitor na formação de sua opinião, ainda que de forma velada. Segundo Vilas Boas (1996, p.34, grifo do autor):

Um mesmo texto pode conter informação, análise, interpretação e **ponto de vista**. Outra característica da revista semanal de informações é assumir mais declaradamente o papel de formadora de opinião. O texto é decorrência disso.

A construção do texto, feita com elementos verbais e não verbais, pode nos mostrar o olhar da revista sobre determinado fato. Analisando os elementos usados nas reportagens para se obter o efeito desejado – dentre eles a própria escolha da informação noticiada, os recursos gráficos, a função textual predominante, as informações excluídas, igualmente importantes em uma análise dessa natureza – podemos inferir, por exemplo, o tipo de leitor que se deseja atingir e de que maneira isto é feito. E é na comparação entre diferentes revistas que podemos reconhecer mais claramente o enfoque preferido por cada uma, o contexto em que se inserem, e o panorama cultural do leitor que consome aquela reportagem.

CAPÍTULO 4 – OS DIFERENTES OLHARES SOBRE O A330

A fim de identificarmos os elementos que ajudam a determinar os enfoques presentes nos textos jornalísticos escritos no Brasil e em Portugal, teremos como objeto de estudo quatro revistas com reportagens sobre um mesmo fato. São elas: *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no Brasil, e *Visão* e *Sábado*, publicadas em Portugal. Os critérios de escolha das edições abarcaram, além da apresentação de reportagens sobre um mesmo acontecimento, a periodicidade (todas foram publicadas na mesma semana em que o fato ocorreu), mesma circulação (nacional) e alguns elementos que fossem significativos para esta análise, como conteúdo e tamanho das reportagens. Na madrugada do dia 1º de junho de 2009, o voo AF 447 fazia a rota Rio-Paris quando subitamente desapareceu dos radares aéreos em pleno Oceano Atlântico. No Airbus modelo 330-200 da companhia aérea francesa Air France estavam 228 pessoas (dentre elas sete crianças, um bebê e 12 tripulantes) de 32 nacionalidades, sendo 58 brasileiros e não havendo nenhuma pessoa de nacionalidade portuguesa. A aeronave 330-200 era do fabricante europeu Airbus, possuía 59 metros de extensão e 60 metros de largura, e era dotada de um extenso aparato tecnológico. As buscas pelas caixa-pretas – que desvelariam todo o mistério – foram iniciadas na mesma semana do acidente, tendo sido encontradas somente dois anos depois. Posteriormente à publicação destas reportagens, as equipes de buscas também encontraram no oceano alguns corpos e objetos que pertenciam à aeronave. Só em julho de 2011, depois de encontradas as caixas-pretas do avião, mais de dois anos após o acidente, é que foi divulgada a transcrição das caixas-pretas revelando as causas da tragédia (GOMES; MONTEIRO, 2011). Neste trabalho, porém, vamos nos ater somente à análise das reportagens publicadas nas revistas selecionadas na semana do acidente, não usando de informações publicadas posteriormente para sustentar qualquer argumentação. O intuito é observar como as reportagens, em si mesmas, configuram olhares marcadamente culturais sobre um determinado acontecimento.

Quando observamos os elementos que compõem o texto jornalístico sob uma perspectiva cultural conseguimos perceber alguns traços que caracterizam o público para o qual ele se destina. Esse tipo de análise identifica o contexto em que se inserem a publicação e o leitor. Observar as marcas culturais presentes em uma reportagem nos permite enxergar o enfoque dado a determinado fato – enfoque este que diz

muito sobre o panorama cultural do leitor da reportagem e valida a importância de se considerar o público a que se destina o texto no momento de sua construção.

Entretanto, além dos traços da cultura impressos na própria língua, instrumento por meio do qual o jornalismo concretiza-se, o fazer jornalístico está inserido no contexto histórico-social da comunidade para a qual se destina, e é voltado para ela que o jornalismo acontece. Resultado da interação entre os fatores externos e internos apresentados por Esser no capítulo 3, o jornalismo é inevitavelmente marcado pelos contextos culturais em que é exercido. Aliás, mesmo os elementos influenciadores do fazer jornalístico sugeridos por Esser são, em essência, já emoldurados culturalmente. Assim, quando analisamos o jornalismo estrangeiro, estamos sujeitos a julgá-lo com os olhos do contexto em que estamos inseridos. Deste modo, mesmo que busquemos a almejada imparcialidade, é inevitável que haja filtros culturais na análise das reportagens escritas na – e para a – sociedade em que vivemos. Neste trabalho, observamos o enfoque priorizado por reportagens no Brasil e em Portugal sobre um mesmo acontecimento, e pelo fato de que somos parte do público leitor brasileiro, compartilhando um ambiente contextualizado histórica e socialmente, já nos confere determinada parcialidade nas observações a respeito das reportagens. Do mesmo modo, qualquer experiência nossa acerca da sociedade e da cultura portuguesa – o que dela sabemos, o que dela recebemos e como a percebemos – serve de parâmetros para a apreciação do que nos apresenta a mídia de Portugal. Longe de se mostrarem um empecilho para essa análise, nossos filtros culturais reiteram a proposta da pesquisa, já que procuramos mostrar como o exercício jornalístico e o tradutório, tidos aqui como análogos, são pautados pelo contexto cultural em que emissor e receptor estão inseridos.

Por meio da observação de como as reportagens se posicionam em relação ao fato é que conseguimos distinguir os diferentes enfoques dados a ele, o modo como foi abordado por cada revista, os (significativos) elementos escolhidos para figurar nos textos e, possivelmente, traçar os motivos – ou fatores – que determinaram as escolhas neles presentes. A tais conclusões é possível chegar mediante a análise de elementos pertencentes ao texto em si e também externos a ele.

A análise não é feita de modo estanque e isolado entre os fatores expostos, mas numa interrelação em que os elementos contribuem entre si na formação do efeito global do texto, entendido aqui como enfoque dado ao fato. É a percepção do momento histórico,

cultural, social em que acontece o ato comunicativo (aqui desempenhado pelo texto e sua recepção) que nos permite, também, deduzir muitos destes elementos.

Dentro do panorama estabelecido pelo tempo, espaço, cultura, e pelas funções básicas da comunicação, o que considero relevante para a tradução são todos os dados que possam lançar uma luz sobre a intenção do emissor, sobre a audiência a quem se dirige e seu contexto cultural, sobre lugar, tempo e motivo da produção do texto, assim como qualquer informação sobre as características intratextuais previsíveis (tais como idiosincrasias, dialeto regional e social, características temporais, pressuposições de conhecimento, etc).²⁴ (NORD, 1991 p.44-45)

É nessa interdependência entre elementos externos e internos que reside outra similaridade com o modelo proposto por Frank Esser no fazer jornalístico. Tanto o modelo apresentado por ele quanto a proposta funcionalista de Christiane Nord contemplam a situação comunicativa ambientada em um contexto social, histórico, econômico, ideológico, cultural e de caráter essencialmente prospectivo, ou seja, que se volta para o receptor. A análise dos elementos externos e internos do texto segundo a proposta de Nord nos permitirá identificar, consoante nossa proposta, os fatores situados por Esser na esfera mais exterior de seu modelo pluriestratificado, que se apresenta como a moldura histórico-cultural do fazer jornalístico, e que revelará o enfoque priorizado por cada reportagem.

Disposmos de um quadro (ZIPSER, 2002, p.54) na qual apresentamos os elementos mais relevantes para o propósito desta análise, que nos permitem observar como foram construídas as diferenças de enfoque de cada uma das reportagens. Alguns dados foram pulverizados em outros quadros ao longo do texto para permitir uma melhor visualização frente às considerações de análise. Os textos integrais de cada reportagem podem ser vistos nos Anexos A, B, C e D.

²⁴ Within the framework established by time, space, culture and the basic functions of communication, what I regard as being relevant to translation is all data which may throw light on the sender's intention, on the addressed audience with their cultural background, on the place and time of and the motive for text production, as well as any information on the predictable intratextual features (such as idiosyncrasies, regional and social dialect, temporal features, knowledge presuppositions, etc.).

Quadro 2 : Fatores externos aos textos analisados

FATORES EXTERNOS AO TEXTO				
Emissor	Revista Veja	Revista IstoÉ	Revista Visão	Revista Sábado
Intenção	Informar	Informar	Informar	Informar
Receptor	Público brasileiro	Público brasileiro	Público português	Público português
Meio	Semanal	Semanal	Semanal	Semanal
Lugar	Brasil	Brasil	Portugal	Portugal
Tempo	10 jun.2009	10 jun.2009	4-10 jun. 2009	4 -8 jun. 2009
Propósito (motivo)	Chamar atenção para a questão sobre segurança aérea e tentar elucidar o desaparecimento da aeronave.	Chamar atenção para a questão sobre segurança aérea e tentar elucidar o desaparecimento da aeronave	Mostrar o trajeto percorrido pelo avião português horas antes de ser seguido pelo avião da Air France.	Levantar hipóteses sobre as causas da queda do A330 e mencionar outros casos de acidentes aéreos
Função textual	Predomínio da função referencial; uso da função conativa.	Predomínio da função referencial.	Predomínio da função referencial.	Predomínio da função referencial.

Quadro 3 : Fatores internos aos textos analisados

FATORES INTERNOS AO TEXTO				
Emissor	Revista Veja	Revista IstoÉ	Revista Visão	Revista Sábado
Tema	Desaparecimento do A330	Desaparecimento do A330	Desaparecimento do A330	Desaparecimento do A330
Conteúdo	Segurança aérea; causas do desaparecimento do A330, informações sobre algumas vítimas do acidente, na maioria brasileiras.	Segurança aérea; causas do desaparecimento do A330, informações sobre algumas vítimas do acidente, na maioria brasileiras.	História do avião da TAP que fez a mesma rota do A330; causas do desaparecimento do A330; informações sobre algumas vítimas do acidente, na maioria europeias.	Causas do desaparecimento do A330; histórias de outros mistérios da aviação.
Estruturação	Ver quadro 4 p.78	Ver quadro 4 p.78	Ver quadro 4 p.78	Ver quadro 4 p.78
Pressuposições	Acidentes aéreos ocorridos no passado reiterariam a questão da insegurança no insconsciente coletivo do brasileiro.	Acidentes aéreos ocorridos no passado reiterariam a questão da insegurança no insconsciente coletivo do brasileiro.	O A330 não teria seguido a mesma rota “segura” que o avião da TAP seguiu.	As buscas pela resolução do mistério são vãs, pois este caso será mais um a entrar para a história dos acidentes sem respostas.
Léxico	Ver quadro 5 p.83	Ver quadro 5 p.83	Ver quadro 5 p.83	Ver quadro 5 p.83
Sintaxe	Períodos longos; humanização do relato.	Períodos longos; humanização do relato.	Períodos curtos; humanização do relato.	Períodos curtos; humanização do relato.
Efeito do texto	Ver quadro 6 p.87	Ver quadro 6 p.87	Ver quadro 6 p.87	Ver quadro 6 p.87

Dentre todos os fatores propostos por Nord e preenchidos com as informações trazidas pelos textos, decidimos analisar mais minuciosamente somente aqueles que apresentam maior relevância dentro desta pesquisa. À semelhança da seleção que fizemos no modelo de Esser, optando por priorizar a camada externa do fazer jornalístico, no modelo de Nord priorizaremos o propósito, o conteúdo, as pressuposições e o léxico para chegarmos ao efeito do texto – último fator dentre os elementos internos. Sendo assim, não abordaremos os elementos não verbais e os suprasegmentais.

A começar pelos fatores extratextuais, em um movimento de análise que Nord denomina de “top down” (de cima para baixo), já que, segundo ela: “Na comunicação escrita, a ‘situação’ geralmente é documentada no ‘ambiente do texto’²⁵, [...]” (NORD, 1991, p.37), temos a figura do emissor. Ele não deve ser confundido com o produtor do texto, embora haja ocasiões em que os dois papéis são desempenhados pelo mesmo indivíduo. No caso das reportagens escolhidas, embora tenhamos os redatores dos textos (produtores) com seus nomes explicitados, sobre eles age aquilo que seria uma ‘força maior’, que são os veículos midiáticos que publicam as reportagens. Nas palavras de Nord (1991, p.43, grifo nosso):

O emissor de um texto é a pessoa (ou instituição) que usa o texto para transmitir uma determinada mensagem a alguém e/ou produzir determinado efeito, enquanto que **o produtor do texto o escreve de acordo com as instruções do emissor e cumpre as regras e normas de produção textual válidas na respectiva língua e na cultura**²⁶.

Traquina (2005, p.152) acrescenta, mencionando a opinião do teórico Breed a esse respeito, que “[...] o jornalista [PRODUTOR] se conforma mais com as normas da política editorial da organização [EMISSOR] do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela

²⁵ In written communication, the ‘situation’ is often documented in the ‘text environment’ [...].

²⁶ The sender of a text is the person (or institution, etc.) who uses the text in order to convey a certain message to somebody else and/or to produce a certain effect, whereas the text producer writes the text according to the instructions of the sender, and complies with the rules and norms of text production valid in the respective language and culture.

tivesse trazido consigo.” Esse vínculo entre emissor e produtor do texto faz com que este se submeta às diretrizes ditadas por aquele, produzindo um texto que seja o mais próximo possível das diretrizes da revista, de sua ideologia, da fatia de mercado que ela deseja atingir, etc. Portanto, cada reportagem é escrita de forma a carregar em seu bojo idiossincrasias, por assim dizer, de cada veículo pela qual é transmitida. Ao mesmo tempo, essa escritura deve, como mencionado por Nord, cumprir com as regras de produção textual vigentes na língua e na cultura – como a adequação da linguagem ao gênero textual de reportagem consoante a comunidade jornalística em questão. As particularidades de cada emissor/revista são elementos fundamentais na análise do viés com que pretendem noticiar os fatos. Neste trabalho consideramos, por fim, o emissor do texto como sendo o jornalista agindo sob os parâmetros da revista em que a reportagem foi publicada.

Deparamo-nos, em seguida, no quadro, com a semelhança na intenção dos quatro veículos. Nord (1991, p.48) afirma que “[...] certos tipos textuais são convencionalmente associados a determinadas intenções²⁷ [...]”, e propõe a seguinte pergunta a ser feita para que se chegue à intenção do emissor: “Que intenção(ões) é (são) convencionalmente associada(s) com este tipo textual que pode(m) ser associada(s) ao texto analisado?²⁸” (NORD, 1991, p.51). Sendo assim, há que se considerar a característica intrínseca do gênero reportagem, que é a de informar (cf. BONINI, 2002, p.113 e 149), como sendo intenção primária do emissor.

O próximo elemento a ser verificado é o receptor. De acordo com Nord (1991, p.54): “As informações obtidas sobre o receptor podem lançar uma luz sobre a intenção do emissor, sobre o tempo e o local da comunicação, [...] sobre a função do texto [...], e sobre as características intratextuais [...]”²⁹. Sabendo que o emissor é a revista brasileira IstoÉ, ou a Veja, é óbvia a conclusão de que o texto será voltado para o leitor brasileiro. Do mesmo modo, o meio apresenta-se como fator importante na determinação das características e da identidade do leitor.

No caso das revistas, tanto as brasileiras quanto as portuguesas são de circulação nacional, atingindo, portanto, um número maior de

²⁷ [...] certain text types are conventionally associated with certain intentions [...].

²⁸ What intention(s) are by convention associated with the text type to which the analysed text can be assigned?

²⁹ The information obtained about the recipient may throw some light on the sender's intention, on the time and place of communication [...], on text function [...], and on the intratextual features [...].

leitores; não são revistas especializadas e trazem conteúdo de informação geral. Infere-se que o leitor destes periódicos sejam pessoas interessadas na apuração de fatos do cotidiano de forma mais detalhada do que aquilo que lhes é apresentado em um jornal diário, por exemplo. E também que não são leitores específicos de uma área, que buscam reportagens especializadas sobre um determinado assunto.

Com vistas neste leitor, o emissor da mensagem levará em consideração os elementos que julga pertinentes dentro do universo de conhecimento de seu consumidor. As escolhas feitas pelo emissor são determinadas por aquilo que considera ser relevantes para o receptor, para que se constitua uma reportagem que traz em si o contexto cultural – incluindo conhecimento de mundo – que ele julga compartilhar com o leitor:

[...] o emissor seleciona as informações que julga ser de interesse ou novas para o receptor, e estas formarão o conteúdo do texto que ele irá produzir. Ao formular sua mensagem, o emissor deve levar em conta aquilo que considera ser de conhecimento geral do receptor.³⁰ (NORD, 1991, p.80)

O emissor faz escolhas bastante significativas ao levar em conta os elementos e informações que acredita pertencer ou não ao universo de conhecimento do leitor. Tanto aquilo que ele decide incluir no texto quanto o que nele resolve implicitar pode dizer muito sobre o tipo de receptor, o nível conhecimento sobre o assunto, a época, o local e o momento cultural em que o texto foi publicado/consumido.

O tempo, nesta análise, é importante, uma vez que todas as reportagens foram publicadas na mesma semana em que ocorreu o desaparecimento do Airbus 330. Deste modo, o período de apuração dos fatos foi semelhante, não havendo distanciamento temporal entre uma publicação e outra. O lugar, por sua vez, permite que tiremos conclusões imediatas sobre o contexto cultural do emissor e do receptor, sobre o meio, e sobre as características linguísticas – de extrema importância na escolha lexical e sintática do texto (cf. NORD, 1991, p.62).

³⁰ [...] the sender selects those items of information which he thinks may be of interest or new to the recipient, and these items will form the content of the text he is going to produce. When formulating his message, the sender has to take into account what he considers to be the general background knowledge of the recipient.

Seguindo para a análise do propósito, ou motivo, da produção do texto, devemos considerar o fato de que ele se situa, no modelo de Nord, antes do momento da recepção do texto. “Enquanto a dimensão de tempo faz parte da situação comunicativa (em sentido estrito), a dimensão do motivo relaciona a situação comunicativa e os participantes a um evento externo, ou anterior, à situação.³¹” (NORD, 1991, p.68). Ou seja, no caso do fazer jornalístico, o propósito da comunicação surge pois existe um evento sobre o qual o emissor deseja comunicar. No jornalismo, a questão sobre qual seria tal propósito pode ser facilmente depreendida, pois, segundo a autora: “[...] uma reportagem é escrita porque algo importante aconteceu; [...]”.³²” (NORD, 1991, p.67). Em nosso objeto de estudo, o propósito de cada revista está conectado à sua intenção enquanto emissor da mensagem, e tal intenção abarca todos os outros elementos já aqui elencados. Assim sendo:

a) Os emissores *Veja* e *IstoÉ*, apresentando-se como revistas semanais, sendo publicações brasileiras voltadas para o público brasileiro, têm como intenção informar o leitor sobre o desaparecimento do Airbus 330 na madrugada do dia 1º de maio de 2009. O propósito que permeia esta intenção é o de tentar elucidar o desaparecimento da aeronave e chamar a atenção para a questão da segurança aérea.

b) O emissor *Visão*, também uma revista semanal, sendo uma publicação portuguesa voltada para o público português, tem como intenção também informar sobre o desaparecimento do Airbus 330. Seu propósito, entretanto, é mostrar o como o avião da TAP, transportadora aérea portuguesa, livrou-se do final trágico mesmo percorrendo trajeto semelhante ao da aeronave da Air France.

c) O emissor *Sábado*, revista semanal portuguesa, voltada para o público português, tem a mesma intenção das demais revistas. Porém, o propósito desta comunicação é levantar hipóteses sobre as causas da queda do A330 e relembrar outros acidentes aéreos misteriosos que permaneceram sem solução.

d) A diferença e o limite entre intenção e propósito muitas vezes não parecem tão nítidos; às vezes se aproximam e se confundem. Porém, ambos encontram-se em uma situação anterior à confecção do texto, envolvendo o que podemos considerar a motivação da situação

³¹ While the dimension of time is part of the communicative situation (in the narrower sense), the dimension of motive relates the communicative situation and the participants to an event that is outside, or rather prior to, the situation.

³² [...] a news report is written because something of importance has happened; [...].

comunicativa em que há a escolha de um determinado assunto a ser tratado. É necessário esclarecer que alguns elementos extratextuais, como propósito e função textual, só foram possíveis de ser determinados após cuidadosa leitura dos textos – pois nos seria impossível alcançar o momento anterior a ele, aquele em que, na redação da revista, o acontecimento foi escolhido para figurar na pauta das edições e em que fosse definido, de antemão, qual direcionamento a ser tomado por cada uma. Dentre os inúmeros acontecimentos diários, o veículo jornalístico vê-se obrigado a fazer escolhas do que será noticiado. A esta filtragem jornalística dá-se o nome de critérios de noticiabilidade, tratados por diversos teóricos na área de comunicação (cf. SILVA, 2005). Cabem aqui, portanto, algumas reflexões sobre os critérios que, a nosso ver, possivelmente seriam aplicáveis na escolha do desaparecimento da aeronave francesa como matéria para as revistas deste estudo. Escolhemos aqueles propostos pelos teóricos Galtung e Ruge (in TRAQUINA, 2008, p.70, grifos nossos), chamados por eles de “valores-notícia”:

- 1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento;
- 2) a amplitude do evento;**
- 3) a clareza ou falta de ambiguidade;
- 4) a significância;**
- 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o ‘novo’ numa ‘velha’ ideia que corresponda ao que se espera que aconteça;
- 6) o inesperado;**
- 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade;
- 8) a composição, isto é, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados;
- 9) a referência a nações de elite;**
- 10) a referência a pessoas de elite,** isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento;
- 11) a personalização,** isto é, a referência às pessoas envolvidas;
- e
- 12) a negatividade,** ou seja, segundo a máxima ‘*bad news is good news*’.

Dentre os critérios trazidos por Galtung e Ruge, destacamos aqueles que seriam passíveis de serem aplicados no tratamento do caso do Airbus 330: trata-se de uma aeronave francesa que decolou de território brasileiro (ambas nações importantes no cenário mundial) com

228 passageiros de 32 nacionalidades (amplitude, significância), dentre eles pessoas proeminentes profissionalmente (referência a pessoas de elite), que subitamente desapareceu no Oceano Atlântico (significância, inesperado, negatividade). Outro valor trazido por Traquina (2008, p.80, grifo do autor) é o de “[...] **proximidade**, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais.” Isto explicaria as reportagens em Portugal sobre o desaparecimento da aeronave francesa mesmo que não houvesse qualquer passageiro português: o acontecimento, além de vitimar muitos europeus, também afetou bastante o Brasil, nação com a qual Portugal possui uma relação política, econômica e histórica bastante forte. Natali (2007, p.13) ainda ressalta que, dentre os critérios de escolha dos fatos a serem noticiados, no caso de acidentes aéreos, “[...] entram em jogo fatores que vão do *glamour* do avião que se espatifou ao local em que ocorreu o acidente e ainda à nacionalidade das vítimas.”

Atendo-nos ao fato de que o avião portava 228 passageiros, vale ressaltar as diferenças na maneira que cada revista os menciona. Traquina (2008, p.83, grifo nosso) ainda afirma que

Segundo Golding e Elliott (1978), os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas e **quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre ou quanto mais elevada for a presença de ‘grandes nomes’, maior é a notabilidade desses acontecimentos.**

É com base na quantidade de brasileiros e europeus envolvidos, e de acordo com a proeminência deles, que revistas farão as escolhas pertinentes para o público específico ao qual se destinam. A *Veja* traz os nomes de 20 dos 58 brasileiros que estavam no voo AF447, além de um argentino e um alemão. Com uma reportagem cheia de grandes fotografias (*VEJA*, p.86-90), as pessoas escolhidas para recheiar as páginas da matéria são, em sua maioria, detentoras de cargos de prestígio: dois médicos, um engenheiro, um oceanógrafo, um maestro, dois advogados, um herdeiro da família real, entre outros. A *IstoÉ* (p.95), por outro lado, menciona apenas quatro pessoas no corpo da reportagem destinada às vítimas da tragédia (dois brasileiros, uma romena e uma sueca), embora também fossem detentoras de cargos de prestígio (um príncipe, um maestro, uma professora de comércio internacional e uma engenheira civil). E traz os nomes (sem mencionar

as profissões) dos outros 54 brasileiros a bordo do A330 em um pequeno quadro intitulado “Vítimas da tragédia” (ISTOÉ, p.95).

Na revista *Visão* (p.90-98), além de mencionarem pessoas de várias nacionalidades europeias, quase todas as vítimas escolhidas para figurarem no texto eram detentoras de cargos importantes em empresas multinacionais, governos, ou tinham profissões com certo prestígio social – seis médicos, três engenheiros, dois deputados, dois professores universitários, dois autarcas, quatro empresários, etc. Enquanto as revistas brasileiras priorizaram as histórias das vítimas – importando menos o cargo que a nacionalidade – a *Visão* enfatiza o desastre da perda de pessoas notáveis, especialmente europeias. Natural que as vítimas escolhidas para figurarem nas páginas das reportagens fizessem parte da comunidade que recebe o texto (inserida no contexto europeu), aproximando-se do culturalmente do leitor. É o momento em que ocorre um efeito espelhado: o jornalismo exhibe na reportagem o elemento para quem ele acontece e de quem obtém sua estrutura – o público leitor, a comunidade em que o texto é publicado.

O último fator extratextual, a função do texto, é derivada dos elementos supracitados. Nord (1991, p.70) menciona que “[...] a noção de função textual designa a função comunicativa, ou a combinação de funções comunicativas, que o texto completa em sua situação concreta de produção/recepção.³³” Partindo da conceitualização proposta por Jakobson e citada por Nord (1991, p.42), chegamos à conclusão de que, embora em todas as reportagens predomine a função referencial, pois, como afirmado por Traquina (2005, p.149), “[...] as notícias são um produto centrado no referente [...]”, na *Veja* percebemos que há destaque também para a função conativa – que se orienta em direção ao receptor e que também é chamada de apelativa (CHALHUB, 1987, p.22), na tentativa de se fazer notar pelo receptor. Notamos a presença desta função logo nas primeiras linhas do texto da *Veja* (p.76):

Nada do que se vai ler aqui consola quem perdeu um filho, o pai, a namorada, o marido ou toda a família na queda do Airbus da Air France que fazia o voo 447 entre o Rio de Janeiro e Paris no domingo passado.

³³ [...] the notion of text function means the communicative function, or the combination of communicative functions, which a text fulfils in its concrete situation of production/reception.

E a reportagem continua (VEJA, p.76), alertando de que sua leitura irá

“[...] levá-los [os leitores] a questionamentos e a incursões cada vez mais profundas nos labirintos da alma onde moram a religiosidade, o afeto e as lembranças indeléveis, tudo o que humaniza e dá sentido à vida.”

Conceitos como religiosidade, afeto, lembranças são pessoais e sensibilizadores, e, mencionados neste tipo de reportagem, reiteram o sentimento de angústia que o público brasileiro compartilhou na época da tragédia. Embora o texto da IstoÉ também apresente questionamentos sobre a insegurança quanto ao transporte aéreo, ela e as revistas Visão e Sábado apresentam textos cuja função predominante é essencialmente a referencial, ou seja: “Fala-se sobre um **objeto referido** ao mundo extralinguístico, mundo fenomênico das coisas [...]” (CHALHUB, 1987, p.10, grifo da autora), neste caso, sobre o Airbus 330, sobre a aeronave portuguesa que traçou a mesma rota do A330, e outros acidentes da história da aviação. Estando a função textual elencada por Nord junto aos fatores externos ao texto, presume-se que seu uso acontece em relação a todo o contexto extratextual, dentro do gênero a que o texto pertence, antes mesmo de sua escritura.

Como demonstrado até o momento, existe uma interdependência entre os fatores externos em si e entre estes e os fatores internos ao texto, fazendo que com a análise de um deles dependa da determinação de outro(s) fator(es). Muitas vezes um elemento pode pertencer a mais de uma categoria, apresentando-se com mais ou menos relevância para esta ou aquela. Nord (1991, p.75) sustenta: “Os dados e indícios sobre um único fator podem ser derivados dos dados e indícios obtidos sobre os outros fatores.³⁴”. Por isso é constante e necessário o princípio da recursividade, pois, segundo a autora:

Este tipo de análise não é um procedimento unidirecional, mas um processo recursivo no qual as expectativas são formadas, confirmadas ou rejeitadas, e no qual o conhecimento é adquirido e

³⁴ Data and clues about a single factor can be derived from the data and clues obtained about the other factors.

ampliado, e a compreensão é constantemente modificada.³⁵ (NORD, 1991, p.75).

Por isso, ao longo da análise dos fatores externos ao texto, recorreremos muitas vezes a elementos internos que corroboram os indícios trazidos pelos externos. Passamos à análise de alguns fatores internos ao texto, abordando questões de seleção lexical, organização textual, culminando no efeito do texto.

Ainda de acordo com o que expusemos no quadro 2 na página 43, embora tenhamos identificado o mesmo tema nas reportagens das quatro revistas, a diferença de conteúdo é bastante evidente se comparadas as revistas brasileiras com as portuguesas. Para analisá-lo, atemo-nos à “[...] informação trazida pelos elementos textuais conectados na superfície do texto pelos mecanismos de conexão linguístico-textuais, como conexões lógicas, relações de tema-rema, perspectiva frasal funcional, etc.³⁶” (NORD, 1991, p.90). Além disso, o conteúdo também pode ser obtido a partir das informações extratextuais já coletadas (NORD, 1991, p.90). Nas reportagens analisadas, a primeira hipótese que se pode levantar pela análise dos elementos externos é a de que o conteúdo abordará, além das informações sobre o desaparecimento do A330, algumas especulações a respeito de suas causas. Só a leitura integral mostrará que os conteúdos das revistas portuguesas envolvem também outras informações.

A análise do conteúdo tem importância crucial para a identificação do enfoque pretendido por cada reportagem. Sousa (2000) reitera que é através do conteúdo da reportagem que podemos vislumbrar o contexto situacional de emissão do texto jornalístico e seus possíveis efeitos na recepção:

Por isso julgo, por exemplo, que, **através de uma análise de conteúdo de notícias, poderemos tentar intuir os valores que estão na sua gênese e se encontram em práticas que lhes deram origem, bem como inferir algumas das formas como se processará a construção de significados para esses textos** (sem excluir que a

³⁵ This type of analysis is no one-way process, but contains any number of loops, in which expectations are built up, confirmed, or rejected, and where knowledge is gained and extended and understanding constantly modified.

³⁶ “[...] the information carried by the text elements linked on the surface of the text by the text-linguistic linking devices, such as logical connections, theme-rheme relationships, functional sentence perspective, etc.”

conotação é de natureza altamente subjetiva). (SOUSA, 2000, p.88-89, grifo nosso).

Não podemos deixar de considerar que também os títulos das reportagens têm papéis importantes na identificação do conteúdo, embora também constituam-se num universo informativo que complementa a reportagem, e não só a resume. Por não haver uma norma rígida para sua elaboração, o título de reportagem de revista “[...] desperta, atrai o leitor como um espetáculo a parte, uma extensão da própria reportagem [...].” (POLCHLOPEK, 2011, p.96). No campo do jornalismo, Hirao (2009, p.77) alerta que “A função do título é chamar a atenção do leitor e deve ser antes de mais nada informativo.” A partir da perspectiva funcionalista, a construção de um título vai ainda além da captação do interesse do leitor. De acordo com Polchlopek (2011, p.98), o título resulta de sua função enquanto recurso apelativo para a atenção do leitor e das marcas culturais que o produtor do texto nele imprime. Para tanto, a elaboração do título de uma reportagem precisa cumprir com alguns critérios trazidos por Polchlopek (2011, p.98-99):

- Ser elaborados para atrair a atenção do público alvo [...];
- Ser compreensível para o público alvo e seus conhecimentos de mundo e cultura específicos;
- Ser julgado ou avaliado, em termos emocionais, pela perspectiva valorativa do contexto cultural em questão, aproximando-se dos valores-notícia que tornam o fato uma notícia e
- Ser compreendido em termos apelativos considerando-se as expectativas dos leitores em prospecção.

Respondendo a essas premissas, e cumprindo com o objetivo de antecipar o conteúdo da reportagem, as revistas apresentam os seguintes títulos: “A dor, o medo... e os números” (VEJA, p.76), “A tragédia com o mais moderno dos aviões” (VEJA, p.82), “E tudo se dissipou no ar” (VEJA, p.86); “O medo no oceano escuro” (ISTOÉ, p.88), “O mistério nas nuvens” (ISTOÉ, p.92), “A dor transatlântica” (ISTOÉ, p.94); “Como a TAP evitou o caos” (VISÃO, p.90), “As vítimas do AF447” (VISÃO); e “Aviões que se evaporaram” (SÁBADO, p.71). Se, por um lado, as revistas brasileiras anunciam em seus títulos que os textos tratarão de questões como o medo de voar, a revista Visão, por outro, tem como ponto de partida o avião da companhia aérea portuguesa que não teve o mesmo destino do Airbus, e a Sábado antecipa que a

reportagem não será exclusivamente sobre o desaparecimento do A330, mas o relacionará com outros acidentes misteriosos da aviação. Depreende-se que a elaboração dos títulos levou em conta a expectativa do público de recepção das reportagens, e cada resultado apresentado traz em si aspectos do julgamento valorativo do acontecimento compartilhado entre produtor e receptor do texto.

Na leitura do texto para a apreensão de seu conteúdo global, notamos que tanto a *Veja* quanto a *IstoÉ* abordam a questão da segurança no uso do transporte aéreo, mas cada uma o faz de maneira diferente na articulação do texto. Por isso, esta análise será feita mais adiante, no âmbito do léxico. Quanto às informações sobre as possíveis causas do acidente, também são apresentadas diferentes abordagens. As revistas brasileiras são, algumas vezes, categóricas em suas afirmações. A *IstoÉ*, por exemplo, sem hesitar, afirma que o avião entrou em uma tempestade, sofreu uma pane elétrica e se despressurizou (*ISTOÉ*, p.88). Apesar de na época ainda não haver nenhuma pista sobre a causa real do acidente, o texto da *IstoÉ* traz ao leitor desavisado, numa afirmação categórica, informações especulativas, ainda que passíveis de serem verdadeiras, mas não confirmadas até o momento de publicação da reportagem. Ainda segundo o texto, uma série de mensagens foi emitida pela aeronave através de um sistema de comunicação chamado Acars “[...] avisando que o piloto automático fora desativado, que havia variação de velocidade, pane elétrica e, por último, despressurização.” (*ISTOÉ*, p.92).

De acordo com as informações trazidas pelas reportagens, o A330 atravessava uma nuvem do tipo cúmulo-nimbo³⁷ quando começou a enviar informações contraditórias às torres de controle. Supostamente devido às baixas temperaturas no interior da nuvem, equipamentos chamados tubos de Pitot teriam congelado e sido responsáveis pelas mensagens conflitantes sobre a medição de velocidade e altitude. A definição da função dos tubos de Pitot é bastante discrepante nas duas revistas brasileiras. A *Veja* diz que um tubo de Pitot é responsável pela medição da velocidade do ar (*VEJA*, p.84), enquanto a *IstoÉ* afirma que os tubos “[...] medem, entre outras coisas, a velocidade e a altitude.” (*ISTOÉ*, p. 92). Primeiramente, contrário ao que diz a *Veja* sobre a medição da velocidade apenas, a *IstoÉ* sugere que há mais coisas a serem medidas por ele, além de velocidade e altitude. Em segundo

³⁷ Tipo de “nuvem, geralmente escura e carregada, que prenuncia o trovão, a tempestade, e que, por causa dos cristais de gelo, toma uma forma que lembra a de torresões superpondo-se uns aos outros sob uma espécie de véu de aparência fibrosa; [...]” (INSTITUTO, 2009)

lugar, pelo texto da IstoÉ não podemos saber se a velocidade medida é do ar ou da aeronave. A hipótese sobre o congelamento dos tubos de Pitot não é mencionada por nenhuma revista portuguesa, cujas especulações mais parecem suposições fortuitas do que informações extraídas de peritos envolvidos na solução do caso.

A revista Visão traz a hipótese de poder ter havido uma explosão a bordo, o que configuraria um atentado terrorista. Isto também é citado na IstoÉ, embora haja discrepância nas autoridades vinculadas à autoria dessa afirmação trazida em cada revista: na Visão (p.92), a hipótese de atentado terrorista é descartada por autoridades americanas, enquanto na IstoÉ (p.90) a mesma hipótese chega a ser aventada pelo ministro da defesa francês, Herve Morin. Podemos pressupor (e aqui já adentramos um pouco no fator intratextual denominado pressuposições, que exploraremos mais adiante) que autoridades americanas tenham sido mencionadas (ou mesmo consultadas) na apuração dos fatos por parte da Visão pelo fato de que os EUA provavelmente possuem mais informações sobre atentados, e estão tecnicamente mais preparados para deles se protegerem por terem sido alvo de diversos ataques no passado. No texto da IstoÉ não há menção de nenhuma autoridade norte-americana – mesmo porque estas não figuraram entre os atingidos direta ou indiretamente pelo acidente aéreo. Outra possibilidade suscitada na reportagem da Visão é de que o avião da Air France carregava muito combustível segundo hipótese sugerida por um piloto português, não mencionada em nenhuma outra revista: “‘Sabemos também que o avião voava a menor altitude porque estava pesado, devido à grande quantidade de combustível’ aponta o mesmo piloto. ‘Isso tornava-o mais vulnerável às tempestades’”. (VISÃO, p.93).

Nas inevitáveis especulações sobre as causas do acidente, a Sábado menciona apenas a possibilidade de o avião ter sido atingido por um raio (SÁBADO, p.72), excluindo as alternativas consideradas pelos outros veículos – fortes tempestades provocadas pelas cúmulos-nimbos, perda de autonomia do piloto devido à automatização da aeronave, atentado terrorista, etc. Nesse sentido, podemos considerar que o texto da revista Sábado se afasta dos princípios mencionados por Scalzo (2006) como básicos a todo e qualquer veículo midiático, que seria: “[...] o esforço para apurar os fatos corretamente, o compromisso com a verdade, ouvir todos os lados que envolvem uma questão, mostrar diversos pontos de vista na tentativa de elucidar histórias, [...]” (SCALZO, 2006, p.54).

Em seguida, a observação da estruturação dos textos muito pode colaborar com as pressuposições trazidas por cada reportagem. No quadro abaixo apresentamos como cada revista estrutura a notícia do acidente:

Quadro 4 : Estruturação

ESTRUTURAÇÃO	Veja	IstoÉ	Visão	Sábado
Reportagens (total)	5	5	3	1
Páginas	13	8	7	5
Infográficos	2	3	2	0
Gráficos estatísticos	1	2	0	0
Quadros	4	4	0	1
Reportagens sobre as vítimas	1	1	1	0

Como percebemos nos dados acima, as reportagens brasileiras são mais volumosas – dado compreensível se levarmos em consideração que as vítimas, em grande parte, eram brasileiras. Não havia portugueses na aeronave, o que poderia justificar o grau de afastamento sentido nas reportagens e a redução de páginas dedicadas ao assunto. Afinal, como afirma Vilas Boas (1996, p.79), “O número e a qualidade das pessoas envolvidas são termômetros para a ação interpretativa.”. Neste caso, pelo fato de o acidente ter envolvido 228 pessoas, entre elas brasileiros com profissões de destaque, como já mencionado, pressupõe-se, então, que o cenário torna-se mais passível de ser interpretado com maior envolvimento por parte da mídia brasileira, pois ao seu público interessaria ter mais informações sobre o caso. Daí o detalhamento maior encontrado nos textos da *Veja* e da *IstoÉ* – de dados técnicos sobre a aeronave a informações detalhadas sobre a vida de algumas vítimas. Podemos inferir, a partir daí, que o público leitor das duas revistas brasileiras estivesse interessado em, basicamente, as mesmas informações – a busca de respostas pelo desaparecimento da aeronave e de seus passageiros e tripulantes, os questionamentos sobre a segurança

na aviação, etc.; por outro lado, ao leitor da revista *Visão* talvez fosse mais apelativo uma reportagem que se aproximasse de seu universo cultural ao incluir a trajetória de uma aeronave portuguesa que, quer por sorte, quer por preparo dos pilotos, chegou a seu destino sã e salva; e, por fim, o público da revista *Sábado* talvez preferisse uma reportagem mais panorâmica, mais documental sobre o fato, sem maior aprofundamento.

Antes de prosseguir com a análise das pressuposições, é necessário esclarecer que, como define Nord (1991, p.106), elas “[...] compreendem todas as informações que o emissor espera (= pressupõe) que sejam parte do horizonte do receptor³⁸.” É o que observamos quando, no conteúdo dos textos, encontramos indícios de fatos, crenças e consensos que são supostamente compartilhados entre emissor e receptor por não apresentarem justificativas explícitas para constarem ali.

Quando analisamos o conteúdo de cada reportagem, notamos que apenas as revistas brasileiras trazem (de modo enfático e recorrente) a questão da segurança do transporte aéreo de passageiros. As revistas portuguesas não fazem qualquer questionamento dessa natureza, mas apenas reiteram o ar de mistério que pairava nas investigações do caso. Para compreendermos porque se dá essa insistência sobre o assunto por parte dos brasileiros é necessário lembrarmos que a questão da segurança em voos comerciais já havia sido discutida em outros momentos. Os acidentes de grandes proporções que ocorreram na história recente da aviação comercial brasileira aconteceram: em 1996, quando um Fokker-100 da TAM colidiu com um prédio e uma casa depois de 24 segundos de voo, vitimando 99 pessoas; em 2006, quando um Boeing se chocou com um jato em Mato Grosso, matando as 154 pessoas a bordo; e em 2007, quando outro Airbus (modelo 320) derrapou no momento do pouso em um aeroporto de São Paulo e explodiu ao colidir com um prédio da própria empresa, fazendo 199 vítimas no total e configurando o maior acidente da história da aviação brasileira até então³⁹. Em Portugal, entretanto, poucos acidentes aéreos vitimaram quantidade semelhante de pessoas: segundo dados

³⁸ [...] comprise all the information that the sender expects (= presupposes) to be part of the receiver's horizon.

³⁹ Informações disponíveis em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/desastres_aereos/cronologia_nacional.html. Acesso em 18 de set de 2011.

estatísticos⁴⁰, entre 2000 e 2010 ocorreram 173 acidentes, com um total de apenas 75 vítimas.

Podemos pressupor, portanto, que os acidentes de grandes proporções acontecidos no Brasil estejam no inconsciente coletivo dos brasileiros e, como afirmou uma psicóloga no texto da IstoÉ (p.91), reiteram o medo que muitos brasileiros têm de voar, tornando imprescindível que as reportagens brasileiras sobre o acidente com o A330 mencionem essa questão mais uma vez.

Já o texto da Visão parte de uma perspectiva diametralmente oposta ao cenário utilizado pelas revistas brasileiras para ambientar o acontecimento. Logo nas primeiras linhas da reportagem lemos uma narração cronológica dos acontecimentos com os pilotos portugueses em preparação antes do voo que os levaria sãos e salvos até Lisboa. O texto inclui a informação de que a todo piloto é entregue um *briefing* (jargão aeronáutico usado pela revista) com informações que incluem, dentre outras instruções aos pilotos, as condições meteorológicas da região pela qual irão passar. Naquele dia, os pilotos portugueses, de acordo com a reportagem, não ficaram surpresos quando viram indicações de que na região mediana do Atlântico havia tempestades. É o que lemos no trecho:

Nenhum deles ficou admirado por as imagens de satélite mostrarem uma longa linha de nuvens sobre o oceano, uma espécie de ponte tempestuosa entre a América do Sul e a África. **As frentes intertropicais são obstáculos conhecidos e devidamente estudados pelas transportadoras aéreas. As indicações dadas aos pilotos são claras: devem contorná-las, sempre que elas se revelem ameaçadoras.** (VISÃO, p.90, grifo nosso).

Dispondo da informação trazida pelo texto de que comente os pilotos são instruídos para contornar as tais frentes intertropicais quando se mostram ameaçadoras, e que nenhum dos pilotos ficou surpreso com as imagens de satélite mostrando as condições climáticas da região do voo, somada à afirmação feita no título de que “a TAP evitou o caos”, fica subentendido que os pilotos portugueses é que fizeram a coisa certa, diferente dos pilotos da aeronave francesa.

⁴⁰ Informações disponíveis em: <http://www.gpaaa.gov.pt/tempfiles/20110802143813moptc.pdf>. Acesso em 18 de set de 2011.

Começa, portanto, a primeira especulação, ainda que implícita, sobre o que teria levado ao desaparecimento do A330: o não desvio das frentes intertropicais, também conhecidas como cúmulos-nimbos – chamadas pelos portugueses de cumulonimbos. As reportagens brasileiras não questionam as escolhas dos pilotos, embora acreditamos que elas também devessem ser consideradas dentre as possíveis causas para o desencadeamento da tragédia. A reportagem da *Visão* prossegue dizendo que “O local onde foram encontrados os possíveis destroços do avião [...] é praticamente o mesmo onde o avião da TAP efectuou um desvio para evitar a tempestade e as temidas nuvens cumulonimbo [...]” (VISÃO, p.90). Temos, então, a afirmação de que o local onde possivelmente o avião tenha desaparecido foi o mesmo em que, felizmente, percebe-se, a aeronave portuguesa fez o desvio, escapando de um destino trágico. De acordo com a reportagem, naquela zona “[...] o comandante português decidiu-se por um desvio de 100 quilómetros, à direita, durante 30 minutos. Só quando avistou a bonança é que retomou a rota original.” (VISÃO, p.91). A reportagem induz o leitor a pressupor que o fator decisivo para o desaparecimento do Airbus da Air France foi a decisão dos pilotos de atravessar a cúmulo-nimbo.

Como não é possível investigar os elementos que trazem as pressuposições e o conteúdo sem passarmos pelas escolhas lexicais, apresentaremos as ocorrências mais evidentes encontradas no léxico que corroboram o viés observado nas reportagens de cada revista. Segundo Nord (1991, p.112):

A escolha do léxico é determinada pelos fatores tanto extra quanto intratextuais. Por isso, as características dos itens lexicais usados em um texto geralmente trazem informações não só dos fatores extratextuais, mas também sobre outros aspectos intratextuais⁴¹.

Trata-se das escolhas lexicais presentes no texto, que também incluem aquilo que não está dito, o que foi excluído dentre as opções de seleção. Por isso podemos analisar uma reportagem sob a seguinte ótica: está escrito assim, mas também poderia estar escrito de outra maneira. Para ilustrar este conceito, voltando à questão da segurança aérea tratada

⁴¹ The choice of lexic (sic) is determined by both extra and intratextual factors. Therefore, the characteristics of the lexical items used in a text often yield information not only about the extratextual factors, but also about other intratextual aspects.

pelas revistas brasileiras, vemos, principalmente na Veja, que as escolhas lexicais enfatizam a sensação de medo presente dos dias que sucederam o acidente. Nos momentos em que o texto (ironicamente) questiona a afirmação a respeito do transporte aéreo de que “[...] é seguro deixar-se levar 12000 metros preso a uma poltrona e respirando um ar pressurizado, mas mesmo assim tão rarefeito quanto o das montanhas mais altas.” (VEJA, p.83, grifo nosso), e o uso posterior de expressões como “medo de voar”, “estremecer de pavor” e “rezar” reiteram esse sentimento de insegurança, reacendido pelo desaparecimento do A330, e contribuem para o cenário da tragédia relatada na revista. A articulação do texto da Veja cria um clima notadamente questionador da segurança aérea, fazendo uso de contradições (e algumas ironias) para negar a afirmação de que o avião é o meio de transporte mais seguro. Tal recurso é visto, por exemplo, na legenda do gráfico na página 76: “Mas lá em cima não é seguro? É mais seguro. Mas mesmo em voo de cruzeiro você está a 12000 metros de altitude dentro de uma máquina de 230 toneladas projetada, fabricada, mantida e operada por pessoas.” (VEJA, p.76).

Na IstoÉ percebemos um padrão semelhante de escolhas lexicais: a reportagem sobre o acidente inicia com a afirmação “Vive no oceano escuro, entre montanhas submarinas escondidas a mais de quatro mil metros de profundidade, a meio caminho entre o Brasil e a África, a soma de todos os medos de quem viaja de avião.” (ISTOÉ, p.88). A seleção que se faz de um termo lexical específico, dentre várias possibilidades, não é aleatória, mas altamente arbitrária. Como afirma Baccega (2003, p.10),

[...] a opção por um ou outro modo de ver e, portanto, por uma ou outra palavra revela que cada indivíduo/sujeito se insere num determinado sistema de valores a partir do qual lerá o mundo, praticará ações, fará ciência.

Essas escolhas, embora pareçam ser feitas de modo inconsciente, inserem-se em uma cadeia sócio-histórico-cultural, partem de um contexto situacional que dá forma e significação à mensagem. A importância dessas escolhas reside no fato de que o emissor é quem inicia, propriamente, o ciclo da situação comunicativa, imprimindo no texto os traços de sua própria maneira de interpretar o mundo, ao mesmo tempo em que compartilha essas idiosincrasias com o contexto cultural em que se inserem ele próprio e o público leitor. Este último, fechando o

ciclo comunicativo, é quem atribui significação e faz valer a função do texto lido. Daí podemos concluir que jornalistas que escrevem, de um lado, para os públicos brasileiros e, de outro, para portugueses devem ter em conta o universo cultural em que cada leitor está inserido e o que deve ser considerado na confecção do texto para que ele corresponda às suas expectativas quanto à informação (e, porque não, significação).

O léxico usado no texto das reportagens revela ainda mais claramente o público aos quais se destinam. Como estamos analisando reportagens escritas para o público brasileiro e português lidamos, conseqüentemente, com diferenças no registro escrito. E isto nota-se principalmente no estranhamento causado pelas escolhas lexicais nas reportagens portuguesas. São vocábulos que certamente causariam surpresa se publicados no corpo de uma reportagem publicada no Brasil. Apresentamos os itens lexicais retirados das reportagens portuguesas e aqueles que seriam seus correspondentes extraídos dos textos das revistas brasileiras:

Quadro 5 : Léxico

LÉXICO	
Vocábulos portugueses	Correspondentes brasileiros
Aparelho	Equipamento
Aterrar	Aterrissar
Cabina	Cabine
Caixa negra	Caixa-preta
Contrololo	Controle
Cumulonimbo	Cúmulo-nimbo
Descolar	Decolar
Doutoramento	Doutorado
Planear	Planejar

Além dos vocábulos apresentados no quadro acima, que dificilmente seriam encontrados em revistas brasileiras como a *Veja* e a *IstoÉ*, expressões como ‘chegar a horas’, ‘para já’ e ‘tirar curso’ só funcionariam para o público brasileiro se transpostas para,

respectivamente, ‘chegar na hora’, ‘até agora’ e ‘fazer curso’ ou ‘cursar’. Embora essas expressões e vocábulos estejam dicionarizados, atestando participação na língua portuguesa e dando a falsa impressão de que são usados do mesmo modo no Brasil e em Portugal, é o uso que os identifica neste ou naquele contexto cultural de recepção. Por isso, provavelmente não encontraríamos uma reportagem no Brasil na qual lêssemos: “O aparelho da Air France, com protecção em duplicado contra descargas eléctricas, que devia aterrar a horas no aeroporto em França, descolou da pista no Rio de Janeiro e, de súbito, depois de adentrar uma cumulonimbo, desapareceu, levando consigo a caixa negra que, por conter a gravação áudio de conversas que aconteceram na cabina do avião, deve ser encontrada para que o mistério seja desvendado.” Esse trecho foi criado aqui com as principais expressões e elementos lexicais encontrados nos textos portugueses para mostrarmos a distância que realmente existe entre os elementos linguísticos em seus contextos de uso.

Ao tratarmos da sintaxe do texto, é necessário considerarmos as características intrínsecas da linguagem jornalística. Antes disso, sob a ancoragem da proposta nordiana, podemos concluir que as características estruturais do texto são ditadas por vários aspectos intra e extratextuais. Nord (1991, p.119) afirma:

As características sintáticas também dependem de várias outras características intratextuais, especialmente conteúdo e estruturação (p. ex., distribuição de detalhes de informação no texto e nas frases), léxico (p. ex., construções verbais ou nominais) e características suprasegmentais (especialmente foco, entonação). Dentre os fatores extratextuais, são principalmente os aspectos da intenção, audiência, meio (p.ex. fala vs. escrita), e função (p.ex., estruturas convencionais), que afetam as características sintáticas⁴².

⁴² The syntactic features, too, depend on various other intratextual features, especially content and composition (e.g. distribution of informational details both in the text and in the sentences), lexic (sic) (e.g. verbal or nominal constructions), and suprasegmental features (especially focus, intonation). Among the extratextual factors it is mainly the aspects of intention, audience, medium (e.g. speech vs. writing), and function (e.g. conventional structures), which affect the syntactic features.

É escusado dizer que as escolhas sintáticas feitas em cada uma das reportagens ajudam a amparar os significados pretendidos desde a intenção e o propósito do texto, corroborando o tema proposto e o conteúdo apresentado. A Sábado, por exemplo, que se propõe a levantar hipóteses sobre o desaparecimento da aeronave faz uso de frases interrogativas indiretas e diretas e de orações subordinadas adverbiais condicionais (CUNHA; CINTRA, 2007, p.606), como em “Por que caiu o Airbus da Air France com 228 pessoas só se saberá se a caixa negra for encontrada” (SÁBADO, p.71), “Como caiu? Por quê? Se a caixa negra não for recuperada, nunca se saberá.” (SÁBADO, p.71). De modo geral, as revistas brasileiras apresentam períodos mais longos que os textos portugueses, talvez por uma questão de estilo. Na linguagem jornalística, existem alguns preceitos que norteiam as escolhas do redator do texto. Ferrari & Sodré (1986, p.15) apontam para aquilo que consideram as principais características de uma reportagem:

- a) predominância da forma narrativa
- b) humanização do relato
- c) texto de natureza impressionista
- d) objetividade dos fatos narrados

Conforme o assunto ou objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem.

À parte do fato de que todas as revistas apresentam textos narrativos – que, como os autores acima advertem, são fundamentais para a escrita característica deste gênero – a chamada humanização do relato pode ser sentida especialmente nas reportagens brasileiras. Isto, ainda segundo Ferrari & Sodré (1986, p.15), tem uma razão de ser: “Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos.”. Inseridas no contexto cultural em que quase seis dezenas de brasileiros tiveram suas vidas ceifadas, a Veja e a IstoÉ nos apresentam textos que acabam por se aproximar dos leitores brasileiros. Essa estratégia utilizada no texto corrobora a afirmação feita de que a humanização é maior quando mais próximo o emissor está do fato. A seu modo, o texto da Visão também o humaniza, aproximando-o de seu leitor ao narrar a trajetória do avião português.

Somando os fatores externos e internos identificados na análise das reportagens, podemos, por fim, traçar a configuração do efeito de cada texto. É o modo com que ele nos afeta, como o absorvemos e o que dele depreendemos. Interpretando, globalmente, o conjunto de elementos que constroem as reportagens a respeito de um mesmo fato e seu contexto de recepção podemos visualizar com mais clareza os direcionamentos tomados por cada veículo, ou seja, como cada revista traduz o fato para seu leitor. Nord (1991, p.130) afirma que

A categoria de efeito, portanto, não é totalmente extratextual nem exclusivamente intratextual; é uma categoria de sobreposição que conecta o texto (em sentido estrito) com sua situação. Refere-se ao relacionamento entre o texto e seus usuários, e, por isso, a análise do efeito pertence à área de interpretação e não de descrição linguística.⁴³

Damos início, portanto, à interpretação global dos elementos já apresentados pelas revistas a fim de percebermos o efeito causado em seus leitores. Começando pela revista *Veja*, a análise da trama tecida desde a escolha lexical, passando pelo conteúdo, a função conativa predominante no texto, os elementos gráficos e suprasedimentais, a sensação que nos fica, ou o efeito que o texto nos causa, é de que viver é efêmero, e que o meio de transporte considerado o mais seguro do mundo também pode falhar pelo fato de ser guiado por mãos humanas. Já a reportagem da *IstoÉ* como um todo suscita no leitor o questionamento sobre a infalibilidade do meio de transporte tido como o mais seguro de todos, além de trazer intensificado o sentimento de tristeza que predominou nos dias que se seguiram a tragédia. De outro ângulo, a *Visão* leva a crer que o desaparecimento ocorreu por erro na decisão dos pilotos franceses, os quais, diferente dos portugueses, que se desviaram da tempestade, provavelmente foram de encontro com ela. Implicitamente, essa é a primeira causa possível do acidente sugerida pela revista, cuja impressão transmitida é de que os portugueses estão

⁴³ The category of effect is therefore neither totally extratextual nor exclusively intratextual; it is an overlapping category linking the text (in the narrower sense) with its situation. The category of effect refers to the relationship between the text and its 'users', and, therefore, the analysis of effect belongs to the area of interpretation and not to that of linguistic text 'description'.

confortados, pois não foram atingidos pela catástrofe. O efeito de desconsolo vem por parte da revista *Sábado* que, ao afirmar repetidas vezes que encontrar a ‘caixa negra’ será crucial para a resolução do mistério e o fim dos questionamentos, sugere que o voo AF447 acabará por entrar na lista dos acidentes nunca explicados da história da aviação, pressupondo que a tal caixa nunca será encontrada. Assim, podemos definir o efeito global das reportagens:

Quadro 6 : Efeito do texto

EFEITO DO TEXTO			
Veja	IstoÉ	Visão	Sábado
Sensibiliza o leitor para a vulnerabilidade da vida e a suscetibilidade da máquina quando em mãos humanas.	Suscita a desconfiança sobre a infalibilidade dos aviões	Aventa que os pilotos franceses não agiram como determinam as regras da aviação	Sugere que o mistério ocorrido com A330 dificilmente será solucionado

Gomes (2000, p.83) afirma: “A interpretação faz-se implícita na exclusão de outras possíveis.” O efeito que podemos alcançar a partir de cada reportagem depende tanto dos elementos presentes no texto quando daqueles excluídos em sua confecção – além, claro, do contexto situacional em que o texto é recebido. A título de exemplo, o fato de a *Visão* e a *Sábado* não questionarem a segurança do transporte aéreo traz indícios valiosos para a determinação do viés da reportagem. Evidentemente que, sendo a instituição jornalística mediadora entre o acontecimento e o público leitor a que se destina, a união entre os fatores de influência do fazer jornalístico e interesses de seu leitor resulta, indiscutivelmente, em reportagens culturalmente moldadas para servir aos interesses de um público que é, ao mesmo tempo, determinador e determinado pelo seu entorno cultural.

Os textos das revistas portuguesas certamente não teriam o mesmo efeito frente a quaisquer outros públicos falantes de língua portuguesa, pois é sabido que, apesar da proximidade linguística, muito

nos afastamos culturalmente entre os oito países lusófonos. Kim (2006, p.306) reitera:

A língua espelha, suporta e espalha vários aspectos das culturas. Sendo claramente um produto cultural, esta característica especial da língua diferencia-a de todos os outros aspectos das culturas e torna-a crucialmente importante para a transferência de valores culturais.⁴⁴

Nas reportagens, é através do uso da língua como meio de transmissão da mensagem e dos outros fatores que a acompanham (fotografias, gráficos, infográficos, cor e tamanho da fonte, etc.) que obtemos as informações necessárias para identificarmos como cada revista enfocou o desaparecimento do A330. Na língua usada em Portugal e no Brasil estão depositados os valores culturais resultados de séculos de uma trajetória em que os dois países tiveram muitos pontos de contato, mas que, por força de inúmeros acontecimentos, distanciaram-se, vivenciando diferentes influências culturais externas. Embora a língua escrita seja relativamente padronizada nos países lusófonos (cf. PERINI, 2010, p.43), ainda assim ela serve de repositório através do qual revela sua experiência cultural construída ao longo de sua evolução, sempre marcada no contexto em que é usada. Um verdadeiro relicário onde são depositados séculos de uma história que vai sendo impressa em toda manifestação linguística.

⁴⁴ Language mirrors various aspects of cultures, supports them, and spreads them. While language is clearly a product of cultures, this special feature of language distinguishes it from all other aspects of cultures and makes it crucially important for the transfer of cultural values.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interface tradução-jornalismo já há algum tempo vem enriquecendo a discussão da importância do fator cultural no campo dos Estudos da Tradução (cf. ALMEIDA, 2005; MAZUTTI, 2011; POLCHLOPEK, 2005; SACHET, 2005; ZIPSER, 2002). A proposta deste trabalho foi justamente complementar o que já vem sendo feito ao apresentar outra abordagem do tema feita a partir de reportagens de dois países de língua portuguesa.

Ao partirmos da concepção de que a língua, construída através de séculos de vivência social de seus falantes e, por isso, configurando-se como um canal por onde o entorno cultural da sociedade é manifestado, toda e qualquer atividade em que ela seja o instrumento fundamental passa a ser também um retrato de como os significados vão sendo construídos e, desse modo, como a própria cultura vai sendo configurada. O fazer jornalístico enquanto ato comunicativo não deixa de estar inserido dentro de uma estrutura histórica, econômica, jurídica e social que interfere em seu processo e, mais evidentemente, em seu resultado. Já que cada situação comunicativa é delimitada no espaço e no tempo, o modo com que as pessoas se comunicam (e também seu conteúdo) também acaba por ser afetado por essas limitações.

Laraia (2009, p.52, grifo nosso) argumenta que “[...] a comunicação é um **processo cultural**. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura [...]”. O conceito apresentado pelo autor de que a comunicação constitui-se num processo cultural pode ser ampliado em duas vertentes com base na proposta trazida neste trabalho: (a) a comunicação como sendo construída em um processo cultural diacrônico, e (b) o próprio ato comunicativo como a manifestação concreta do legado cultural do emissor, que o compartilha com o receptor. Na primeira hipótese, voltada para o ambiente jornalístico, a construção da linguagem e do próprio fazer jornalístico vai sendo feita à medida que a sociedade experimenta os vários fenômenos que vão formando seu universo social e que acabam por defini-la culturalmente. Já na segunda hipótese, o momento da recepção da reportagem pelo leitor compõe o ato comunicativo em que o compartilhamento dos fenômenos culturais que permeiam o texto é finalmente validado e em que o ciclo da comunicação é completo.

O fato de termos trazido reportagens brasileiras e portuguesas para uma análise de como se apresenta a necessidade de informações de cada comunidade dentro de seu próprio espaço cultural diante de um

acontecimento foi com o intuito de se perceber como as características peculiares de cada uma acabam por confirmar a importância do público leitor e seu entorno cultural para a escritura de uma reportagem funcional, tanto em termos de cumprimento com as regras do fazer jornalístico de cada país, quanto em relação a atingir os propósitos determinados para informar o respectivo público. Pudemos constatar que, de um lado, as duas revistas brasileiras (Veja e IstoÉ) possuem semelhanças no tocante a vários aspectos: ambas estão inseridas dentro da comunidade mais atingida pela tragédia do voo AF447 se comparado a Portugal; a sociedade brasileira possui uma série de eventos recentes na história da aviação aérea que vêm suscitando inúmeras discussões sobre a segurança do transporte aéreo; e, por fim, além das famílias dos 58 brasileiros vitimados no acidente, aos demais leitores da revista também interessava saber o que de fato ocorreu naquela noite com o Airbus da Air France e o que pode ser feito para que tragédias como essa não mais aconteçam. Por outro lado, os veículos portugueses (Visão e Sábado) abordam o fato de modo claramente distinto dos brasileiros, também por diversas razões: não havia nenhum passageiro português no avião; o ponto de partida e de chegada do voo AF447 não envolvia nenhum aeroporto português; misteriosamente, na mesma noite do ocorrido uma aeronave portuguesa decolou da mesma pista do aeroporto carioca com destino a Lisboa, cruzando o mesmo oceano carregado de nuvens turbulentas no qual, horas mais tarde, desapareceria a aeronave francesa.

A questão central das reportagens – o desaparecimento do avião da Air France – é representada de dois modos distintos pelas revistas brasileiras e portuguesas. Enquanto que na Veja e na IstoÉ a tragédia aparece ligada ao questionamento da segurança na automatização das aeronaves e à dúvida quanto aos registros estatísticos que comprovam a confiabilidade nesse tipo de transporte, a Visão e a Sábado relacionam esse caso com outros mistérios insolúveis da história da aviação mundial já que, à época em que as reportagens foram publicadas, as chances de se encontrarem as caixas-pretas do avião (que trariam informações fundamentais para o entendimento do caso) eram ínfimas devido ao aspecto montanhoso e profundo do trecho do Oceano Atlântico onde provavelmente teriam caído. Dentre as revistas brasileiras, é possível notar que entremeado no texto está o enfoque no esclarecimento das possíveis causas da tragédia, claramente direcionado para o público brasileiro – em grande parte vítima e espectador dos acontecimentos – enquanto que as revistas portuguesas, ao contrário, tendem a colocar o caso no rol de outros acidentes misteriosos já ocorridos no mundo.

Sendo a reportagem um produto vendável, espera-se do fazer jornalístico que ele publique aquilo que é de interesse do seu respectivo público para que ele compre tal jornal, revista, etc. Se é sabido que uma reportagem sobre o mercado agrícola tailandês terá menos receptividade para o público brasileiro do que um texto sobre a valorização do mercado da soja, este último será certamente preferível na decisão de pauta do veículo. Isso pode explicar, em grande parte, a extensão das reportagens brasileiras sobre o voo AF447, bem como sua intensidade em detalhes e no caráter mais emocional dos textos, sendo que, em contrapartida, as reportagens portuguesas mostram notável distanciamento na abordagem do fato. Por que razão, então, esse fato é trazido pelas duas revistas semanais de circulação nacional em Portugal, na Visão como matéria de capa e na Sábado em uma chamada também na capa da edição? Podemos levantar algumas hipóteses com base em critérios de noticiabilidade, dentre os quais constaria a proximidade cultural entre Brasil e Portugal, o envolvimento de dois países relevantes no cenário econômico mundial (Brasil e França), a amplitude do acontecimento, a imprevisibilidade, dentre outros.

O fazer jornalístico à luz de Esser, bem como a tradução do ponto de vista de Nord, são atividades prospectivas e, portanto, voltadas para o respectivo consumidor do texto – o leitor. Ambas acontecem dentro de um imbricado sistema de valores e situações culturais que direcionam seu produto final. Apresentando tantas instâncias semelhantes no decorrer de seus processos, é possível considerar as reportagens como traduções do acontecimento dirigidas aos seus respectivos leitores em um determinado contexto. Por isso mesmo é que os textos jornalísticos produzidos no Brasil e em Portugal diferem entre si, e não poderiam ser publicados em um país ou outro indiscriminadamente.

A importância da cultura é aqui enfatizada, já que é ela que irá emoldurar a confecção do texto para que ele possa significar, ou seja, fazer sentido no momento em que for lido. Ainda mais importante do que o uso inevitável que se faz da língua no ato comunicativo é o viés cultural nela expressado, já que o significado real por trás das palavras usadas pelo autor só pode ser depreendido com relação aos contextos culturais em que o texto se insere. Isso explica, por si só, a diversidade de enfoques apresentados por cada revista. O significado verdadeiro de cada reportagem só pode ser depreendido numa leitura feita a um nível mais profundo, saindo da decodificação dicionarizada e abrangendo a situação cultural que permeia a confecção do texto. Quando temos um fato e cotejamos diferentes representações dele feitas em textos

jornalísticos, a conclusão a que chegamos é a de que o contexto cultural é fator determinante para o cumprimento das regras básicas estabelecidas para a comunicação funcional: uma mensagem transmitida por um determinado canal e cujo conteúdo (aqui englobando todos os recursos de construção da mensagem, tais como pressuposições, explicitações, omissões, etc.) faça parte do universo de representações tanto do emissor quanto do receptor.

Culturas diferentes exigem abordagens diferentes dos acontecimentos. Sobre isso, Hall (in TRAQUINA, 2005, p.170) afirma que “[...] as pessoas têm interesse em versões diferentes desse acontecimento, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar de um modo diferente [...]” porque “[...] a notícia não é um relato, mas uma construção.” Considerando a proposta deste trabalho, podemos emprestar o conceito proposto por Hall de que a notícia é uma construção em que participam, além de todos os elementos formadores do fazer jornalístico explicitados por Esser, também prospectivamente o contexto em que se insere o leitor. Assim, a reportagem, como toda tradução/texto, para ser funcional deve ser ambientada de acordo com as necessidades culturais de informação do leitor, ou seja, conforme requeira o momento histórico, social, político da sociedade consumidora da informação.

Considerar o jornalista como tradutor de fatos é ambientá-lo dentro da proposta funcionalista nordiana sem desconsiderar as instâncias formadoras da instituição jornalística. Passar a encará-lo como um tradutor funcional implica que ele seja um profundo conhecedor da cultura de chegada. É reconhecer que a atividade tradutória pode caminhar por diversos outros campos do saber sem que perca sua essência diplomática na comunicação.

Esta pesquisa apresenta alguns caminhos possíveis para se desdobrar em diversas vertentes, já que os textos utilizados também poderiam servir a uma análise semiótica das imagens que acompanham as reportagens, bem como uma leitura dos textos à luz de teorias da análise do discurso. Por se tratar de manifestações linguístico-culturais distintas, as aproximações e distanciamentos a serem descobertos certamente serviriam para enriquecer ainda mais as discussões sobre a importância do elemento cultural nas atividades cujo instrumento primordial é a língua.

Realizamos esta pesquisa com o intuito de dar mais espaço à exposição das diferenças entre aquilo que de fato acontece na materialização da língua portuguesa em ambientes culturais distintos.

Embora se possa argumentar que o mesmo arcabouço lexical e sintático permeia os textos portugueses e brasileiros, o que diferencia uma variedade da outra são as experiências linguísticas e culturais que ao longo do tempo ajudaram a formar cada uma.

Reconhecer que a língua usada no fazer jornalístico de cada país apresenta-se como um espelho do entorno cultural da sociedade é, acima de tudo, um ato de respeito. É levar em consideração os longos anos da vivência ultramarina de uma língua que, em cada continente, e à sua maneira, metamorfoseou-se e tingiu-se de novos matizes conforme os tons da paisagem. É admitir que o que nos faz brasileiros e portugueses está além dos vocábulos: encontra-se num relicário de memória linguística singular e próprio de cada falante brasileiro ou lusitano. E, assim, chegar à inevitável conclusão de que, de fato, o que há na lusofonia são, na verdade, “línguas em português.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A dor, o medo... e os números. **Veja**, São Paulo, Editora Abril, edição 2116, ano 42, n. 23, p. 76-90, 10 jun. 2009.

ALMEIDA, Hutun do Céu de. **Brasil e Canadá: o texto jornalístico como tradução cultural e a relação dos leitores nas revistas Veja e MacLean's**. 2005. 125 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Aviões que se evaporaram. **SÁBADO**. Lisboa, Cofina Media, nº 266, p. 71-74, 4-8 jun. 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2003.

BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge encyclopedia of translation studies**. Abingdon: Taylor & Francis Group, 2009.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição**. Florianópolis: Editora Insular, 2002.

BORNSTEIN, Juan Carlos Lago. **El descubrimiento del otro**. Una reflexión filosófica sobre la traducción y la interpretación. Madrid, 2001. Disponível em:
<<http://www.filosofiaparaninos.org/Documentos/otros.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Como a TAP evitou o caos. **VISÃO**, Lisboa, Imprensa Publishing, n. 848,p. 90-94, 6-10 jun. 2009.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

ESSER, Frank. **Die Kraft hinter den Schlagzeilen: Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich**. München: Verlag Karl Albert GmGH Freiburg, 1998.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

GARCIA, Luiz (Org.). **Manual de redação e estilo**. 23. ed. São Paulo: Globo, 1996.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Edusp, 2000.

GOMES, Patrícia; MONTEIRO, André. Caixa-preta revela tensão de pilotos no voo 447; veja íntegra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2011. Cotidiano. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/951881-caixa-preta-revela->

tensao-de-pilotos-no-voo-447-veja-integra.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2011.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real; MACHADO, Ingrid Trioni Nunes. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v.1 n.17, 2006.

HALL, Stuart. **Representation**. London: Sage Publications, 1997.

HIRAO, Roberto. **70 lições de jornalismo**. São Paulo: Publifolha, 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 26.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

KIM, Dae-jim. Strategic collaboration as a means of mediation in translating culturally ambiguous text: a case study. **Meta**, v. 51, n. 2, 2006, p.304-316. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/013258ar>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

MAZUTTI, Sandra. **Marcas culturais em interface: os caminhos de aproximação entre tradução e jornalismo**. 2011. 189 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Tradução)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.

NORD, Christiane. **Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis.** Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **Translation as a purposeful activity.** Manchester: St. Jerome, 1997.

NORD, Christiane. **El funcionalismo en la enseñanza de traducción.** Mutatis Mutandis, ISSN: 2011799X, Medellín, Colômbia. V. 2 n. 2, 2009.

O medo no oceano e o escuro. **ISTOÉ.** São Paulo, Editora Três, ano 32, n.2065, p. 88-95, 10 jun. 2009.

ORLANDI, Eni P. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil.** Campinas: Editora RG, 1999.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **O mundo pós “11 de setembro”:** tecendo fios/textos entre tradução e a narratividade jornalística. 2011. 323 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROSEN, Jay. Para além da objectividade. In: MESQUITA, Mário; TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo cívico.** Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

SACHET, Sabrina. **A interface tradução-jornalismo: marcas culturais no texto de revista.** 2005. 96 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral.** 30.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Revista estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, nº.1, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos.** Coimbra: MinervaCoimbra, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VERMEER, Hans. **Esboço de uma teoria da tradução.** Lisboa: Edições ASA, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista.** 2.ed. São Paulo: Summus, 1996.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem : as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural,** 2002. Tese (Doutorado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANEXO A – Revista Veja

A VERDADE SOBRE O PAC
Por que o governo
e a oposição
estão errados

GM ESTATAL
O ícone do
capitalismo
depois da queda

Editor: ABRIL
edição 2116 - ano 42 - nº 23
10 de junho de 2009

veja
www.veja.com.br

ESPECIAL
A TRAGÉDIA DO AF 447

**VOO
CEGO**

**Por que falhou a novíssima
tecnologia de bordo que deveria
ter salvado o A330 da Air France
pego por tempestades
no meio do Atlântico?**

**O futuro da aviação depende
da resposta a essa pergunta**

Abril

ISSN 010-7172

Especial

A DOR, O MEDO...

MAS LÁ EM CIMA NÃO É SEGURO?

É mais seguro.
Mas mesmo em voo de cruzeiro
você está a 12 000 metros de
altitude dentro de uma máquina
de 230 toneladas projetada,
fabricada, mantida e operada
por pessoas

(porcentagem de acidentes e mortes
em voos comerciais em cada fase do
voo, entre 1998 e 2007)

ACIDENTES ▶ TAXIAMENTO 12%

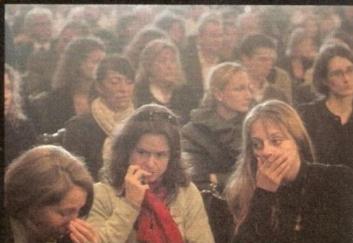
MORTES ▶ 0%

DECOLAGEM
E SUBIDA 31%

43%

ALTITUDE DE CRUZEIRO
9%

19%



PERDAS IRREPARÁVEIS Culto ecumênico na Igreja
da Candelária, no Rio de Janeiro, na semana
passada, em memória das vítimas do voo AF 447

...E OS NÚMEROS

Nada do que se vai ler aqui consola quem perdeu um filho, o pai, a namorada, o marido ou toda a família na queda do Airbus da Air France que fazia o voo 447 entre o Rio de Janeiro e Paris no domingo passado. O que vai pelas próximas doze páginas procura mostrar que os mais espetaculares avanços tecnológicos, as expectativas e ambições mais justas, as apostas de vida e carreira mais acertadas, os relacionamentos mais recompensadores podem desaparecer em questão de minutos. Mostra também que para os que ficam se inicia uma repentina e não planejada jornada interior em busca de uma explicação para suas perdas, algo que vai levá-los a questionamentos e a incursões cada vez mais profundas nos labirintos da alma onde moram a religiosidade, o afeto e as lembranças indelévels, tudo o que humaniza e dá sentido à vida.

No mundo exterior dos familiares das vítimas começa também a frenética e disciplinada busca dos corpos e das partes do avião que possam ser estudadas para reconstituir a tragédia e evitar que ela se repita. As pessoas voam por necessidade, comodi-

dade, por prazer e pela segurança proporcionada por esses canudos de alumínio impulsionados por turbinas alimentadas a querosene capazes de levar uma massa de 200 toneladas à velocidade de 900 quilômetros por hora. Em um dia qualquer, 13 milhões de pessoas cortam os céus do planeta a bordo de jatos comerciais. Essa metrópole voadora só perde em população para Mumbai e Xangai. Os números mostram que esses 13 milhões de terra-queos voadores estão mais seguros do que os pedestres parados em uma esquina noturna do Rio de Janeiro, de São Paulo, atravessando a rua em Nova York, ou, como gostam de lembrar os pilotos, eles correm menos riscos do que um pacato apicultor, já que mais pessoas morrem a cada ano vítimas de picadas de abelhas do que em desastres aéreos.

Ocorre que a dor e o medo são processados em áreas do cérebro bem distantes daquelas que analisam os números. E, mesmo informados de que o acidente do AF 447 é o primeiro naquela rota em sessenta anos, os passageiros continuarão tendo medo de voar, a estremecer de pavor durante as turbulências e a rezar para que os pilotos lá na frente evitem aquele trecho de tempestades fáticas do céu sobre o Oceano Atlântico.

DESCIDA E APROXIMAÇÃO

24%

27%

POUSO

24%

11%

Fonte: Boeing

Especial

O CENÁRIO DO DESASTRE

O Airbus 330-200 da Air France que fazia a rota Rio-Paris desapareceu no cinturão de tempestades que existe em torno do Equador



Localização do avião no último contato do piloto

Arquipélago San Pedro e São Paulo

Fernando de Noronha

Natal

Rio de Janeiro

Zona de Convergência Intertropical (ZCIT)

Cúmulo-nimbo, a nuvem temida pelos pilotos. Quanto mais alta a nuvem, mais forte é a tempestade.

Velocidade dos ventos: De 100 a 200 quilômetros por hora, mas pode, ocasionalmente, chegar a 400 quilômetros por hora, similar à de um furacão.



O voo AF 447

Passageiros

216

Crianças: 7

Bebê: 1

Tripulantes: 12

Nacionalidades a bordo: 32



Airbus 330-200

Voo inaugural: 1997

Velocidade de cruzeiro: 870 km/h

Capacidade: 253 passageiros

Preço: 171 milhões de dólares



UMA TRAGÉDIA EM CINCO ATOS

Até agora, a única peça de evidência inquestionável para conjecturar sobre as razões da queda do jato que fazia o voo Air France 447 são as mensagens automáticas enviadas por sinais de rádio pelo computador de bordo. Elas foram captadas no centro de controle de voo da companhia aérea, em Paris

PERSONAGENS

CÚMULOS-NIMBOS

Nuvens carregadas de eletricidade e cortadas por ventos de até 200 quilômetros por hora em seu interior

PITOT

Tubos com a extremidade virada para a proa que medem a velocidade do ar e, em consequência, a do próprio avião. Gelo pode ter danificado os três tubos de Pitot do AF 447, impedindo a leitura correta da velocidade. A Air France anunciou que vai trocar os tubos de Pitot de suas aeronaves

PILOTO AUTOMÁTICO

Ele mantém o rumo e a altitude do avião. Em combinação com o GPS e o Flight Management System, faz todas as manobras preestabelecidas na rota

PILOTO E COPILOTOS

Nos aviões de altíssima tecnologia como o A330, o papel principal deles é menos braçal, a não ser nas emergências

ADIRU E ISIS

O Adiru abastece de informações o computador de bordo do avião. O Isis mostra a posição da aeronave em relação ao solo

PRIM1 E SEC1

Sistemas primário e secundário que levam os comandos dos pilotos às turbinas, ao leme e a outras partes móveis

CABIN VERTICAL SPEED

Medição da pressão do ar na cabine em relação à pressão externa e indicador indireto da altitude do avião

O ENREDO

Especial

O ENREDO

ATO 1 23h

Um dos pilotos teclou no computador a mensagem de que o avião estava próximo de entrar em uma formação de nuvens de tempestade conhecidas como CB, abreviatura de cúmulos-nimbos, um terror para aviões pequenos e evitadas também por grandes jatos

O QUE MOSTRA: jatos comerciais são feitos para atravessar áreas de tempestades fortes. O fato de o piloto ter avisado a Air France é de alto interesse para os investigadores do acidente

ATO 2 23h10

Nesse minuto chegam a Paris duas mensagens automáticas. A primeira traz a informação de que o piloto automático foi desativado. A segunda indica que foi desacoplado também o sistema computadorizado de prevenção de manobras bruscas potencialmente fatais e que então o avião voava no que se chama "Alternate Law", em que o piloto tem total autonomia

O QUE MOSTRA: uma certeza e duas hipóteses

A Certeza: houve corte de energia para os instrumentos do painel de comando e para os computadores que comandam a direção do voo e a aceleração das turbinas

1ª HIPÓTESE DE FALHA HUMANA

Os pilotos se desorientam com a pane elétrica e a consequente desativação dos comandos automáticos de aceleração e de pilotagem. Contribuem para a desorientação o súbito escurecimento do painel com a perda do mais vital dos instrumentos, o horizonte artificial, e a depressurização da cabine. Eles podem ter feito uma manobra brusca, "full deflection", no jargão aeronáutico, e forçado a estrutura do avião a ponto de sua ruptura. Nessa hipótese, o jato teria se desintegrado no ar

PONTOS FORTES

MÃOS ERRADAS – A norma brasileira exige que em voos longos a tripulação seja composta de dois comandantes e dois copilotos. A francesa exige apenas um comandante e dois copilotos. É bastante provável que no momento do acidente o comandante estivesse dormindo, esperando ser acordado para fazer o pouso no Charles de Gaulle. Em situação de pânico, é mais aceitável que dois copilotos cometam erros do que um comandante

COMANDOS ERRADOS – Todo piloto de jato sabe que caso se encontre em meio a uma nuvem de tempestade do tipo CB, é vital manter com firmeza o rumo e colocar o bico do avião ligeiramente para cima, em geral com 3 graus de inclinação, "pitch 3 up", no jargão aeronáutico. Os copilotos do Air France podem não ter conseguido seguir essa regra, ou por desorientação, ou por inoperância dos comandos

PONTO FRACO

Os pilotos da Air France conhecem o Airbus melhor do que quaisquer outros. Estavam a 12 000 metros de altitude, com amplo espaço para manobrar com segurança

2ª HIPÓTESE DE DANO EXTERNO

Todas as mensagens acima teriam sido emitidas automaticamente já com o avião bastante danificado e, provavelmente, sem que os pilotos, mesmo se o comandante estivesse na cabine, pudessem fazer coisa alguma

PONTO FRACO

A tragédia teria se originado de alguma falha estrutural em toda a linha A330 ou de defeito de fabricação ou erro na manutenção apenas do avião que fazia o voo AF 447

PONTO FRACO

A resistência dos aviões às tempestades é testada até que o risco de ocorrer algum dano fatal provocado pelos elementos (vento, gelo e raios) seja de 1/1000000 – um em 1 milhão

ATO 3 23h12

Mais duas mensagens automáticas indicavam falha nos sistemas Adiru e Isis. O Adiru abastece de informações o computador de bordo do avião. O Isis mostra a posição do avião em relação ao solo

O QUE MOSTRA: a pane elétrica continuava desativando o que restava de comando no avião e provavelmente havia rachaduras na fuselagem, pois o Isis deveria continuar funcionando com sua bateria dedicada

ATO 4 23h13

Mensagens avisam que os sistemas primário, PRIM1, e secundário, SEC1, estavam inoperantes. Esses sistemas são responsáveis pela transmissão do comando do piloto para a aeronave

O QUE MOSTRA: com a perda do piloto automático e de outros apoios digitais, a tripulação do Airbus ficou com um avião dos anos 60 nas mãos – ou seja, sem computadores mas com comandos mecânicos intactos. Sem o PRIM1 nem o SEC1, eles ficaram com um tubo de alumínio de 230 toneladas desgovernado a 12 000 metros de altitude

ATO 5 23h14

A derradeira mensagem informa "Cabin Vertical Speed"

O QUE MOSTRA: o ar de dentro do avião, mantido artificialmente em pressão superior à externa para ser respirável, estava escapando rapidamente. Isso significa que a fuselagem estava avançada por dano externo ou por manobra radical dos pilotos. De toda forma, era o fim

Especial



JANELÕES
O Comet tinha
janelas como
as dos trens.
Isso foi fatal

NA CAUDA DO COMET

Os desastres do primeiro jato comercial, o Comet, e o do Boeing da Lauda Air quarenta anos depois contam a mesma história: segurança é tentativa e erro

Nada ilustra melhor a aviação comercial do que a máxima de que a solução parcial de um problema acaba criando novos problemas. Essa condenação começou a se manifestar de maneira trágica com o primeiro jato comercial da história, o Comet, fabricado em 1949 pela Havilland. Ele veio resolver os problemas de conforto, privacidade e segurança dos seus antecessores a hélice. Com quatro turbinas e o comprimento de um Boeing 737 atual, o Comet causaria um impacto que só seria igualado nos anos 70 ao do supersônico Concorde. Como o Concorde, porém, o Comet foi precocemente aposentado depois de um acidente — para ser mais preciso, depois de cinco acidentes. Ao contrário do Concorde que pegou fogo na decolagem em 2000 na França, os modelos Comet se desintegravam em pleno ar, à luz do dia, em perfeitas condições meteorológicas. Depois da mais extensa e cara investigação científica da história dos desastres aéreos, as autoridades inglesas concluíram que, para satisfazer o gosto dos viajantes, os projetistas desenharam janelas panorâmicas no Comet. Isso tornou as viagens muito mais

agradáveis. Mas, como o vidro e o metal reagem de forma diferente às pressões aerodinâmicas, a estrutura do Comet acabava cedendo e o avião se desintegrava. Devemos às vítimas dos desastres do Comet o fato de as janelas dos jatos comerciais serem até hoje apenas umas aberturinhas ovaladas, pavor dos claustrofóbicos, mas orgulho dos engenheiros de segurança.

O mais intrigante é que as modernas tecnologias digitais embarcadas, ao invés de mitigar os desafios colocados aos projetistas, tornaram-nos ainda mais flagrantemente. Uma dessas esteve no centro de algumas tragédias: o dispositivo digital projetado para impedir que os freios aerodinâmicos do avião, em especial aqueles que invertem o fluxo de ar das turbinas, os reversos, fossem acionados em pleno voo. Melhor: eles seriam acionados automaticamente quando do pouso. Os engenheiros basearam seu dispositivo no que parecia ser algo infalível. Um leitor digital de altitude travava os re-

versos mesmo que o piloto os acionasse manualmente. A inovação destinada a resolver um problema acabaria criando vários. Em 1991, um Boeing 767 da Lauda Air caiu na Tailândia depois que, sem explicação aparente, os reversos se abriram em pleno voo. A investigação mostrou que o avião perdeu altitude em uma turbulência e o computador interpretou o fenômeno como um pouso, acionando os freios. Como resolver isso sem perder a automação? Os engenheiros modificaram o dispositivo de acionamento dos reversos, de modo que os sensores informariam ao computador para abri-los apenas depois que os dois conjuntos de pneus do trem de pouso tocassem o solo. A modificação foi considerada perfeita e adotada universalmente pelos fabricantes. Mas... e há sempre um mas... dois anos depois um Airbus A320 da Lufthansa não conseguiu acionar os reversos ao pousar na pista gelada do Aeroporto de Varsóvia, matando dois dos setenta passageiros. A causa? Ventos laterais fortes fizeram com que o trem de pouso da esquerda tocasse o solo nove segundos depois do da direita. O computador, fiel a sua programação, não acionou os reversos e impediu os pilotos de ativá-los até que todos os pneus tivessem tocado o solo. Mais uma modificação foi feita, então, no desenho do dispositivo. Agora ele apenas informa o piloto, que decide quando acionar os freios. ■

FREIO NO AR
O ex-piloto Niki Lauda no local dos destroços do seu avião, que abriu o reverso em voo de cruzeiro



NIKI LAUDA

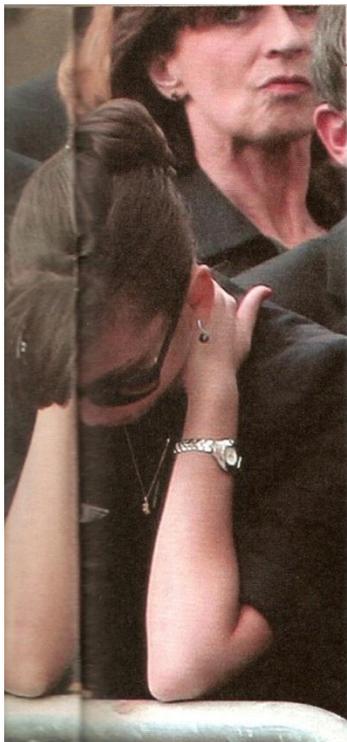


A TRAGÉDIA COM O MAIS MODERNO DOS AVIÕES

O desastre com o jato da Air France no meio do Atlântico reacende a questão: encher o avião de novas tecnologias torna a viagem mais segura?

LAURA MING

As probabilidades de alguém estar num jato comercial que se envolva em acidente com pelo menos uma morte são de uma em 8,47 milhões. Em outras palavras, é mais provável que uma pessoa morra de desastre de carro, de infarto ou atingida por uma bala do que voando numa altitude maior que a do Pico do Everest a



O LUTO E OS CORPOS Funcionárias da Air France na missa pelas vítimas na Catedral de Notre Dame, em Paris. Acima, as caixas com embalagens para corpos desembarcam em Fernando de Noronha

conflito com a constatação estatística irrefutável de que é seguro deixar-se elevar a 12.000 metros preso a uma poltrona e respirando um ar pressurizado, mas mesmo assim tão rarefeito quanto o das montanhas mais altas. Sim, existe conflito. Mas o desaparecimento súbito de centenas de pessoas em acidentes aéreos de grandes proporções comove e intriga infinitamente mais do que a lenta e esparsa ceifada da morte em acidentes de automóvel nas madrugadas.

"Não é mesmo natural para o homem ficar suspenso a quilômetros de altura, dentro de uma estrutura enorme que exige o perfeito funcionamento de centenas de máquinas e dispositivos", diz o piloto de Boeing Juan Vergara, que dá palestras a pessoas com medo de voar. Em 2007, logo depois da tragédia do Airbus da TAM em São Paulo, o Ibope perguntou aos brasileiros se eles estavam com medo de voar. O resultado: 74% disseram que sim. Em 1998, esse número era de 42%. A média mundial é de 30%.

O desaparecimento de um hipermoderno Airbus A330-200 com 228 pessoas a bordo no meio do Atlântico, no domingo passado, reúne todos os componentes que fazem as pessoas se perguntar se é seguro voar. Vidas despedaçadas em frações de segundo, entre elas crianças e recém-casados, causam dor no coração. O desastre do voo 447 da Air France, na rota Rio-Paris, também reacende uma questão específica: encher um avião de novas tecnologias digitais torna as viagens mais arriscadas?

A pergunta é relevante porque o Airbus A330-200 é a mais automatizada das máquinas no ar e o protótipo da aeronave do futuro. Com base mais uma vez em estatísticas, a resposta só pode ser sim. Desde 1988, quando os Airbus com controle eletrônico de voo apareceram nos aeroportos, o número de acidentes com jatos comerciais reduziu-se em praticamente 70%. A taxa de acidentes caiu de 2,5 para 0,7 a cada milhão de decolagens em 2007. Se comparado aos anos 60, a queda foi de espantosos 98%. A melhora da segurança não pode ser totalmente atribuída aos aviões do consórcio europeu — mas está comprovado que mais tecnologia a bordo e nos aeroportos contribuiu de forma decisiva para esse resultado.

A controvérsia se desdobra em outro campo — o da autonomia do piloto. Dois princípios divergentes regem as maiores fabricantes de aviões comerciais, a Boeing e a Airbus. A posição da empresa americana é que é vital dar ao piloto a última palavra no comando da aeronave. A europeia acredita que é mais seguro delegar aos computadores (eles podem ser mais de seis dezenas) o poder de contrariar o piloto. Os europeus têm bons números para embasar seus argumentos: sete de cada dez acidentes aéreos são causados por falha humana, entre controladores, mecânicos e comandantes. A maioria dos desastres ocorre mesmo por erro do piloto. O Airbus dispõe do mais completo sistema de computação destinado a se sobrepor aos pilotos quando eles dão comandos capazes de pôr em risco a integridade do avião ou a vida dos passageiros. A ideia dos projetistas foi harmonizar as ordens do piloto com a capacidade da máquina de obedecer. Todos os modernos jatos comerciais utili-

uma velocidade bem próxima à do som. O Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos tem números que mostram que é 25 vezes mais provável alguém perder a vida a caminho do aeroporto do que na queda do avião que vai tomar. Ainda assim, é impossível ver o carrão bem polido na garagem e enxergar nele algo mais perigoso do que um avião. Voar, no entanto, produz sensações contraditórias. Embora o avião pareça mais perigoso, quando um deles se acidenta, como o Airbus da Air France, a surpresa, a revolta, a busca por explicações técnicas é muito maior e mais frenética do que quando um carro capota ou um ônibus despenca no abismo, deixando vítimas fatais. O medo irracional de voar estaria, então, em eterno

a Air
ntico
her
ogias
gura?

IA MING

em es-
que se
m peio
le uma
svras, é
orra de
tingida
na alti-
erest a

Especial

zam também o sistema fly-by-wire, em que sensores eletrônicos interpretam a pressão das mãos e dos pés do piloto sobre o manche, os manetes de potência e os pedais e a transmitem às partes móveis (o aileron, o profundor e o leme). Antes do fly-by-wire, introduzido na aviação pelos caças F-16 americanos, os comandos dos pilotos sobre os manetes de potência, por exemplo, chegavam às turbinas não por meio de sinais elétricos, mas por cabos de aço e condutíveis de óleo — ambos muito pesados e mais propensos a falhas. A Boeing optou por manter instalado, para uso em caso de falha do fly-by-wire, um sistema auxiliar à moda antiga que replica mecanicamente a maioria dos comandos eletrônicos. Nos mais modernos modelos do Airbus, como o A330, que fazia o voo 447, se o fly-by-wire entra em pane total, como ocorreu agora, o piloto é obrigado a comandar o avião usando apenas os pedais e umas rodinhas (já presentes no 14 Bis de Santos Dumont) conhecidas como "elevador trim", que servem para estabilizar o avião. "Há situações que só um piloto de carne e osso pode solucionar", diz Luiz Bassani, ex-comandante da Varig e, claramente, partidário da filosofia da Boeing.

"São raríssimos os acidentes cujo desfecho se pode atribuir ao excesso de tecnologia embarcada e à diminuição da possibilidade de pilotar o avião manualmente", diz Gustavo Cunha Mello, analista de riscos aeronáuticos. Não há, por enquanto, como saber se o desastre do voo 447 foi causado por excesso de dependência de tecnologia digital, que, por razões ainda misteriosas, virou de repente um painel enegrecido diante do piloto. O mais provável é que tenha havido, como na imensa maioria dos desastres aéreos, uma sucessão de falhas. A rota entre o Brasil e a Europa passa por um trecho de permanente mau tempo na altura do Equador. Uma centena



POUSO POR INSTRUMENTOS

Avião desce no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo

de voos intercontinentais passa diariamente pela região. De modo geral, eles tentam evitar as nuvens com maior risco para a aviação, os cúmulos-nimbos, conhecidos como CB. O último contato feito pelo AF 447, em mensagem de texto, informava que o avião iria entrar numa zona de CB.

Fatores meteorológicos isolados raramente provocam desastres com aviões do porte de um Airbus A330. A fuselagem é metálica, permitindo que um ralo contorne toda a sua parte externa sem provocar estragos nos computadores da aeronave. As asas e as turbinas do motor são equipadas com sistemas anticongelamento para se proteger dos cristais de gelo e do granizo. "Os ventos ascendentes e descendentes são mais perigosos no momento da decolagem e da aterrissagem, quando o avião está mais lento, mas é pouco provável que sejam capazes de derrubar um avião como o Airbus", disse a VEJA o meteorologista Carlos Morales, da Universidade de São Paulo. A maioria dos pilotos prefere contornar o paredão de cúmulos-nimbos para evitar riscos e desconforto aos passageiros. Mas não é incomum que eles optem por

"rachar a CB", como se diz no jargão da aviação. O avião da Airbus estava a 12.000 metros de altitude, alto demais para encontrar granizo, mas com temperatura de 40 graus negativos e onde há formação de gelo. O certo é que, dez minutos depois, o Acars, sistema que faz comunicação via satélite com a central da companhia na França, passou a emitir mensagens de pane. Só se pode supor o que ocorreu — mas a sequência de mensagens dá boas pistas das possibilidades (veja o quadro na pág. 80).

Na sexta-feira, a Air France anunciou que iria substituir o *Pilot* de toda a sua frota. Esses tubos, instalados na fuselagem, ajudam a medir a velocidade do ar. A troca indica que a companhia desconfia que a leitura errada da velocidade possa estar na origem da tragédia. Muito vai depender da localização da caixa-preta, que grava dados essenciais para os investigadores. Em 98% dos acidentes, o equipamento é resgatado e responde às principais questões. Mas o Airbus da Air France caiu numa região com profundidade de 4.000 metros. Ainda que caixas-pretas já tenham sido recuperadas de grandes abismos, a tarefa é extremamente difícil. No fim de semana, oito aviões e dois helicópteros vasculhavam uma área de 185.000 quilômetros quadrados em busca de indícios. Na quinta-feira, a FAB avisou que um dos objetos encontrados — uma estrutura de madeira — não fazia parte do Airbus. Era simplesmente lixo marinho. Outros achados, como uma poltrona e pedaços de metal avistados, podem ser do Airbus. Caso a caixa-preta do A330 não seja encontrada, o acidente com o A330 poderá ser mais um dos raros a ficar sem explicação. ■

COM REPORTEAGEM DE DUDA TEIXEIRA, RONALDO FRANÇA, PAULA HEIVA, CAROLINA ROMANINI, LEANDRO HARLACH E THOMAZ FAVARO

Especial

E TUDO SE DISSIPOU NO AR

O voo 447 era para ser uma celebração da vida. Mas, por um breve espaço de tempo, foi melhor sonhar a vida do que vivê-la

RONALDO SOARES E CAMILA PEREIRA

Por quatro minutos, por 240 segundos, foi melhor sonhar a vida do que vivê-la. E quantos sonhos, e quantas vidas, e quantas vidas de sonho, e quantos sonhos de vida! O sonho do maestro carioca Silvío Barbató, de 50 anos, regente titular da orquestra sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, era ampliar o acesso à música erudita no Brasil. Fez espetáculos juntando orquestras sinfônicas a bandas de música pop ou a grupos de meninos pobres que tocavam com instrumentos de lata. Aprezentou-se ao lado tanto de grandes nomes do canto lírico, como Plácido Domingo e Montserrat Caballé, quanto de músicos populares, como Martinho da Vila. O casal de advogados Marcelo Parente, de 38 anos, e Marcelle Fonseca Lima, de 33, planejava um filho para o ano que vem. Marcelle vinha fazendo um tratamento de fertilização para engravidar. Na vida profissional, eles também tinham muitos projetos. Marcelle andava às voltas com a ampliação do escritório de advocacia do casal. Marcelo acabara de assumir a chefia de gabinete da prefeitura do Rio de Janeiro. O administrador de empresas Pedro Luiz Orleans e Bragança, de 26 anos, trineto da princesa Isabel,

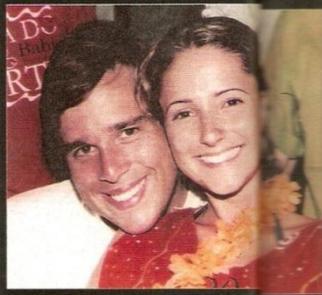
morava em Luxemburgo. Pretendia viajar muito, ganhar bagagem cultural e experiência no mercado financeiro. Solteiro, estava à procura de uma princesa nas rodas europeias.

O comissário de bordo brasileiro do voo 447, Lucas Domingues, de 24 anos, adorava voar, mas não queria permanecer na profissão pelo resto da vida. Pensava em retomar a faculdade de direito, que abandonara, e se especializar em direito internacional. Domingues tinha um entusiasmo notável por aprender idiomas. Falava com fluência francês, inglês, italiano e espanhol. Recentemente, começou a se aventurar também pelas línguas do Leste Europeu. Aprendeu russo, polonês, eslovaco e estava estudando romeno. O carioca Nelson Marinho, de 40 anos, mecânico especializado em plataformas de petróleo, estava radiante. Candidatara-se a um emprego na italiana Saipem, uma das maiores empresas de engenharia de petróleo do mundo, e conseguira a vaga. Ele e a mulher, Karla dos Santos, queriam comprar uma nova casa e ter um filho.

A cantora brasileira Juliana Ferreira Braga de Aquino, de 29 anos, passou os últimos meses ensaiando para dar o passo mais ambicioso de sua carreira — estrear a versão alemã do musical *Wicked*, sucesso da Broadway,



ROSELIANNA



ALCANTARA



JUNTOS ATÉ O FIM

O cirurgião plástico gaúcho **Roberto Chem**, sua mulher, **Vera**, e a filha mais nova do casal, **Leticia (acima)**, os três viajavam para passar quinze dias na Grécia. O empresário **Paulo Vale** e a psicóloga **Luciana Seba (à esq.)**, ambos de Niterói, que voavam com os pais dele: ela queria visitar em Paris os locais onde o avô fora homenageado por criar uma vacina. A médica **Bianca Machado Cotta** e o procurador **Carlos Eduardo Lopes de Mello (abaixo, à esq.)**, de Niterói: casamento no sábado antes do voo, com festa para 500 convidados



A MÚSICA SE CALOU

O maestro carioca **Silvio Barbato**, da orquestra do Teatro Nacional de Brasília: esforço constante para popularizar a música clássica no Brasil. Ele dividiu o palco tanto com estrelas do canto lírico, como a soprano Montserrat Caballé, quanto com ídolos da música popular, como Martinho da Vila e Jaelmeão



O PALCO FICOU VAZIO

A cantora **Juliana Ferreira Braga de Aquino**, de Brasília: ensaios nos últimos meses para dar o passo mais ambicioso de sua carreira, estrear a versão alemã do musical *Wicked*, sucesso da Broadway. Desde 2003 ela atuou em vários musicais na Europa. Em *Jesus Cristo Superstar*, fez o papel de Maria Madalena

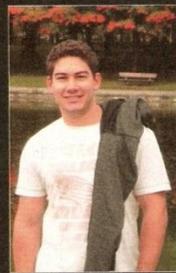
Especial

em Stuttgart. Ela começou a estudar música aos 4 anos e, ainda menina, aprendeu piano e canto clássico. Aos 15 anos, já cantava em musicais. Em 2003, um produtor europeu esteve no país e convidou-a para uma produção além do musical *O Rei Leão*. O bom desempenho lhe assegurou papéis em outros espetáculos. No ano passado, ela interpretou Maria Madalena em *Jesus Cristo Superstar*, na Áustria.

O dentista José Ronnel, de 35 anos, paraibano criado em Niterói, morava em Londres desde 2001 e juntava dinheiro para montar no Brasil um consultório com o mesmo padrão daque-

le em que trabalhava — como empregado — na Inglaterra. Queria se casar com a namorada, uma economista francesa, e comprar uma casa na praia niteroiense de Itacoatiara. Para tanto, segundo seus cálculos, faltavam entre cinco e dez anos de trabalho em Londres. O cirurgião plástico gaúcho Roberto Chem, especialista em trans-

plante de pele, organizava um congresso médico a ser realizado em setembro, em Porto Alegre. Há um mês, ele vinha comemorando a classificação num concurso que lhe garantiu uma vaga de professor titular da Universidade Federal de Ciências da Saúde. Parte da celebração seria uma viagem de quinze dias pela Grécia. O engenheiro Marco Antônio Mendonça, de 44 anos, diretor da Vale, preparava-se para o maior passo de sua carreira. Em Dubai, nos Emirados Árabes, assumiria a presidência do Instituto Internacional do Manganês. Seria o primeiro brasileiro a ocupar esse posto. A funcionária pública Deise Possamai, 34 anos, era persistente em suas tentativas de ascender profissionalmente e, neste mês, começaria a cursar na Itália uma especialização em direito tributário. Achava que, com o curso, além da fluência no idioma italiano, poderia ganhar mais no emprego. O argentino Pablo Dreyfus e a bra-



CEIFADOS NO AUGE

Em sentido horário, a partir do alto: **Soluwellington de Sá**, comandante de barcos; **Lucas Domingues**, o comissário de bordo brasileiro do voo 447; o cientista político argentino

Pablo Dreyfus, casado com a brasileira Ana Carolina Rodrigues; o empresário alemão **Mathias Peter**, que tinha casa no Rio de Janeiro; a funcionária pública **Deise Possamai**; o oceanógrafo **Leonardo Dardengo**; a carioca **Adriana Henriques**

Especial

sileira Ana Carolina Rodrigues, casados há menos de dois anos, decidiram viajar numa segunda lua de mel. Conhecer Paris era um sonho da psicóloga Luciana Seba, de 31 anos, de Niterói. Ela incluiu em seu roteiro duas visitas incomuns em viagens turísticas: a Universidade Sorbonne e o Instituto Pasteur. A explicação para isso é que, na década de 1970, seu avô, Roched Seba, ex-diretor do Instituto Vital Brazil, fora homenageado nesses locais por ter criado a vacina dupla contra meningite. Luciana estudava francês e pretendia fazer doutorado na Europa.

O potiguar Soluwellington de Sá, de 40 anos, contava os dias para, no fim do ano, mudar de vida e passar mais tempo com a mulher e as duas filhas. Ele conseguiu juntar algum dinheiro como comandante de embarcações que buscam petróleo em águas rasas. Nessa função, viajou pelo mundo, mas se cansou de ficar longe de casa. Tudo o que queria era comprar uma casinha no interior do Rio Grande do Norte. O empresário alemão Mathias Peter, dono de uma loja em Stuttgart, era apaixonado pelo Rio de Janeiro, que elegeu como sua segunda cidade e onde comprou um apartamento. Peter passou a segunda quinzena de maio no Rio e comentou com os amigos que voltaria para as festas de fim de ano.

No sábado passado, Carlos Eduardo Lopes de Mello, procurador federal da Comissão de Valores Mobiliários, e Bianca Machado Cotta, médica, ambos de Niterói, casaram-se e deram uma festa para 500 pessoas. Iriam passar a lua de mel em Roma, com escala em Paris. O oceanógrafo Leonardo Veloso Dardengo, de Vitória, cursava doutorado na França, veio ao Brasil para um congresso e aproveitou a viagem para oficializar seu noivado com a namorada, Mariane Maciel. A carioca Adriana Moreira Henriques estava entusiasmada com sua primeira viagem à Europa. Em Portugal, iria encontrar tios e um primo.

No domingo, todos esses sonhos, de matizes tão diversos, de pessoas tão diferentes, se desmancharam no ar, afundaram no mar, caíram por terra. ■

COM REPORTAGEM DE ALEXANDRE
OLTRAMARI, SILVIA ROGAR,
MARCELO BORTOLINI E RENATA NOVAES



O PRÍNCIPE E O MECÂNICO

O economista **Pedro Luiz Orleans e Bragança** (acima), trineto da princesa Isabel, morava em Luxemburgo. Pretendia viajar muito pelo mundo e ganhar experiência no mercado financeiro. Também estava à procura de uma princesa nas rodas europeias.

Nelson Marinho (à dir.), mecânico especializado em plataformas de petróleo, andava feliz. Ele havia conseguido um cargo numa das maiores empresas de engenharia de petróleo do mundo, sediada na Itália



ISTOÉ

DICIONÁRIO SECCONI DA LINGUA PORTUGUESA
GRÁTIS
5º Fascículo

3 TRÁS

10 JUN/2009
ANO 32
Nº 2065
R\$ 8,90

Tudo dava plena segurança ao voo 447. O Airbus 330 era novo. O piloto, um dos mais experientes da Air France. Na rota, jamais havia ocorrido um acidente de jato sobre o oceano. Em altitude e velocidade de cruzeiro, deveria ser o momento mais tranquilo da viagem Rio-Paris. Até que, às 23h do domingo 31 de maio, o AF 447 se viu diante de uma turbulência. O fato aparentemente banal derrubou todos os paradigmas.

Então, quer dizer que nunca estivemos seguros?!

Especial Voo 447

O MEDO NO OCEANO E

O misterioso desaparecimento do voo 447, com 228 pessoas, quebra para

Adriana Prado, Gustavo de Almeida e Renata Cabral

Vive no oceano escuro, entre montanhas submarinas escondidas a mais de quatro mil metros de profundidade, a meio caminho entre o Brasil e a África, a soma de todos os medos de quem viaja de avião. Na noite do domingo 31 de maio, a calmaria encontrou a tempestade e, pela primeira vez em 73 anos, a máquina derrotou o homem nas nuvens do Atlântico Sul, acrescentando às curvas do desastre a dor de 228 famílias e um mistério que assombra quem precisa agora subir as escadas de um jato: por que o voo 447 da Air France, que saiu do Rio de Janeiro às 19h com destino a Paris, contrariou alguns dos principais paradigmas da aviação?

Em primeiro lugar, o Airbus 330 caiu em pleno percurso, fase do voo que responde por apenas 5% dos acidentes no mundo. Nunca um desastre semelhante havia acontecido na ligação entre a América do Sul e a Europa, a chamada Rota do Atlântico, utilizada por aproximadamente 100 voos semanais e sem nenhum registro de acidente desde 1936. Segundo, pela ocorrência com uma grande aeronave, considerada de menor risco pela sofisticação dos recursos. O A330 entrou em operação em 2005, o que o coloca na condição de avião novo. E em 16 de abril tinha passado pela revisão anual obrigatória. No comando do AF447 estava um piloto experiente, com mais de 11 mil horas de voo,

sendo 1.700 apenas no A330. Mas, após quatro horas de uma viagem perfeita, bastaram menos de 15 minutos para que o avião saísse do chamado voo de cruzeiro – aquele momento em que, a altitude e velocidade constantes, os passageiros finalmente relaxam de todo o stress do aeroporto e do embarque e vão ver filmes, ler ou dormir –, entrasse numa tempestade, sofresse uma pane elétrica e se depressurizasse, desaparecendo nas profundezas do Atlântico a 820 quilômetros do arquipélago de Fernando de Noronha.

Por contrariar estatísticas, desempenho tecnológico e experiências anteriores, a queda do 447 pode entrar para a história como um dos maiores mistérios da aviação.



SEM FIM O Airbus 330, a dor dos familiares e o desespero da busca por algum indício do acidente

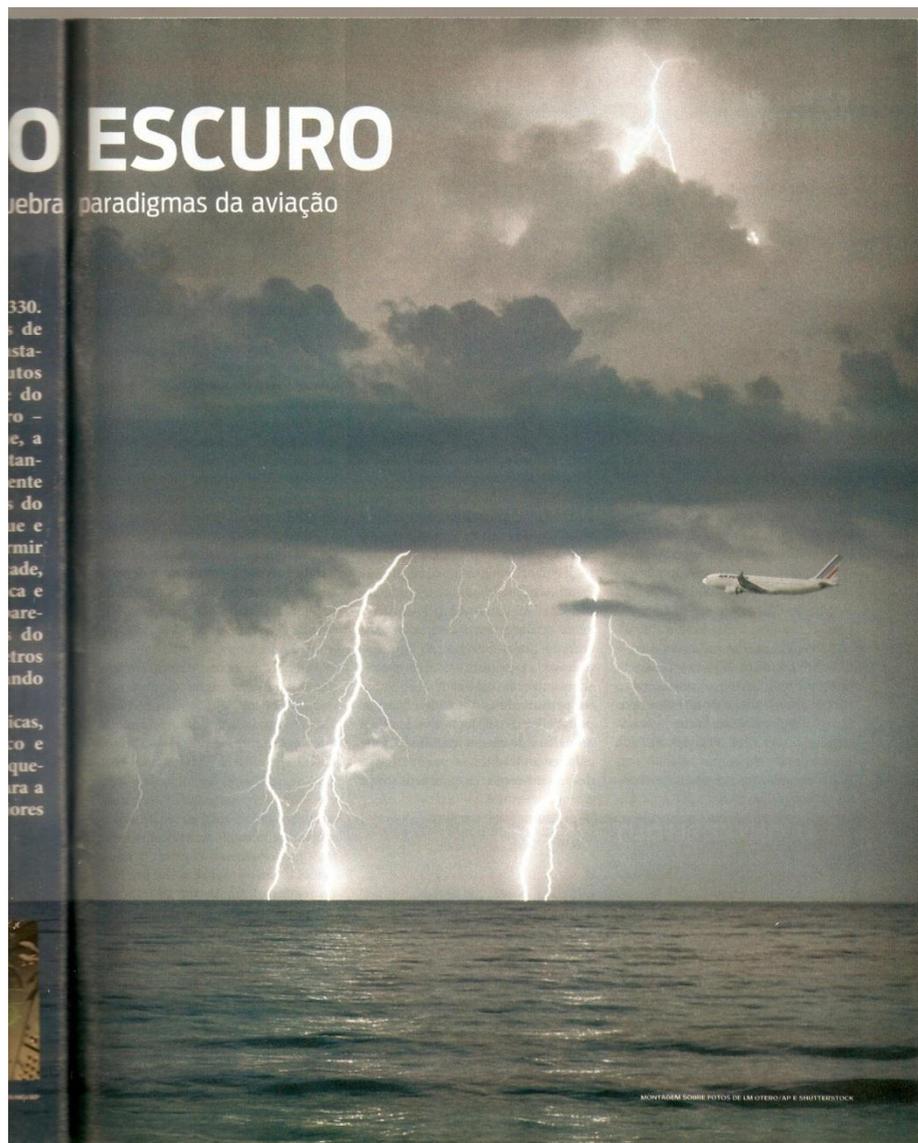


FOTOS: AP; GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO; ECPAD/FRENCH DEFENSE MINISTER/AG

O ESCURO

quebra paradigmas da aviação

330.
s de
esta-
atos
do
ro -
e, a
fan-
ente
s do
ue e
rmir
ade,
ca e
are-
do
tros
ndo
icas,
co e
que-
ra a
lores



ACONTAÇÕES SOBRE FOTOS DE IMAGENS/AP E SHUTTERSTOCK



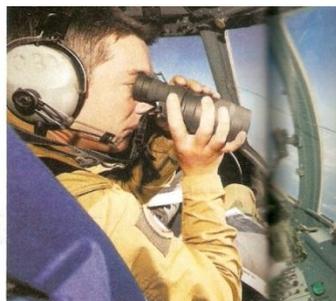
“Esse acidente traiu todos os elementos que consideramos para afirmar que um voo é seguro”, diz Moacyr Duarte, pesquisador da coordenação dos programas de pós-graduação em engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ). O governo francês reconhece a dificuldade de encontrar respostas para a queda do Airbus. “Existe a possibilidade de que nunca encontremos as caixas-pretas”, disse Paul Louis Arslanian, diretor do Escritório de Investigação e Análise Francês (BEA), encarregado de tentar elucidar os casos de acidentes aéreos.

Sem as caixas-pretas, a missão da BEA fica mais difícil, mas não impossível. O Airbus era dotado de um sistema chamado de Acars (sigla em inglês para sistema de comunicação e informação da aeronave), que comunica imediatamente à empresa aérea qualquer erro detectado pelos computadores. Sua função principal é avisar às equipes de manutenção sobre um eventual defeito na aeronave, permitindo o reparo imediato no pouso. Foi este sistema que emitiu a sequência de alertas indicando velocidades contraditórias, pane elétrica e depressurização. Enquanto os inves-

JÁ ACONTECEU OUTRA VEZ

Há 36 anos, um Boeing 707 da Varig decolou do Rio de Janeiro para o voo RG 820 com destino à Paris. O comandante Gilberto Araújo da Silva seguiu pela Rota do Atlântico com outras 133 pessoas a bordo. Entre os passageiros estavam o então presidente do Senado, Felinto Muller, e o cantor Agostinho dos Santos, que a cinco quilômetros da cabeceira da pista do aeroporto de Orly acabaram vítimas de um dos mais

dramáticos acidentes da aviação. Era a tarde de 11 de julho de 1973 e faltavam cerca de 60 segundos para o pouso. O avião foi tomado por fumaça tóxica vinda do banheiro, onde um cigarro aceso foi deixado no lixo. Na cabine, a visibilidade ficou nula e o comandante optou por um pouso de emergência. O avião se arrastou por mais de 500 metros e foi tomado pelas chamas. Apenas 11 sobreviveram.



tigadores franceses se preocupam em recolher o máximo de dados e em considerar todas as possibilidades, a ponto de não descartar nem mesmo a hipótese de um atentado terrorista, como frisou, na sexta-feira 5, o ministro da Defesa, Hervé Morin, os mistérios do desaparecimento trouxeram uma certeza: está disseminado o chamado medo de voar.

O piloto Douglas Ferreira Machado, da empresa de consultoria aeronáutica Safety Service, acredita que a demora para as explicações afeta a sensação de segurança de todos. “Acho que a Air France tem mais informações do que o divulgado, já que faz monitoramento online dos aviões. Talvez estejam pesquisando mais antes de tornar os dados públicos.” Pesquisas realizadas após acidentes aéreos comprovam que a fobia se espalha depois dessas tragédias. A queda de um avião da Gol em 2006 e a explosão de outro da TAM, em 2007, elevaram para 54% o número de brasileiros com pavor de avião, segundo a consultoria H2R. O medo fez a modelo Susana Werner, 31 anos, perder a voz no voo entre Paris e Rio, na segunda-feira 1ª, um dia após a fatalidade com o 447. Casada com o goleiro Júlio César, da Inter de Milão, ela saiu da Itália, com a família, e fez

QUEDA POR FALHA TÉCNICA

26% Em Airbus

20% Média Mundial

Fonte: NTSB (National Transportation Safety Board)

**O RIS
CADI**
A etapa a queda
consid



PISTA FALSA Primeiro sinal do acidente, mancha era de óleo de navio e esperança virou frustração

escala em Paris. Durante o trajeto até o Rio, foi ficando cada vez mais rouca – de aflição, nervoso, medo. “Sempre tive temor”, conta ela, que, agora, tem o sentimento aguçado.

No Brasil, a sensação de insegurança é justificada. Aqui, o número absoluto de acidentes na aviação civil cresce, como constata o relatório interno do Comando da Aeronáutica. O documento, chamado Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos, diz que a Aeronáutica registrou 58 acidentes em 2005 e, no ano passado, 108, ou seja, quase o dobro. Mas, ainda assim, o avião continua sendo um meio de transporte mais seguro que o carro. Um estudo do Conselho Nacional de Segurança em Transportes dos EUA considera, desde 1995, que viajar de avião é 11 vezes mais seguro que de automóvel. Especialista em segurança de voo do Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias (SNEA), o comandante Ronaldo Jenkins, fornece um dado definitivo: “A média internacional hoje é de 0,8% acidente com morte a cada um milhão de voos.”

Para a psicóloga Rosana D’Ório, especialista em medo de voar e ex-comissária de bordo da Varig, as tragédias aéreas desencadeiam fobia por avião até em quem nunca

teve problema com isso. Quando as circunstâncias são inexplicáveis, como agora, isso só aumenta. **“As pesquisas mostram que o avião é o meio de transporte mais seguro, mas a pessoa só lembra do avião que cai”**, diz. O que faz a tragédia do AF447 ser ainda mais dramática é saber que os familiares das vítimas podem ter de conviver com o sentimento da morte sem fim, o luto sem corpo. Flávia Souza Antunes, administradora de empresas carioca de 26 anos, custa a acreditar que não irá rever o pai, Octavio Augusto Ceva Antunes. “Ele estava tranquilo, era acostumado a fazer esse tipo de viagem”, relembra. Professor do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Antunes ia dar cursos na universidade francesa Cergy-Pontoise, e viajava em companhia da mulher, Patrícia Nazareth Ceva Antunes, e do filho Mateus, 3 anos.

Ao contrário de Antunes, a jornalista Adriana Francisco Van Sluijs, 40 anos, estava tensa porque não gostava de avião. Ela iria à Coreia do Sul a trabalho. “Por telefone, quando nos

despedimos, disse que ela não parecia desse mundo, que ninguém tinha uma filha como ela”, emociona-se a mãe, Vazti Van Sluijs. Para o psiquiatra Fernando Ramos, presidente do centro de estudos do Instituto Philippe Pinel, no Rio, a comoção em torno do acidente sai do âmbito da família para a esfera pública por conta da dimensão da catástrofe: “Foi um lembrete de que nem a tecnologia mais avançada é capaz de impedir que um imprevisto aconteça e nos confronte com a morte.” O medo de voar se instala porque “a maioria das pessoas não consegue diferenciar o raro do comum”, afirma Ramos. Acredita-se que o destino do 447 se repetirá a cada voo. Como disse o filósofo francês Luc Ferry no livro “Vencer os Medos”, religião, filosofia, psicanálise, tudo é válido para superar temores. Não existe solução pronta. Mas, em casos de acidentes, ajuda muito ter clareza sobre o fato. E ela só virá quando as respostas da tragédia do voo 447 forem finalmente resgatadas do fundo do oceano escuro para a luz da verdade. ■

Colaborou Camilla Pati

O RISCO EM CADA FASE

A etapa em que ocorreu a queda do voo 447 é considerada a mais segura



Fonte: IATA/Nacional de Seguros

FOTOS: ECPAD/APP, JOHNSON BARROS/FAB

Especial Voo 447

O MISTÉRIO NAS NUVENS

A tarefa da investigação é esclarecer como o A330 se desfez em quatro minutos diante de uma tempestade

Eliane Lobato, Camila Pati e Mário Simas Filho

Desvendar as causas de um acidente é importante para evitar que possíveis falhas sejam repetidas. No caso do voo 447, poucas coisas estão certas: às 22h30 (horário de Brasília), o piloto francês Marc Dubois, 58 anos, fez o último contato com o comando aéreo brasileiro. Relatou que a viagem corria bem. Às 23 horas, Dubois fez contato com a Air France e informou que naquele momento o avião atravessava pesadas nuvens cúmulo-nimbos (leia ao lado). Foi o último registro feito pelo comandante. As informações conhecidas a partir daí foram transmitidas pelo próprio avião, entre 23h10 e 23h14. Nesses quatro minutos, a aeronave emitiu à companhia aérea pelo sistema de comunicação Acars uma série de mensagens avisando que o piloto automático fora desativado, que havia variação de velocidade, pane elétrica e, por último, depressurização. **O mistério que cerca o voo 447 reside em descobrir o que provocou tudo isso.**

As primeiras respostas concretas deveriam vir da análise das caixas de voz e de dados. Mas hoje elas estão mergulhadas no fundo do oceano, emitindo um sinal para os sonares. Suas baterias duram apenas 30 dias e, se não forem encontradas nesse período, dificilmente vão ser localizadas depois. Na análise das informações existentes até agora, a hipótese mais aventada internacionalmen-

te diz respeito a um possível congelamento nos tubos de Pitot no momento em que o Airbus entrou no meio das nuvens. São três pares de sensores instalados na parte externa da aeronave que medem, entre outras coisas, a velocidade e a altitude.

Esses equipamentos são construídos para suportar temperaturas de mais de 40 graus negativos, em condições normais. O problema é que em tempestades tropicais, com a ascensão de ar quente, é possível haver condensação. Nenhum Airbus até hoje caiu por congelamento desses sensores, mas alguns especialistas acreditam nessa possibilidade por dois motivos. Primeiro, a Air France admitiu a variação de velocidade no avião nos instantes imediatamente anteriores ao desastre – e isso pode estar ligado a um problema nos tubos de Pitot. Depois, a Airbus emitiu na noite da quinta-feira uma recomendação aos pilotos de todas as suas aeronaves, do A318 ao A380, para manter o manete na posição de aceleração durante a travessia de tempestades. Na mensagem, reconhecia que houve “inconsistência entre as diferentes medidas de velocidade” do 447.

A recomendação da Airbus parece estar relacionada à possibilidade de o piloto automático ter sido desligado durante a tempestade com consequen-

18.000 m
É a altura alcançada pelos maiores cúmulo-nimbos

Ar frio

O Airbus A330 chega no máximo até essa altitude

12.000 m

10.700 m
Altura provável do voo



O TUBO DE PITOT

Serve para medir a velocidade do vento. A temperatura do ar nas nuvens pode ter congelado o instrumento, transferindo para a cabine informações contraditórias



Especial Voo 447

A DOR TRANSATLÂNTICA

Rio e Paris se unem na tragédia que atinge famílias de 32 países

Maira Magro

A tragédia que cercou o voo 447 da Air France e comoveu o mundo encheu de tristeza dois cartões-postais internacionais que se complementam. Paris, a eterna Cidade Luz, que guarda algumas das mais famosas construções da humanidade, e o Rio de Janeiro, cidade que encanta por sua beleza natural. Na capital francesa, a catedral de Notre-Dame ficou lotada na quarta-feira 3 durante ato ecumênico com a presença do presidente Nicolas Sarkozy e de sua mulher, Carla Bruni, que foi acompanhado do lado de fora por milhares de franceses. No dia seguinte, foi a vez de o Rio realizar um culto religioso na Igreja da Candelária. Os dois países se aproximam na dor e na divisão de esforços para esclarecer o misterioso acidente.

O voo deixou planos e histórias inacabadas. Bianca e Carlos Eduardo Lopes de Mello, que haviam se casado na véspera, numa festa para cerca de 400 pessoas, nem puderam acordar para a nova vida. Alexandre Bjoroy, um menino britânico de 11 anos, voltava para a Inglaterra, depois de passar férias com a família no Brasil. Bjoroy era uma das sete crianças a bordo do voo que levava passageiros de 32 países.

Na Suécia, a mãe de Christine Ba-

dre Schnabl, 34 anos, está inconsolável pela perda da filha única. **"Falei com ela pelo telefone, momentos antes do embarque"**, disse Annika Badre. Casada com o brasileiro Fernando Bastos Schnabl, Christine era engenheira civil e trabalhava no Rio. O casal embarcou de férias para a Europa em voos diferentes para se beneficiar de programas de milhas. Ela foi pela companhia francesa, com o filho mais velho, Philippe, 5 anos, e ele, por outra empresa, com a caçula, Celine, 3 anos. Planejaram se encontrar no Aeroporto Charles de Gaulle. Proprietário de uma empresa de merchandising no Rio, Schnabl ainda não sabe quando voltará ao Brasil: "A prioridade agora

é a minha filha. Ela tem só 3 anos, mas tenho certeza de que já sabe. Ela parou de perguntar pelo irmão e pela minha esposa", disse.

A romena Violeta Bajenaru-Delclercq, 33 anos, morava em Nantes, na França, e voltava de sua segunda viagem ao Brasil, começada no dia 27 de maio, apenas cinco dias depois de se casar. Professora de comércio internacional, coordenava um projeto de cooperação entre a Escola Superior da Madeira de Nantes, onde trabalhava, e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Já o príncipe Pedro Luís de Orleans e Bragança, 26 anos, descendente de dom Pedro II, 26 anos, havia visitado a família no

A DIFERENÇA DAS AUTORIDADES

Assim que foi informado que o voo 447 não pousou em Paris na hora prevista, o presidente Nicolas Sarkozy cobrou a abertura de investigações, manifestou sua "viva inquietação" com o fato e pediu que o ministro do Desenvolvimento, Jean-Louis Borloo, se deslocasse "imediatamente" para o Charles de Gaulle. Depois, Sarkozy foi ao aeroporto prestar condolências aos

parentes das vítimas. "As perspectivas de encontrar sobreviventes são ínfimas", disse, preparando seu país para a tragédia. A próxima atitude foi enviar ministros para acompanhar as buscas no Brasil. A reação de Brasília foi bem mais lenta. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em viagem a El Salvador, limitou-se a cancelar um almoço de posse do presidente local. Depois de se

LUTO
e hon
Notre

Brasil
disse
e Bra
Rio. C
go e t
timer
setor
Silvio
Muni
Orqu
faria
palest
leira
No
igreja
nador
a emp
pelo d
natur
não s
grave
Eduar
de gal
gédia.
"Hoje
porqu

SOLIT
Bruni



LUTO Comoção das famílias e homenagem às vítimas na Notre-Dame (à esq.) e na Candelária

Brasil. "Ainda acredito em milagres", disse o pai, dom Antonio de Orleans e Bragança, ao deixar a igreja, no Rio. O jovem morava em Luxemburgo e trabalhava num banco de investimentos. Há perdas em diversos setores da sociedade. O maestro Silvio Barbato, ex-regente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da Orquestra Filarmônica Brasileira, faria uma conexão em Paris para dar palestras sobre música russa e brasileira em Kiev, na Ucrânia.

No ato ecumênico realizado na igreja da Candelária, no Rio, o governador do Estado, Sérgio Cabral, culpou a empresa aérea e a fabricante do avião pelo desastre. "Isso não é uma tragédia natural. Não há uma explicação que não seja por uma falha técnica muito grave", apostou. O prefeito do Rio, Eduardo Paes, que perdeu seu chefe de gabinete, Marcelo Parente, na tragédia, dividia a dor com os parentes: "Hoje me sinto um dos familiares, porque perdi um amigo."



SOLIDÁRIO Sarkozy, com Carla Bruni, no ato ecumênico em Paris

VÍTIMAS DA TRÁGEDIA

No voo 447, 228 pessoas morreram, 58 eram brasileiras



Adriana Henriques, 27

Adriana Sluijs, 40

Ana Carolina Silv Dreyfus, 28

Antonio Augusto Gueiros, 46

Bianca Cotta, 25, e o marido Carlos Eduardo de Melo

Deise Possamal, 34



Gustavo Mattos, 30

Hilton Jadir Souza, 50

José Gregorio Marques, 69

José Roberto Gomes da Silva, 50

José Ronnel Souza, 35

Julia Chaves de Miranda Schmidt, 27

Juliana de Aquino, 29



Leonardo Dardengo, 31

Lucas Gagliano, 24

Luis Claudio Monleivad, 48

Luis Roberto Anastacio, 50

Marcela Pellizzon, 29

Marcelo Parente, 38

Marco Mendonça, 44



Pedro Luiz de Orleans e Bragança, 26

Roberto Chem, 66, e a filha Leticia, 36, e a mulher Vera, 63

Silvio Barbato, 50

Simone Jácomo, 41

Sônia Maria Cordeiro, 67, e seu marido Ferdinand Porcaro, 79

OUTROS BRASILEIROS Ana Luisa Curty, Angélica Cristina de Oliveira Silva, Bruno Palaio, Carlos Mateus, Eduardo Moreno, Francisco Vale, Izabela Kestler, Jean Claude Louzout, João Marques Silva, Leonardo Pereira Leite, Luciana Seba, Marcelle Valpaços, Marcia Moscon, Maria Vale, Maria Teresa Marques, Mateus Antunes, Nelson Marinho, Octavio Antunes, Patricia Antunes, Paulo Vale, Sonia Ferreira, Soluellington Vieira de Sá, Tadeu Moraes, Valnizia Betzler, Vanderleia Carraro, Veronica Ivanovitch, Walter Carrilho Junior

* Dois nomes não foram divulgados

informar com Sarkozy, decidiu mandar o vice, José Alencar, ao Rio. No dia seguinte, já na Guatemala, Lula comprou a operação de buscas ao êxito do Brasil na prospeção da camada pré-sal: "Eu penso que um país que teve condições de achar petróleo a seis mil metros de profundidade pode achar um avião a dois mil metros."

À tarde, o ministro da Defesa, Nelson Jobim, tomou o lugar dos oficiais e apressou-se em anunciar que a Força

Aérea Brasileira tinha encontrado poltronas, metais, fiações e outros objetos. Perguntado sobre a chance de haver sobreviventes, vangloriou-se: "Nosso sistema de resgate não trabalha com hipóteses." Vinte quatro horas depois, a Marinha divulgou nota mostrando que o que a FAB viu não eram destroços do avião, mas sim um estrado de madeira, sem identificação.

Octávio Costa

ANEXO C – Revista Visão

ALEXANDRA LENCASTRE ENTREVISTA

'APETECE-ME FAZER AS MALAS E SAIR DAQUI'

COLEÇÃO

GC

Chakall

GRANDES CHEFES

CHAKALL

72 PÁGS. DE RECEITAS
POR €1,50

www.visao.pt
N.º 948 • 10 de Junho 2009 • Continente e Ilhas: € 2,85

VOO AF447

VISÃO

MISTÉRIO NO CÉU

SETE AVIÕES DA TAP ESTAVAM NA ZONA INTERTROPICAL NO MOMENTO DO DESAPARECIMENTO DA AERONAVE FRANCESA

- As dúvidas e as teorias sobre o acidente do avião da Air France
- A história do voo da transportadora portuguesa que saiu do Rio de Janeiro antes do Airbus
- Os desastres mais intrigantes da aviação

ERNANI LOPES
'SÃO PRECISAS MEDIDAS DÚRAS'

ESCÂNDALO
'CALL GIRLS' NA EMBAIXADA

BPN
OS BASTIDORES DE UMA ZANGA

9 780048 000448

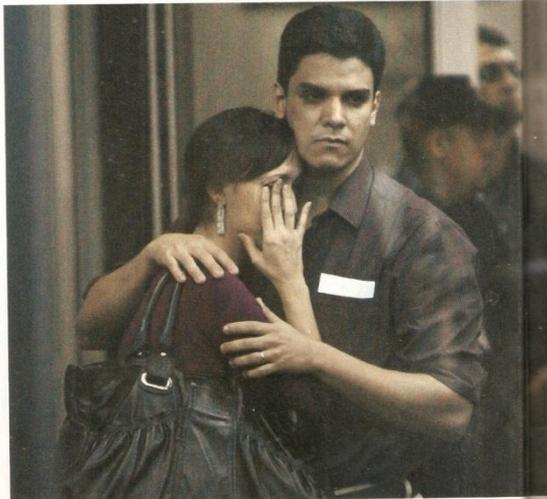
WWW.VISAO.PT

SOCIEDADE
ACIDENTE

Como a TAP evitou o caos

Comandante da transportadora aérea portuguesa desviou-se da zona onde caiu o voo 447 da Air France. Causas do desaparecimento do Airbus 330 são ainda desconhecidas. Mais um enigma para a extensa lista de casos de aviões que sumiram nos ares sem se saber porquê

POR RICARDO FONSEGA*



Uma hora antes de o avião da Air France descolar do aeroporto do Rio de Janeiro (às 23 e 30 de domingo, 31 de Maio), um aparelho da TAP levantava voo em direcção a Lisboa. O Airbus 340 da companhia aérea portuguesa descolou da mesma pista utilizada pelo A330.

Os dois pilotos assumiram os comandos da aeronave só depois de lerem o *briefing* que habitualmente é entregue ao comandante, antes do início da viagem. O plano de voo, além de detalhar a rota aérea, fornece informação meteorológica actualizada. Nenhum deles ficou admirado por as imagens de satélite mostrarem uma longa linha de nuvens sobre o oceano, uma espé-

cie de ponte tempestuosa entre a América do Sul e a África. As frentes intertropicais são obstáculos conhecidos e devidamente estudados pelas transportadoras aéreas. As indicações dadas aos pilotos são claras: devem contorná-las, sempre que elas se revelem ameaçadoras.

Pouco depois de levantarem voo, os pilotos da TAP começaram a ouvir, via rádio, diversas comunicações entre comandantes de outros aviões e os controladores aéreos brasileiros. Um dos participantes era um experiente comandante francês de 58 anos, que prosseguia em velocidade de cruzeiro em direcção a Paris, transportando 228 pessoas a bordo. É bem provável que esta conversa, puramente formal, tes-

temunhada por portugueses, tenha sido uma das últimas comunicações emitidas a partir do interior do aparelho da Air France, antes de desaparecer misteriosamente.

ROTA ALTERNATIVA

O local onde foram encontrados os possíveis destroços do avião – a 650 quilómetros a nordeste do arquipélago de Fernando de Noronha, no Brasil – é praticamente o mesmo onde o avião da TAP efectuou um desvio para evitar a tempestade e as temidas nuvens cumulonimbo, que produzem perigosas correntes de ar, bastante turbulência e pedaços de gelo, que podem atingir o tamanho de uma bola de ténis.

Os radares do Airbus, instalados no na-

As vítimas do AF447

Um príncipe, um maestro, uma cantora, um cirurgião plástico, um oceanógrafo e o presidente da Michelin para a América do Sul integram a lista de passageiros do voo 447. Mais dez trabalhadores da CGE Distribution, fábrica francesa de material eléctrico, que receberam como prémio profissional uma viagem de quatro dias ao Brasil. Executivos de grandes companhias, como a alemã ThyssenKrupp, a brasileira Vale ou a norueguesa StatoilHydro ASA viajavam, também, no voo 447. A bordo seguiam, também, nove cidadãos chineses – a China superou, em Março deste ano, os EUA como principal parceiro comercial do Brasil. «Um trágico testamento da crescente importância do Brasil no mundo global dos negócios», escreveu o diário norte-americano *The Wall Street Journal*. Ao todo, morreram 228 pessoas, de 32 nacionalidades.

Angela Cristina de Oliveira Silva, italiana, responsável por uma organização internacional de orientação e defesa da mulher estrangeira, com projectos no Brasil, Itália, Nigéria e Espanha. Vivia na região de Veneza, com o marido. Tem uma filha de 20 anos.

Ana Carolina Rodrigues, brasileira, 28 anos, membro da ONG Viva

Rio, onde trabalhava no projecto de Protecção de Jovens em Território Vulnerável, realizado nas comunidades do Salgueiro e Jardim Catarina, no Rio de Janeiro.

Ana Negra Barrabeig, espanhola, 28 anos, consultora. Viajou para o Rio de Janeiro em lua-de-mel. O marido, Javier Alvarez, regressara um dia antes ao Dubai,

onde ambos viviam há dois anos e meio. Ela preparava-se para passar os últimos dias de férias em Barcelona, com a família.



Bianca Machado Cotta, médica, e **Carlos Eduardo Macário de Melo**, advogado, brasileiros, voavam para Paris, em lua-de-mel.



AIR FRANCE		AF447	
PARIS DÉPART/SAÍDA/DEPARTURE	AF447	AF444	
PARIS ARRIVEE/CHEGADA/ARRIVAL	23:00	10:30	
RIO ARRIVEE/CHEGADA/ARRIVAL	06:00	17:00	
PARIS ARRIVEE/CHEGADA/ARRIVAL	AF443	AF447	
PARIS DÉPART/SAÍDA/DEPARTURE	18:30	19:00	
PARIS ARRIVEE/CHEGADA/ARRIVAL	06:00	11:15	

www.airfrance.com.br

CHECK-IN	
AF443	12:50 a 15:20
AF447	15:20 a 18:00



HORA FATÍDICA
Familiars choram vítimas do acidente do voo AF447, no aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro. As buscas pelos destroços continuam

riz do aparelho, estão preparados para detectá-las a 400 quilómetros de distância e classificá-las. A escala de cores – verde, amarelo e vermelho – permite aos pilotos perceber aquilo que os espera. Naquele domingo, naquele local, o vermelho era a cor predominante. Por causa disso, o comandante português decidiu-se por um desvio de 100 quilómetros, à direita, durante 30 minutos. Só quando avistou a bonanza é que retomou a rota original. A manobra é habitual e acontece em cerca de 70% dos voos que cruzam a zona intertropical. O voo da TAP chegou a horas e alguns tripulantes só souberam da tragédia ao acordarem de um sono reparador.

Assim que o avião francês deixou o es-

paço aéreo brasileiro, mergulhou numa «zona branca», onde as comunicações com as torres de controlo são impossíveis ou de fraca qualidade. Nesta fase, que pode durar horas, é habitual os pilotos comunicarem entre si. «Sempre que efectuamos uma alteração da rota tentamos informar os aviões vizinhos para que não haja problemas», refere um comandante de linha aérea. A VISÃO sabe que alguns dos pilotos dos sete aviões da TAP, que, no domingo, voavam naqueles corredores aéreos – existem quatro –, tentaram contactar com o AF447, já depois de as autoridades terem emitido um alerta. Apesar dos insistentes pedidos da revista, a TAP impediu os seus pilotos de prestarem declarações. ▶

depois de três anos de ramorno. Tinham dado uma grande festa de casamento no sábado, 30, no late *Clube de Icaíra*, em Niterói.

Christine Badre Schnabi, sueca, e o filho **Philippe**, de 5 anos.

A filha, de 3, viajara no voo anterior, com o pai. O plano era reunir a família no aeroporto Charles de Gaulle (Pa-

ris), de onde seguiriam juntos para Estocolmo. Tinham por hábito viajar em aviões separados, a fim de evitar que, em caso de acidente, os filhos perdessem pai e mãe ao mesmo tempo.

Erlich Heine, suíço-africano, presidente da siderúrgica alemã ThyssenKrupp CSA. Engenheiro de

formação, presidia ao Conselho de Administração da CSA desde Maio.

Georg Martiner, de origem brasileira, 24 anos, foi adoptado por uma família italiana de Ortisei (Bolzano).

Giovanni Batista Lenzi, italiano, deputado

da Província Autónoma de Trento.

Harald Maximilian Winner, alemão, 44 anos, ia à Alemanha tratar dos documentos necessários para se casar, no Brasil, com Helen Pedrosa.

Izabela Maria Furtado Kestler, brasileira, professora na Universidade Federal do Rio de

DEPÓSITO BOAS-VINDAS

SEJA
BEM-VINDO
AO ACTIVO

3% TAMBÉM

No ActivoBank7 os novos Clientes são recebidos com uma grande taxa.

Abra já conta e constitua

o **Depósito Boas-Vindas**,

que lhe oferece 3% (TANB)

num depósito a prazo a 60 dias.

Aproveite esta oportunidade,

disponível para novos Clientes*

até 30 de Junho de 2009.

Para montantes a partir de 500€

e até 50.000€.

Abra conta e ganhe.

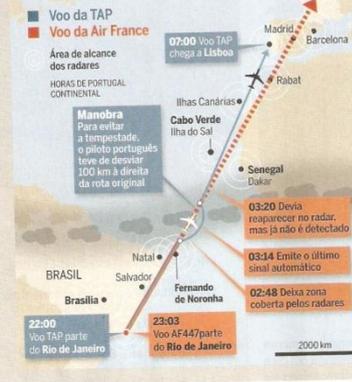
ActivoBank7
ACTIVE O SEU DINHEIRO

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE:
www.activobank7.pt • 707 500 700

*Clientes particulares e maiores de idade, excluindo familiares em economia comum, que não fossem primeiros titulares de uma conta no ActivoBank7 à data de 22 de Maio de 2009.

Riscos na zona de convergência intertropical

A navegação pelo radar é crucial para atravessar esta área junto ao Equador



- 1 Um avião é atingido, em média, por um raio por ano.
- 2 Nesses casos, a corrente circula através da superfície exterior e sai pelo outro extremo
- 3 Os depósitos de combustível são protegidos para resistirem ao impacto de um raio
- 4 O último caso conhecido de explosão de um avião por um raio foi no final dos anos 60

Os A330 estão preparados para resistir a embates de aves ou de bolas de gelo com uma força de 500 kg

- 1 Ventos de nordeste e de sudoeste convergem junto ao Equador
- 2 Ar quente sobe e arrefece, criando tempestades quase permanentes
- 3 As tormentas podem subir até a 20 km de altitude



Tempestade
 A situação à hora do acidente, segundo uma imagem de satélite da meteorologia brasileira

INFOGRAFIA DE REVISTA

► «Quando um piloto deixa de falar, nunca assumimos que o avião caiu. Muitas vezes, apenas significa que está fora do alcance do radar», explica Filipa Figueiredo, 31 anos, controladora aérea no Aeroporto de Lisboa. «O alarme é emitido quando temos a certeza de que nenhum avião próximo consegue o contacto», adianta.

BOMBA A BORDO?

Há vários anos que os Airbus se encontram equipados com uma linha de emergência, que está sempre ligada. «Se eles tives-

sem falado, alguém teria ouvido», explica um piloto com dez anos de experiência. O silêncio total do voo AF447 é o mistério que causa mais estranheza aos especialistas contactados pela VISÃO. «Mesmo numa situação-limite, como a depressurização da cabina, o piloto teria tempo para dar o alerta», refere Luís Esteves, piloto especialista no modelo A330. «O avião é ultramoderno, tem meios de energia suplementares e está preparado para resistir a raios e ao embate de gelo», garante este comandante. «Mesmo uma turbulência

muito forte não inutiliza um avião, pois a estrutura flexível aguenta essas cargas.» Estas são algumas das hipóteses já avançadas para a tragédia, mas todas elas foram rebatidas publicamente por pilotos e engenheiros.

O primeiro-ministro francês, François Fillon, afirmou, no Parlamento, que, para já, «nenhuma hipótese foi descartada». O que inclui também a de uma explosão a bordo. Este cenário já foi rejeitado pelas autoridades americanas que garantem não dispor de qualquer informação que

Janeiro, onde integrava o Departamento de Línguas Anglo-Germânicas. Viajava para a Alemanha para participar no congresso anual da Sociedade Goethe.

Jean-Claude, francês. Ele e a mulher, Yvonne, decidiram, depois do nascimento dos seus filhos, nos anos 80, nunca voarem juntos para evitar, em caso de

acidente que aqueles ficassem órfãos. Yvonne regressara a Paris quinta-feira, 28 de Maio. Tinham estado no Brasil, de férias, em casa de amigos franceses.

Juliana Ferreira Braga de Aquino, brasileira, cantora, 29 anos. A residir há seis anos na Alemanha, regressava

a casa depois de umas férias com a família.



Jane Deasy, Aisling Butler e Eithne Walls, jovens médicas irlandesas, todas na faixa dos 20 anos, tinham ido passar férias no Brasil e estavam de regresso a casa,

Leonardo Veloso Dario, brasileiro, 31 anos, oceanógrafo. Viajava para França, onde iria fazer um doutoramento.

Luiz Roberto Anastácio, brasileiro, presidente da Michelin para a América do Sul.

Viajavam com ele Antonio Caires, director de Informática, e Christin Pierearts, funcionária da empresa, em Paris.

Luís Cláudio Monlevad, brasileiro, 48 anos, gerente de qualidade da unidade de canalização da multinacional francesa Saint-Gobain. Viajava para Paris a fim de participar numa reunião de trabalho.

Octávio Augusto Ceva Antunes, brasileiro, professor de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi consultor da organização

Mundial de Saúde, na produção de fármacos anti-HIV, e professor convidado na Universidade Louis Pasteur de Estrasburgo.

torne verosímil a teoria de um atentado terrorista. «Algo de muito grave impediu que o comandante emitisse um alerta. Uma explosão é, provavelmente, o mais correcto dos prognósticos», refere outro comandante de linha aérea português.

Sabe-se que o aparelho emitiu um alerta automático, identificando um problema eléctrico a bordo. Calcula-se que isso tenha acontecido pouco antes da queda em direcção ao Atlântico. «Sabemos também

Uma explosão é, provavelmente, o mais correcto dos prognósticos'

Piloto português

que o avião voava a menor altitude porque estava pesado, devido à grande quantidade de combustível», aponta o mesmo piloto. «Isso tornava-o mais vulnerável às tempestades.»

COMPREENDER OS DESTROÇOS

Os investigadores que pegarem neste caso vão certamente ter em conta outros dois episódios que ocorreram com dois Airbus A330, da companhia australiana Quantas.

A 7 de Outubro de 2008, o voo QF72, entre Singapura e Perth, na Austrália, deu um mergulho de 300 metros em pouco segundos, quando se encontrava a 11 mil metros de altitude e a cerca de 1,4 quilómetros do aeroporto de Learmonth. Misteriosamente, o piloto automático tinha sido desligado pelo computador central, que logo depois deu várias ordens operacionais sem qualquer sentido, o que provocou várias subidas e descidas descontroladas. Com ▶



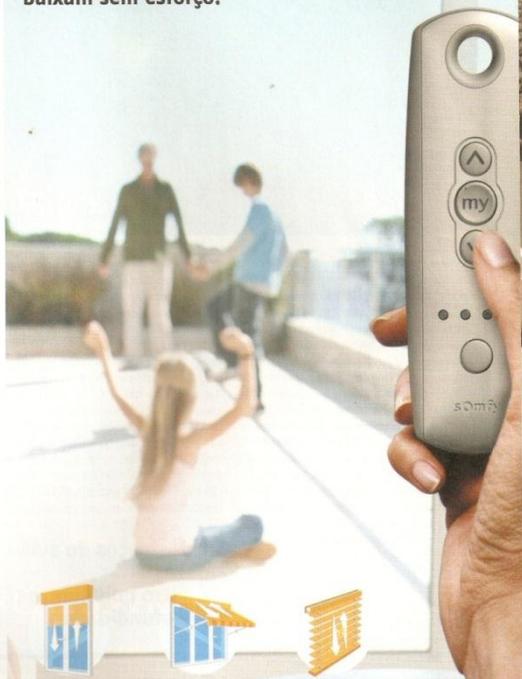
Pablo Dreyfus, argentino, 38 anos, coordenador de pesquisa do projecto de controlo de armas da ONG Viva Rio e um dos responsáveis pela criação do Estatuto do Desarmamento. Formado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires.



Roberto Corrêa Chem, brasileiro, 66 anos, cirurgião plástico, chefe do Serviço de Cirurgia Plástica da Santa Casa de Porto Alegre e professor de Medicina da Universidade Federal de Ciência da Saúde, de Porto Alegre. Viajava acompanhado pela mulher, a psicóloga

Tão simples como apertar um botão

Com os automatismos Somfy os seus Estores, Toldos e Cortinados sobem e baixam sem esforço.



Descubra o Conforto

Confie nos instaladores especializados Expert Somfy, se quer o melhor aconselhamento e serviço

Contacte-nos!

Irá descobrir a melhor solução para as suas necessidades.

www.somfy.pt



BUSCAS Militar da Força Aérea Francesa inspeciona a zona do Atlântico onde o avião pode ter-se despenhado

► esforço, o comandante conseguiu domar a máquina e aterrar de emergência. Resultado: 40 feridos, 11 em estado grave.

As investigações ao episódio orientaram-se para a hipótese de uma interferência de ondas eletromagnéticas utilizadas por uma base naval americana para comunicar com navios de guerra e submarinos nucleares estacionados no Pacífico e no Índico. Esta tese não durou mais de um mês. Só foi recuperada quando, no final de Dezembro de 2008, outro aparelho A330, passou por um episódio semelhante – o piloto automático desligou-se, sem explicação. Apesar de avião já se encontrar sobre o oceano, o comandante conseguiu regressar ao aeroporto. Em Março deste ano, os jornais britânicos *The Times* e *Daily Mail* noticiaram que foram agendados novos testes para determinar uma eventual interferência das instalações militares americanas. Para já, ainda não há conclusões.

No caso do aparelho da Air France, os

destróços da aeronave serão as testemunhas silenciosas do que se passou. Mas a sua recuperação poderá revelar-se uma das mais complexas operações do género. A zona do Atlântico, onde foram sinalizados uma poltrona, uma bóia laranja e várias manchas de combustível, tem cerca de quatro quilómetros de profundidade. A análise do local só será possível com o apoio de submarinos comandados à distância, pois a elevada pressão impede o uso de submersíveis tripulados. O objectivo principal é recuperar as caixas negras do avião, que poderão fornecer informação suficiente para se deslindar o mistério. Esses objectos foram construídos para su-

portar condições extremas – em 1987, foi possível recuperar as gravações áudio de um avião da South African Airways, afundado a 4 200 metros.

Note-se que não é necessário trazer os destróços à superfície para se perceber o que se passou. Um olhar treinado pode «ler» o que aconteceu. «A dispersão ou concentração dará indícios de como se deu o embate na água, se houve separação de peças no ar, se houve explosão ou fogo, por exemplo», explica o tenente-coronel Fernando dos Reis, 57 anos, director do Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves (GPIAA). «O estudo dos destróços efectua-se através de desenhos realizados no local, de fotografias e filmes. O facto de estarem no fundo do mar não é impeditivo, basta recordarmos a análise do *Titanic*.» Agora, basta encontrá-los – para compreender o que causou a tragédia. *COM ANA NAVARRO PEREIRA, ANA PEREIRA DA SILVA E PATRÍCIA FONSECA

Os destróços do avião podem estar a quatro quilómetros de profundidade

Vera Chem, 63 anos, e pela filha, Leticia Chem, 44 anos, gerente da operadora Oi. O destino da família era Atenas, Grécia.



Pedro Luis de Orleans e Bragança, brasileiro, 26 anos, descendente de D. Pedro II e quarto na linha sucessória ao trono brasileiro. Filho do

príncipe D. António, era presidente de honra da Juventude Monárquica do Brasil.

Giovanni Batista Lenzi, italiano, deputado da Província Autónoma de Trento e Região Alto Adige, e **Luigi Zortea**, italiano, autarca de Canal San Bovo, em Trento, estiveram em Gaspar (SC) para fazer uma doação de 22 mil euros

às vítimas das cheias em Santa Catarina.



Rino Zandonai, italiano, director da Associazione Trentini Nel Mondo;



Silvio Barabato, brasileiro, 50 anos, lá a caminho da Ucrânia, reger um concerto com a Orques-

tra Sinfónica de Kiev. Depois, seguiria para Itália, onde se encontraria com a filha Elisa. As viagens faziam parte do quotidiano deste maestro brasileiro de origem italiano. Director musical da Sala Paulestina, em Roma, uma casa longos anos à frente da Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, de Brasília, e

do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, estudou em Milão, fez o doutoramento em Chicago e dava frequentemente concertos fora do Brasil. Era conhecido, aliás, como se recorda no blogue de um amigo, por se sentir à vontade tanto nas grandes salas de concerto da Europa como em humilde salas do interior brasileiro. Por Lisboa passou para dirigir um concerto comemorativo dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, no Mosteiro dos Jerónimos. Para breve, tinha marcada uma digressão no seu país, com espectáculos de homenagem ao compositor Cláudio Santoro, com quem estudou, no início da carreira. Projectos não lhe faltavam: ia ver encenada no Brasil a sua ópera *Chagas*.

ANEXO D – Revista Sábado

TUDO SOBRE O VOO DA AIR FRANCE E OUTROS CASOS NUNCA EXPLICADOS

OS MAIORES MISTÉRIOS DOS AVIÕES DESAPARECIDOS

SÁBADO

0 0246
5 40583 706459

As relações amarrotadas de Dias Loureiro, Belmiro, Amorim, Bernardo e outros

AS GUERRAS NAS MAIORES EMPRESAS

INTRIGAS, TRAIÇÕES E AS LUTAS PELO DINHEIRO

As estratégias e conspirações que os milionários portugueses utilizam para destruir os adversários e controlar o poder

QUATRO DIAS COM NUNO LOPES
O humorista que passou 15 horas a ver vídeos de Ronaldo

CASO DA CRIANÇA RUSSA
Mãe de Alexandra esfaqueou o namorado

Mundo

A queda do voo AF 447
no Atlântico será sempre
um mistério se não for
encontrada a caixa negra
do Airbus A330

TRAG

A

E

Por
enc
rast

A

quã?
ca se
os an
res, s
o Afir
Rio d
para
penh
A
lotos
reos
gada

SABAR

TRAGÉDIA. CASOS DE DESAPARECIMENTOS MISTERIOSOS

AVIÕES QUE SE EVAPORARAM

Por que caiu o Airbus da Air France com 228 pessoas só se saberá se a caixa negra for encontrada. Mas há muitos mistérios: casos de aparelhos que desapareceram sem deixar rasto — ou em que não há explicação razoável para terem caído. **Por Nuno Paixão Louro**

A sigla AF 447 entrou para uma das listas negras da História da aviação: a dos voos que acabaram não só em tragédia como envolvidos em mistério. Como caiu? Porquê? Se a caixa negra não for recuperada, nunca se saberá. Como em muitos casos em que os aviões desaparecem de súbito dos radares, só ficam perguntas. A única certeza é que o Airbus A330-300 da Air France que partiu do Rio de Janeiro, no domingo à noite, dia 31, para Paris, com 228 pessoas a bordo, se despenhou no meio do Atlântico.

A última comunicação rádio entre os pilotos do voo AF 447 e os controladores aéreos ocorreu às 02h33 (de Lisboa) da madrugada de dia 1, quando o Airbus estava a 565

quilómetros da cidade de Natal. Segundo a Air France, por volta das 3h o avião "entrou numa zona de fortes turbulências" e 15 minutos depois enviou um aviso automático de falha eléctrica no sistema quando voava

O avião da Air France levava 228 pessoas a bordo: a maior parte do Brasil e de França

700 km para nordeste da ilha de Fernando de Noronha. Pouco depois, os pilotos não comunicaram a entrada no espaço aéreo senegalês, como previsto. Foi então que o avião desapareceu dos radares.

Demorou mais de um dia e meio a surgirem sinais no meio do mar. Só ao fim da tarde de terça-feira, depois de buscas intensas da Força Aérea e da Marinha, o Governo do Brasil sugeriu existir uma indicação forte de terem sido avistados prováveis destroços do voo AF 447 a mais de 650 quilómetros de Fernando de Noronha. A aviação brasileira revelou ter detectado no mar o que poderia ser uma grande mancha de combustível a boiar, uma bóia cor-de-laranja, um tambor e uma cadeira.

Antes tinham surgido várias informações não confirmadas. Tripulantes de um avião da companhia TAM disseram ter visto pequenos pontos alaranjados no oceano que ▶

MUNDO



O avião Airbus A330 da Air France antes de descolar do aeroporto do Rio de Janeiro

► poderiam ser destroços a arder, a cerca de mil km da costa do Nordeste brasileiro. E da costa africana, do Senegal, as autoridades chegaram a anunciar que tinham encontrado destroços que poderiam ser do avião da Air France, mas o achado não teve confirmação – só adensou o mistério.

Sem certezas sobre o que originou a queda do avião até ser encontrada a sua caixa negra, os especialistas apontaram causas prováveis. Para uns, e devido às baixas pressões registradas na região, a causa pode estar num raio fulminante que atingiu o aparelho ao entrar numa zona de grande turbulência e que poderia ter provocado a sua queda.

A maioria dos especialistas, no entanto, recusa aceitar esta tese. Defendem que os

Muitos especialistas dizem que é quase impossível um raio ter provocado a queda do A330

aviões têm uma fuselagem especialmente projectada para conduzir a electricidade, fazendo com que, na prática, um raio entre por uma ponta do avião e saia pela outra sem causar danos. Além disso, o A330 está equipado com sistemas sofisticados em duplicado contra descargas eléctricas, o que o torna imune a raios. Um raio poderia danificar o sistema electrónico, mas o piloto manteria ainda o controlo do avião.

As caixas negras emitem um sinal durante cerca 30 dias que permite a sua localização até 6 mil metros de profundidade. Depois disso, dificilmente serão encontradas. Se não forem, o desaparecimento do voo AF 447 continuará para sempre a ser um mistério. Como os casos seguintes.



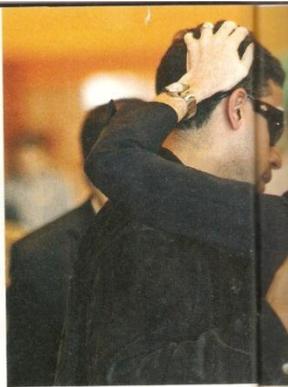
VOO PP-VLU TÓQUIO-LOS ANGELES (VARIG)
30 DE JANEIRO DE 1979, BOEING 707-323 CARGO

Além de experiente, o comandante brasileiro Gilberto Araújo da Silva era um piloto famoso: fora o único tripulante a sobreviver, juntamente com 10 passageiros, ao fatídico voo 820 da Varig, que fez uma aterragem de emergência num campo agrícola a 4 quilómetros do aeroporto de Orly, França, em 11 de Julho de 1973; morreram 123 pessoas. No dia 30 de Janeiro de 1979, Araújo tinha como missão levar um cargueiro Boeing 707-323 do aeroporto de Narita, em Tóquio, para Los Angeles. Nos porões, além de toneladas de carga, iam 153 quadros do pintor abstracionista japonês naturalizado brasileiro Manabu Mabe, que tinham participado numa exposição e estavam avaliados, na época, em 1,2 milhões de dólares (870 mil euros).

O avião, com seis tripulantes, levantou voo e 30 minutos depois desapareceu sobre o Oceano Pacífico. Durante uma hora, a torre de controlo tentou estabelecer contacto rádio. Durante oito dias, aviões e navios procuraram sinais do avião – destroços ou corpos a boiar. Nada foi encontrado. Anos mais tarde, fizeram-se novas tentativas para localizar o Boeing PP-VLU no fundo do mar, sem êxito.

O misterioso desaparecimento do avião da Varig alimentou especulações. Uma delas – estava-se em plena Guerra Fria – era que o cargueiro levaria a bordo os códigos de computadores retirados de um MiG-25 soviético que tinha desertado da base de Saharavka e pousado no aeroporto da ilha japonesa de Hokkaido, em 1976, um facto comprovado. Para impedir que os códigos chegassem aos Estados Unidos, o avião teria sido interceptado por caças soviéticos e sido obrigado a pousar na União Soviética.

Mas a verdade é que a torre de controlo de Narita não registou outros aviões no espaço aéreo e o mistério permanece, ao fim de 30 anos. Os quadros de Manabu Mabe também nunca apareceram.



VOO 990 NOVA IORQUE-CAIRO (EGYPTAIR)
31 DE OUTUBRO DE 1999, BOEING 767-366ER

Partiu de Nova Iorque com destino ao Cairo, Egito, com 217 pessoas a bordo. O Boeing 767 tinha trocado duas rodas do trem de aterragem e parecia estar em ordem. Meia hora após ter levantado voo desapareceu do radar, em pleno Oceano Atlântico, a cerca de 100 km da costa americana, frente a Nantucket. Equipas de resgate foram enviadas para o local no dia seguinte, recuperaram destroços e restos de corpos mutilados. Momentos antes, a tripulação tinha comunicado anomalias no funcionamento de um reactor e no sistema das luzes do ar condicionado, que acendiam sem motivo.

A torre de controlo do aeroporto JFK, em Nova Iorque, revelou ter seguido no radar a descida abrupta de altitude do avião: em apenas 36 segundos caiu de 10 mil metros para 6 mil. Segundos depois perdeu-se o sinal do radar e foi impossível voltar a comunicar. A recuperação da caixa negra do Boeing 767 revelou que o co-piloto Gámeel Al-Batouti desligou o piloto automático e mergulhou deliberadamente no oceano enquanto repetia "Tawakalt ala Allah" ("Eu acredito em Deus"). No Egito, as autoridades aéreas e amigos do piloto afirmaram não acreditar nessa versão de suicídio.



Familiares de passageiros que embarcaram no voo recebem apoio



res. Nunca encontraram destroços afundados do voo 201.

VOO NC-16002 SAN JUAN-MIAMI
28 DE DEZEMBRO DE 1948, DOUGLAS DC-3

aeroporto de Fort Lauderdale, na Florida. A bordo seguiam o piloto Chuck Sorren, os co-pilotos Al Wharton e Gerald Lancaster, e três passageiros. Numa viagem sem sobressaltos, a torre de controlo detectou um abrandamento de velocidade do voo 201, mas não recebeu nenhum alerta dos pilotos. De repente, o radar registou uma queda abrupta de altitude do Cessna e o avião desapareceu do radar.

Durante vários dias, aviões dos Estados Unidos, do Reino Unido e das Bermudas participaram em operações para localizar o avião, sem terem encontrado o mais pequeno vestígio de destroços. Para adensar o mistério, uma mulher na ilha de Bimini jurou ter visto o avião cair a cerca de 1,5 km da costa. Dias depois, navios passaram a área a pente fino, com sofisticados sona-

res. O capitão Robert Lindquist já tinha feito dezenas de vezes aquela viagem nocturna de 1657 km. Levantou voo do aeroporto de San Juan, Porto Rico, com destino a Miami, na Florida, onde iria ficar para a passagem de ano. A bordo levava dois tripulantes e 29 passageiros. Antes de levantar, um problema com as baterias tinha-o levado a cancelar o voo mas, com a sua substituição, decidiu voar. Onze minutos depois de estar no ar, comunicou à torre que seguiria para Miami. A torre de controlo de San Juan nunca recebeu essa comunicação, mas o centro de comunicações de Porto Rico ouviu-a. Seis horas depois, a 80 km de Miami, pediu instruções por rádio para a aterragem. O centro de tráfego aéreo respondeu-lhe, mas nunca mais teve contacto com o voo NC-16002.

A investigação ao desaparecimento do DC-3 especulou que o equipamento pode ▶

VOO 201 FLORIDA-BIMINI (PRIVADO)
31 DE MARÇO DE 1984, CESSNA

Desaparecimentos inexplicáveis de aviões na área do Triângulo das Bermudas fazem dessa zona a mais misteriosa do oceano. Em 1984, um Cessna com destino à ilha Bimini, nas Baamas, levantou voo do

PTAIR)

ino ao
erdo. O
dias do
em or-
bo de-
ceano
a ame-
de res-
dia se-
ntos de
s, a tri-
llas no
istema
acên-

EK, em
o radar
ão: em
metros
se o si-
comu-
gra do
ameel
nático e
ano en-
"Eu
torida-
maram
sio.

SÁBADO



Alberto Ferreira & Aguiar, Lda

- Sede e Exposição:
R. Novais da Cunha, 640 - S. Cosme
4420-224 Gondomar
Telef: +351 224 664 260
Fax: +351 224 664 269
comercial@neves-roupeiros.com

- Fábrica e Escritório: R. Formiga, 401
(Z. Indust. Formiga) Apartado 1506
4435-990 Bagim do Monte - Gondomar
Telef: +351 229 773 440
Fax: +351 229 773 449
fabrico@neves-roupeiros.com

- Filial e Exposição: (Algarve) E.N. 125
Parque Industrial do Rogel - Fracção F
Apartado 113 - 8365-908 Alcantarilha
Telef: +351 282 322 860 / 961
Fax: +351 282 322 859
filial@neves-roupeiros.com



www.neves-roupeiros.com

Roupeiros à sua medida

MUNDO



► ter sofrido alguma anomalia e que o piloto pode ter sido forçado a mudar de rota devido a más condições climáticas. Mas vários relatórios da altura afirmam que o tempo estava óptimo e que o rádio não tinha qualquer problema. As equipas de resgate nunca encontraram vestígios do avião.

VOO 441 MARYLAND-LAJES (MILITAR)

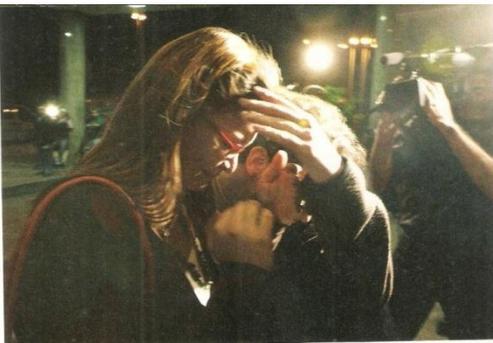
30 DE OUTUBRO DE 1954, R7V-1

■ Sem explicação até hoje continua o desaparecimento do avião da marinha norte-americana, um Super Constellation R7V-1, que desapareceu dos radares a 400 milhas da costa americana, em pleno Triângulo das Bermudas. Com 42 passageiros a bordo, militares e familiares que regressavam à base das Lajes, nos Açores, o avião manteve-se em contacto com os centros de controlo até às 23h30, hora a que foi registada a última comunicação, muito fraca, do avião.

A rota do voo era bem conhecida do tenente piloto Leonard, que há dois anos voava entre as Lajes e a base aérea de Maryland. O desaparecimento levou a uma das maiores e prolongadas operações de busca no Atlântico Norte, mas não foi encontrado o menor vestígio.

Todas as explicações avançadas pela aeronáutica americana foram meras conjecturas que levaram à realização de vários relatórios. Todos convergiram para uma mesma conclusão: "É um completo mistério."

A única certeza é que o R7V-1 estava em vantagem em relação aos aviões civis comerciais por estar equipado com o radar ASP-42, especialista em condições climáticas e cuja electrónica fornecia ao piloto a altitude certa para voar e escapar



a tempestades e turbulências. O outro facto confirmado é que Leonard informou o centro de controlo de que subira de 14 para 17 mil pés para passar por cima de nuvens densas. Todos os relatórios afastaram a hipótese de uma explosão no ar porque, nesse caso, a carga tinha de ter ficado a boiar no mar.

VOO 19 TREINO MILITAR (EUA)

5 DE DEZEMBRO DE 1949, 5 AVIÕES T8F AVENGER

■ O misterioso voo 19 é um dos mais estudados e documentados casos de desaparecimentos aéreos e tido como responsável pela popularidade do Triângulo das Bermudas, área de um milhão e cem mil quilómetros quadrados no Oceano Atlân-

Dor e desespero de quem perdeu familiares que embarcaram no voo com destino a Paris



tico entre as Bermudas, Porto Rico e Fort Lauderdale (Flórida) também conhecida por Triângulo do Diabo.

Na tarde de 5 de Dezembro de 1948, cinco aviões bombardeiros Avenger levantaram voo da base naval de Fort Lauderdale, numa missão de treino. Chefiados pelo comandante Charles Taylor, os aviões eram dirigidos por cinco jovens pilotos, que levavam oito alunos finalistas. O objectivo era simularem um ataque aéreo às ilhas Rasas, a 90 km de Miami, descreverem um triângulo imaginário num percurso de 500 km de voo e regressarem à base.

Uma hora depois, o controlo aéreo da Flórida ouviu uma comunicação de um dos pilotos a dizer que estava perdido depois de ter seguido direcções erradas de voo dadas pelo comandante Taylor. As comunicações perderam-se e os aviões nunca foram descobertos. A investigação só terminou a 3 de Abril de 1946 e concluiu que o comandante Taylor se enganou a identificar as ilhas Rasas, levando os pilotos recém-formados a seguirem em direcções diferentes. Ter-se-iam perdido e, eventualmente, ficaram sem gasolina e cairam no mar. Mesmo assim, o veredicto oficial do caso aponta "causas e motivos desconhecidos" para o misterioso desaparecimento. ●

Voos turbulentos

SUSTOS PROVOCADOS POR POÇOS DE AR, TEMPESTADES E CHUVA DE GRANIZO

GRANIZO. Em Maio de 2003, um Airbus da BMI foi atingido por granizo entre Chipre e Manchester; ficou com um buraco do tamanho de uma bola de futebol.

TEMPESTADE. Um Airbus 320 da TAM foi atingido em Março de 2006, perto de São Paulo, por uma tempestade de gelo: o vidro do cockpit estalou e o bico do avião ficou gravemente danificado.

TURBULÊNCIA. Um Boeing 747 da Northwest Airlines apanhou poços de ar e turbulência severa quando voava para Tóquio em Fevereiro de 2009. Trinta pessoas ficaram feridas, 10 com gravidade, a necessitar de hospitalização.